



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Ciências Sociais e Humanas

# **Ciúme e Satisfação Sexual na População Portuguesa**

**Catarina Oliveira Lucas**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre na especialidade  
**Psicologia Clínica e da Saúde**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor Henrique Pereira  
Co-orientadora: Professora Doutora Graça Esgalhado

**Covilhã, Junho de 2011**



## Dedicatória

Dedicado a...

Incontornavelmente aos meus pais e irmã, e a quem um dia me disse:  
“Pedras no caminho? Guardo todas. Um dia vou construir um castelo...”

“Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes,  
mas não esqueço de que a minha vida  
é a maior empresa do mundo...  
E que posso evitar que ela vá à falência.  
Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver  
apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.  
Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e  
se tornar um autor da própria história...  
É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar  
um oásis no recôndito da sua alma...  
É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.  
Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.  
É saber falar de si mesmo.  
É ter coragem para ouvir um “Não”!  
É ter segurança para receber uma crítica,  
Mesmo que injusta...

Pedras no caminho?  
Guardo todas, um dia vou construir um castelo...”

(Fernando Pessoa)



## Resumo

A presença do ciúme nos relacionamentos amorosos é objecto de estudo no domínio científico, mas a sua compreensão encontra-se ainda distante. Se por muitos é encarado como algo nefasto à vivência do amor, é por outros considerado uma manifestação do mesmo, tornando-se assim complexo o seu estudo. Nesta perspectiva, a presente investigação possui como objectivo primordial a análise da relação entre ciúme e satisfação sexual. Para o efeito, foi utilizada a Escala Multidimensional de Ciúme (Pfeiffer & Wong, 1989) e o Inventário de Satisfação Sexual Golombok-Rust (Rust & Golombok, 1986), instrumentos aplicados a 1169 participantes (474 homens e 695 mulheres) com idade igual e superior a 18 anos.

Os resultados indicam que são as mulheres que possuem maiores níveis de ciúme e menores índices de satisfação sexual. São também os sujeitos mais velhos, casados e que possuem uma relação com maior duração que possuem níveis mais baixos de ciúme e menores índices de satisfação sexual. Além disto, os sujeitos que relatam a existência de problemas no relacionamento evidenciam níveis de ciúme mais elevados e índices de satisfação sexual mais baixos. Os participantes muito satisfeitos com o relacionamento revelam também maiores níveis de satisfação sexual.

Também se observou uma relação positiva entre a insatisfação sexual e o ciúme total, comportamental e cognitivo, e uma associação negativa entre a mesma variável e o ciúme emocional. Estes resultados corroboram a importância de se encarar o ciúme enquanto um construto multidimensional, sendo o ciúme cognitivo e comportamental que detêm maior influência na satisfação sexual. Conclui-se ainda que níveis moderados de ciúme parecem estar relacionados com uma maior satisfação sexual.

**Palavras-chave:** ciúme; ciúme cognitivo; ciúme emocional; ciúme comportamental; satisfação sexual.



## Abstract

The presence of jealousy in the loving relationships is the subject of study in science, but their understanding is still distant.

If it is perceived by many as something negative to love experiences, it is faced by others as a demonstration of it, becoming something very complex in its study. In this perspective, the present investigation possesses, as the main goal, the analysis of the liaison between jealousy and sexual satisfaction. To fulfill this purpose, the Multidimensional Jealousy Scale (Pfeiffer & Wong, 1989) and the Golombok-Rust Sexual Satisfaction Inventory (Rust & Golombok, 1986) have been used and implemented into 1169 participants (474 men and 695 women) with 18 years old aged and more.

The results indicate that are women who possess the higher levels of jealousy and lower levels of sexual satisfaction. They are also the subjects older, married and have a relationship with longer duration that have lower levels of jealousy and lower rates of sexual satisfaction. Besides, the individuals who express the existence of relationship problems show levels of jealousy more elevated and more lower levels of sexual satisfaction. The participants with low satisfaction in their relationship also reveal lower levels of sexual satisfaction.

It was also observed a connection between the sexual dissatisfaction and the total, behavioral and cognitive jealousy, and a negative association between the same variable and the emotional jealousy.

These results prove that it is important to face jealousy as a multidimensional construct, with cognitive and behavioral jealousy to have a greater influence on sexual satisfaction. Conclui-se ainda que níveis moderados de ciúme parecem representar maior satisfação sexual. It is also concluded that moderate levels of jealousy to be associated with greater sexual satisfaction.

**Key-words:** Jealousy; cognitive jealousy; emotional jealousy; behavior jealousy; sexual satisfaction.



## Agradecimentos

*A vida não é mais do que uma viagem de comboio repleta de embarques e desembarques, salpicada por acidentes, surpresas agradáveis em algumas estações e profundas tristezas noutras (Hilcar, 2005).*

Eis que é chegado o momento de transmitir por palavras e num pedaço de papel, todo o meu sentimento de gratidão para com aqueles que permitiram a concretização deste sonho e me apoiaram ao longo de todo este tempo.

Enquanto escrevo estas linhas, mergulho no passado e recordo todo um percurso, todo um trajecto académico e pessoal, que embora curto se revela tão intenso e significativo. Recuo até ao dia em que pela primeira vez a psicologia emergiu na minha vida como um caminho a seguir. Movida pelo fascínio e pelo amor a esta ciência que se propunha estudar o comportamento humano, segui em frente. É aqui que quero deixar o meu primeiro agradecimento, dirigindo-o incontornavelmente aos meus pais, que apesar de não compreenderem na altura a beleza de tão nobre curso, permitiram-me iniciar a minha demanda em busca de um sonho...ser psicóloga. Estava ainda longe de imaginar o que isto representaria. E assim foi...ao longo de 5 anos, nos quais tudo fizeram para me proporcionar a concretização desse sonho. Obrigado!

Seguindo mais um pouco na reconstituição deste percurso, chega a altura de agradecer às pessoas que conheci ao longo de três anos de licenciatura, tendo cada uma delas deixado uma marca especial em mim. Contudo, não poderia agradecer de forma tão vaga a quem tanto fez por mim, a quem tanto contribuiu para a pessoa que hoje sou. É aqui que entra a deixa para agradecer à Cristina, à Manuela, à Isabel e à Clémence, companheiras de luta com quem partilhei muito mais que uma vida académica. À Cristina agradeço a grande lição de vida que me deixou, tornando-se esta num exemplo de força e coragem para mim. À Manuela, com aquele jeito peculiar que deixou tantas saudades, agradeço todo o companheirismo e amizade. À Isabel e à Clémence, todas as palavras seriam insuficientes...dando mais um passo nesta caminhada, rumo a uma nova universidade, sempre estiveram presentes. São longas horas de partilhas, bons e maus momentos, mas no final algo se mantém intocável, a amizade que nos une.

Já nesta nova universidade, novas aprendizagens, novas conquistas, novas amizades. Aqui, o meu agradecimento vai para todos eles, colegas fantásticos e que tão bem me acolheram...obrigado portanto!

Aproxima-se a recta final deste longo percurso, a realização de uma dissertação que será o culminar de toda esta caminhada. É aqui que quero deixar um agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor Henrique Pereira, pela orientação facultada no início de todo este processo e posteriormente pela ajuda que indirectamente me prestou. Do mesmo modo,

gostaria de agradecer à minha co-orientadora, Professora Doutora Graça Esgalhado, por ter assumido a responsabilidade da minha orientação numa fase em que a sua ajuda foi crucial. Agradeço igualmente ao Professor Doutor Manuel Loureiro pela disponibilidade e ajuda prestada num momento em que o percurso vislumbrado era nublado.

Contudo, a concretização deste projecto não teria sido possível sem a autorização para utilização das escalas e sem a disponibilização para envio dos dados relativos à aferição dos mesmos, agradecendo por isso à Dra. Sandra Vilarinho. Pela ajuda facultada nas traduções, agradeço à Anabela e de igual modo, agradeço a todos os participantes que voluntariamente se disponibilizaram a colaborar na execução do estudo.

É exactamente nesta recta final que o meu percurso é cunhado por um episódio que ditaria uma mudança radical na minha vida, episódio este marcado pela negação, revolta, desânimo, medo, dúvida e apreensão. É aqui que quero deixar o meu mais sincero agradecimento à Dra. Graça Caldeira, à Dra. Patrícia Bernardo e à Dra. Eneia Beixiga por todo o apoio e por tudo o resto que me transmitiram durante este ano.

Seria impossível prosseguir sem referir a Susana, essa amiga incrível que infelizmente apenas agora descobri. Agradeço-lhe tudo aquilo que fez por mim, a ajuda que me deu, a boa disposição, as conversas...enfim...obrigado por tudo. Concomitantemente, deixo o meu obrigado à Filipa por sempre me ter ajudado e acompanhado ao longo destes meses.

Transversal a todas as etapas da minha caminhada, surge aquele que me acompanha desde sempre e me ajuda a levantar quando uma pedra me derruba, aquele que ouve todas as minhas descargas emocionais, aquele que nunca me voltou as costas, mesmo quando o percurso se tornou íngreme, agreste e por vezes de difícil saída. Jamais conseguiria agradecer tudo aquilo que fez por mim, tudo aquilo que me deu, todo o apoio, todo o carinho, todo o amor, toda a força e ânimo. Agradeço a sua companhia ao longo do tempo e o porto seguro que tem sido para mim. Espero conseguir retribuir tudo isto, já que agradecer se torna tão difícil. Contudo, vou tentar...obrigado Paulo!

Aproveito também para agradecer a todos aqueles que não refiro, mas que de alguma forma contribuíram para aquilo que hoje sou, tanto a nível pessoal como profissional.

Agora que cheguei ao fim da viagem, e como se de uma epifania se tratasse, reparo que afinal tudo não passou de uma preparação e que a grande viagem apenas agora se inicia.





## Índice

Dedicatória.....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vii
Agradecimentos .....	ix
Lista de figuras .....	xvii
Lista de tabelas .....	xix
Lista de anexos .....	xxi
Introdução .....	1
Parte I - Corpo teórico .....	5
Capítulo 1- Ciúme.....	7
1.1. O conceito de ciúme .....	7
1.2. Percepção do ciúme ao longo do tempo.....	8
1.3. Conceptualização do ciúme .....	10
1.4. Ciúme e amor .....	11
1.5. Ciúme e infidelidade .....	12
1.6. Causas do ciúme .....	13
1.7. Tipos de ciúme .....	14
1.8. Ciúme: do normal ao patológico.....	15
1.9. Diferenças de género.....	18
Capítulo 2 - Satisfação sexual.....	23
2.2. Sexualidade e amor .....	25
2.3. (In)Satisfação sexual .....	26
Capítulo 3 - Ciúme e sexualidade .....	31
3.1. Ciúme e Satisfação conjugal .....	31
3.2. Ciúme e Satisfação Sexual.....	34
Parte II - Corpo empírico .....	39
Capítulo 4 - Apresentação do estudo .....	41
4.1 - Definição das variáveis em estudo .....	41
4.2 - Objectivos.....	41

4.3 - Hipóteses.....	42
4.4 - Tipo de estudo .....	43
Capítulo 5 - Método .....	45
5.1 - Participantes .....	45
5.2 - Instrumentos.....	49
5.2.1 - Questionário sócio-demográfico.....	50
5.2.2 - Escala Multidimensional de Ciúme.....	50
5.2.3 - Inventário de Satisfação Sexual Golombok-Rust (GRISS).....	53
5.3 - Procedimentos .....	54
5.4 - Análise Estatística .....	55
Capítulo 6 - Resultados .....	59
Capítulo 7 - Discussão.....	71
Capítulo 8 - Considerações finais.....	81
Referências bibliográficas .....	87
Anexos.....	99
Anexo 1.....	101
Anexo 2.....	105
Anexo 3.....	115





## Lista de figuras

Figura 1 - Distribuição percentual dos participantes em função do sexo .....	45
Figura 2 - Distribuição percentual dos participantes em função do parceiro(a) sexual actual .....	48



## Lista de tabelas

Tabela 1. Distribuição frequencial e percentual dos sujeitos em função das habilitações literárias.....	46
Tabela 2. Distribuição frequencial e percentual dos sujeitos em função do estado civil.....	47
Tabela 3. Distribuição frequencial e percentual dos participantes em função da etnia.....	47
Tabela 4. Distribuição frequencial e percentual dos participantes em função do grau de satisfação com o relacionamento em geral .....	48
Tabela 5. Distribuição dos itens pelos factores .....	52
Tabela 6. Variância explicada e alpha de cronbach relativos aos factores .....	52
Tabela 7. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função do sexo .....	60
Tabela 8. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função do meio de residência .....	60
Tabela 9. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função das habilitações literárias.....	61
Tabela 10. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função do estado civil.....	62
Tabela 11. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função da idade .....	62
Tabela 12. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função da duração do relacionamento .....	63
Tabela 13. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função do grau de satisfação com o relacionamento em geral .....	64
Tabela 14. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função da crença numa religião .....	64
Tabela 15. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função da ocorrência de discussões .....	65
Tabela 16. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função da ocorrência de abuso de substâncias .....	66
Tabela 17. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função da existência de diferenças nos valores morais .....	67
Tabela 18. Intensidade e direcção da associação entre o ciúme e a insatisfação sexual.....	68
Tabela 19. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função dos grupos de ciúme.....	68



## Lista de anexos

Anexo 1 - Tabela relativa aos valores de Skewness e Kurtosis dos itens da Escala Multidimensional de ciúme .....	101
Anexo 2 - Questionário distribuído aos participantes .....	105
Anexo 3 - Formulário de consentimento informado .....	115



# Introdução

*“Os ciumentos olham sempre para tudo com óculos de aumento,  
os quais engrandecem as coisas pequenas, agigantam os anões  
e fazem com que as suspeitas pareçam verdades”.*  
(Cervantes)

Ao longo do tempo, as sociedades têm assistido a inúmeras menções ao ciúme, sendo um tema recorrente no âmbito dos relacionamentos humanos e mais concretamente nos relacionamentos amorosos. Deste modo, o amor e os dilemas do ciúme podem ser encontrados em textos bíblicos, mitos, tragédias, bem como em obras de literatura, dança e pintura, tendo-se algumas perpetuado ao longo do tempo, como é o caso de Otelo do autor Shakespeare, em que o ciúme é representado através de um monstro de olhos verdes (Baroncelli, 2011). Assim, o ciúme parece não ser uma experiência contemporânea, mas sim algo atemporal, que atravessa diferentes épocas e múltiplos contextos culturais (Del Priore, 2005).

Sendo a sua presença transversal aos vários períodos do desenvolvimento das sociedades, a manifestação do mesmo, a sua aceitação e vivência no interior da relação entre o casal, foram marcadas pelas especificidades de cada cultura e pela forma de encarar a relação amorosa (Baroncelli, 2011). Contudo, esta presença foi desde sempre encarada maioritariamente como algo prejudicial à vivência do amor, embora se revele uma tarefa hercúlea referir a função e impacto do ciúme nos relacionamentos amorosos.

Frequentemente observado nas relações humanas, o caminho para a compreensão do ciúme parece ser ainda longo, começando até mesmo pela própria definição do conceito, na medida em que estas são múltiplas e que cada uma delas enfatiza distintos aspectos (Carvalho, Bueno & Kebleris, 2008). Se autores existem que o consideram uma emoção, outros por seu lado encaram-no como um sentimento e outros ainda complexificam-no ao considerá-lo uma construção multidimensional (Pfeiffer & Wong, 1989; Worley, 2009). É portanto uma demanda extremamente difícil encontrar uma definição que abarque as múltiplas características de tão complexo conceito.

Todavia, nenhuma conceptualização negligencia o facto de que este detém uma significativa influência sobre o comportamento e sobre as relações humanas, sendo que de todas elas é possível ressaltar aspectos comuns, nomeadamente o ciúme enquanto o medo de perder a importância que cada um detém na vida do outro, transformando-se numa reacção a uma ameaça percebida e à existência de um rival real ou imaginário (Almeida, 2007).

Se a forma de encarar o ciúme se foi alterando ao longo do tempo, também a sexualidade foi ocupando distintos lugares no seio dos relacionamentos. A sociedade tem assistido a mudanças na cultura sexual, a par com as mudanças nas atitudes e

comportamentos sexuais (Peterson & Hyde, 2011). Quando o casamento começou a ser associado ao amor, a sexualidade adquiriu um papel distinto daquele que até então lhe era atribuído e que muito se restringia à função reprodutora. As alterações culturais conduziram a uma vivência diferente da sexualidade, sendo actualmente encarada como um aspecto de grande importância na vida do ser humano, compreendendo não apenas a reprodução, mas igualmente a busca de prazer e de intimidade. Deste modo, a sexualidade pode ser vivenciada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores ou comportamentos e pode ser influenciada pela interacção de múltiplos factores, nomeadamente factores biológicos, psicológicos, sociais, culturais, éticos e religiosos (Pinto, 2010).

Sendo a sexualidade uma componente do repertório comportamental do ser humano, tem vindo a ocupar um lugar de maior destaque enquanto objecto de estudo científico. Além disto, é uma componente importante do relacionamento amoroso, e sendo este influenciado pelo ciúme, é possível que haja igualmente uma influência do ciúme relativamente à sexualidade. Deste modo, o estudo do ciúme e da sua influência na sexualidade reveste-se de extrema importância, contudo, a realização de investigações neste domínio é muito diminuta. Segundo Monclús (2005), a investigação sobre a temática do ciúme centra-se nas décadas de 80 e 90, sendo que após esse período o interesse na análise do ciúme parece ter sofrido um declínio. Tal decréscimo não parece dever-se ao esgotar do conceito, já que até à data não foi ainda possível defini-lo com clareza nem avaliar objectivamente o seu impacto na relação devido às dificuldades em termos da definição do conceito que se encontram supramencionadas. Aliás, a dificuldade no estudo do ciúme é ser encarado por muitas pessoas como uma manifestação de amor, enquanto que outros não o olham segundo esta perspectiva (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008). É possível assim verificar que, tal como Monteiro (2006) referiu, poucas pessoas tiveram o interesse em pesquisar profundamente ou escrever sobre esse sentimento, pelo que talvez se possa supor, que tal se deva ao desconhecimento da origem, das características e do significado deste construto.

Após realizar uma pesquisa inicial em busca de literatura científica, não foi encontrado qualquer estudo que abarcasse a relação entre ciúme e a satisfação sexual, facto que evidencia a necessidade e a pertinência da realização deste estudo, pretendendo-se que este surja como um contributo para o conhecimento científico. Assim, a presente investigação tem como objectivo primordial a análise da relação entre o ciúme e a satisfação sexual e como objectivos mais específicos o estudo de outras variáveis que possam influir os vários domínios do ciúme e a satisfação sexual.

Deste modo, a sequência estrutural desta dissertação, apresenta, num primeiro capítulo o corpo teórico, no qual se abarca a revisão bibliográfica efectuada. Este capítulo encontra-se subdividido em três secções, nomeadamente a secção que respeita ao ciúme, à sua percepção ao longo do tempo, à sua conceptualização, à ligação entre ciúme, amor e infidelidade, tipos e causas de ciúme, diferenças de género, e ainda a discussão acerca da fronteira entre o ciúme normal e o ciúme patológico. No segundo capítulo, que agrega o

estudo empírico desenvolvido, realiza-se uma descrição e caracterização do estudo, são apresentados os objectivos gerais e específicos, as hipóteses, a definição de variáveis e o método. É neste último tópico que se caracterizam os participantes e se descrevem os instrumentos utilizados. São ainda descritos os procedimentos adoptados para a concretização do estudo, e de forma similar procedeu-se à explicitação dos testes estatísticos utilizados com vista à operacionalização das variáveis. De igual modo, são apresentados os resultados obtidos, bem como a discussão dos mesmos. Por fim são apresentadas as principais conclusões do estudo e tecidas algumas considerações finais, sublinhando as limitações da investigação e apresentando sugestões para futuros estudos.



## Parte I - Corpo teórico

---



# Capítulo 1- Ciúme

“Os ciumentos não precisam de motivo para ter ciúme. São ciumentos porque são. O ciúme é um monstro que a si mesmo se gera e de si mesmo nasce” (William Shakespeare, 1604)

## 1.1. O conceito de ciúme

A palavra “ciúme” é vulgarmente utilizada no quotidiano de grande parte das pessoas, adquirindo assim um lugar no seio do senso comum, pelo que toda a gente consegue dizer aquilo a que esta se refere mesmo que seja difícil defini-la com clareza, já que mesmo as definições académicas ficam aquém da sua real significação, visto este ser um conceito extremamente complexo. Deste modo, quando se pensa no ciúme em adultos, comumente se associa a um sentimento ou comportamento de um membro do casal relativamente ao outro (Kennedy-Lightsey & Booth-Butterfield, 2011; Monclús, 2005).

O ciúme encontra-se assim presente no dia-a-dia das pessoas, nos diferentes contextos da existência humana e nos diversos relacionamentos interpessoais estabelecidos, nomeadamente no seio da família, no trabalho, nas relações de amizade, entre outros. Todavia, quando este se verifica no seio de um casal que mantém um relacionamento amoroso, é denominado ciúme romântico (Almeida, 2007; Buss, Larsen, Westen & Semmelronth, 1992). O ciúme romântico difere assim de outros tipos de ciúme, nomeadamente o ciúme entre irmãos (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008). Nesta perspectiva, o ciúme romântico não se refere apenas aos relacionamentos maritais, encontrando-se presente em outros contextos amorosos como o namoro, o noivado, ou outro tipo de relacionamento amoroso (Shackelford, LeBlanc & Drass, 2000).

As definições de ciúme são múltiplas, sendo que cada autor enfatiza ou acrescenta um aspecto, não existindo portanto um consenso acerca desta temática (Carvalho, Bueno & Kebleris, 2008). Apesar disto, refere-se o ciúme como o medo que a pessoa sente em perder a importância que detém na vida do outro (Almeida, 2007). É gerado pela possível perda do companheiro(a) para um(a) rival real ou imaginário(a) (Hupka, 1981), sendo encarado como o sentimento de apreensão relativo à possibilidade de ser abandonado(a), rejeitado(a) e traído(a), ao receio de deixar de ser amado(a) e ao medo da solidão associada ao abandono por parte do parceiro(a) (Ferreira-Santos, 2003; cit. por Almeida, Rodrigues & Silva, 2008). Apesar de parecer evidente que o ciúme não se limita à ameaça representada por um(a) rival (Kennedy-Lightsey & Booth-Butterfield, 2011), em quase todos os países, o ciúme manifesta-se sempre que o parceiro(a) beija, tenta seduzir ou se envolve sexualmente e/ou emocionalmente com alguém (Buunk & Hupka, 1987).

O ciúme é mais que um sentimento ou uma emoção, é uma construção social que abarca vários sentimentos, nomeadamente o amor, o ódio, o medo, a raiva, a inveja, entre outros. Quando um membro de uma família é afectado (quer porque é ciumento ou vítima de alguém ciumento), toda a família é afectada, impondo-se este como um obstáculo à auto-estima, alimentando a insegurança (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008). O ciúme parece assim ser um conjunto complexo de sentimentos e emoções, sendo que por sentimentos e emoções se entende a resposta afectiva dada por alguém a estímulos do meio externo. O sentimento tem no entanto maior durabilidade que a emoção, sendo esta mais intensa e de curta duração (Ferreira-Santos, 2007). Deste modo, ao identificar o ciúme como um conjunto de experiências emocionais, este pode adquirir uma dimensão pluralista, admitindo-se a utilização da palavra ciúmes (Monteiro, 2006).

Por outro lado, há autores que defendem o ciúme enquanto protector da relação, pois as relações interpessoais possuem extrema importância na vida do ser humano, pelo que é normal a existência de emoções específicas que tenham como finalidade proteger essas relações de pessoas rivais. Uma dessas emoções seria assim o ciúme, se este for encarado como uma emoção (DeSteno, Valdesolo & Bartlett, 2006).

Em suma, parece não existir um consenso acerca da definição do próprio conceito, no entanto, o ciúme é um fenómeno actual e muito frequente no contexto clínico (Costa, 2005). Apesar desta falta de unanimidade, Rosset (2004; cit. por Almeida, Rodrigues & Silva, 2008) refere que todas as definições de ciúme têm em comum três aspectos, nomeadamente o facto de ser uma reacção a uma ameaça percebida, haver um rival real ou imaginário e a reacção visar a eliminação os riscos da perda da pessoa amada. Apesar de mais frequentemente ser associado aos relacionamentos amorosos, reduzir o ciúme a este domínio torna-se uma imprudência (Costa & Barros, 2008), embora a literatura conceda maior ênfase ao ciúme romântico (Bevan & Samter, 2004).

## **1.2. Percepção do ciúme ao longo do tempo**

São vários os autores que ao longo do tempo abordaram a temática do ciúme, pelo que a partir deste aspecto se conclui que o ciúme não é um sentimento contemporâneo, mas sim antigo, intemporal e transversal a diferentes épocas e culturas (Monclús, 2005; Nunes, 2006). Alguns consideram o ciúme como um sentimento (Pines & Aronson, 1983), outros encaram-no como uma emoção negativa (Lazarus, 1993), mas aparentemente este não é um mecanismo rígido, já que é sensível ao contexto cultural e social. Deste modo, as mudanças ocorridas no século XIX e XX no domínio familiar, na escolha do parceiro e nos fundamentos do casamento, revestem-se de especial importância para a compreensão dos relacionamentos amorosos actuais (Ortiz & Gálvez, 2009). Começou a existir uma maior aceitação da liberdade individual e da manifestação da sexualidade, passando o ciúme a ser visto como expressão de

um ataque à individualidade. Ao mesmo tempo, era coerente com o desejo de posse e consumo bem marcante na sociedade da época (Santos, 1996).

Desde os tempos bíblicos se tem falado no ciúme, encarando-o como algo que prejudicava o amor (Almeida, 2007). Este é um fenómeno muito comum entre as diferentes emoções humanas (Harris, 2005), estando presente na humanidade desde os seus primórdios e comprometendo o relacionamento interpessoal, quer seja na amizade, no trabalho ou no amor (Monteiro, 2006).

É possível afirmar que o ciúme nas relações amorosas sempre existiu, todavia, o valor que é lhe atribuído difere consoante as épocas e culturas. Desde a Antiguidade que o ciúme é um sentimento reproduzido em mitos gregos ou tragédias, sendo que na Antiga Grécia, o ciúme era encarado como um sentimento inerente ao ser humano, existindo o risco de uma reacção violenta por parte de quem sente ciúme contra o objecto percebido como ameaçador à relação. Já na época do Romantismo, a vida amorosa é decidida através da própria vontade do sujeito, passando a valorizar-se o amor eterno. O ciúme surge assim do medo de perder o alvo desse amor eterno (Nunes, 2006). Nas sociedades monogâmicas actuais, o ciúme surge até como uma protecção da família e dos relacionamentos, uma adaptação à incerteza da paternidade, pois era exigida a fidelidade feminina, no entanto aceitava-se a infidelidade do homem. Actualmente há quem considere o ciúme positivo, sendo que na sua ausência chega a ser provocado (De Silva, 1997). Apesar da evolução dos tempos e das sociedades, bem como da forma de encarar os relacionamentos amorosos, o ciúme permanece e a actual concepção de amor ainda não rompe totalmente com a visão de amor romântico (Nunes, 2006).

Além desta transversalidade cultural e temporal, o ciúme é, tal como já referido anteriormente, um fenómeno universal e não exclusivo do ser humano, sendo que também em muitas espécies animais é possível observar a presença de ciúme. Do mesmo modo, este manifesta-se em todas as idades, porém com características distintas. Ocorre na infância e também entre adultos, sendo vários os comportamentos não apenas sexuais ou amorosos que têm na sua origem a existência de ciúme (Monclús, 2005). Segundo as teorias de aprendizagem social, as pessoas aprendem estratégias relativas ao ciúme a partir da observação (Edalati & Redzuan, 2010).

Conclui-se assim que, não só a existência do ciúme é atemporal, mas que também as preocupações que ele suscita ocorrem desde sempre, bem como os conflitos relacionais por ele causados e suas consequências (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008). Apesar de alguns autores defenderem que o ciúme é inato, alguns comportamentos parecem estimulá-lo, enquanto que outros o minimizam, ou seja, o ciúme é influenciado por factores socioculturais (Bhugra, 1993). Assim, pode deduzir-se que apesar de ser inato, as suas manifestações são aprendidas e é neste aspecto que a cultura e a socialização desempenham um papel fulcral (Wiederman & Kendall, 1999). O ciúme, apesar de existir desde sempre, é atravessado por diferentes perspectivas consoante as peculiaridades das relações sociais em cada tempo e

espaço. Apesar da estreita relação entre o ciúme e o contexto sociocultural, este é um universo quase inexplorado, existindo pouca produção teórica (Nunes, 2006).

### **1.3. Conceptualização do ciúme**

O ciúme encontra-se conceptualizado por diferentes teorias e diferentes autores, sendo que enquanto uns encaram o ciúme como uma emoção, outros consideram-no como uma forma de adaptação, um instinto (Worley, 2009). De igual modo, é possível encontrar perspectivas que o encaram como uma construção aprendida ou como um sentimento inato (Almeida, 2007), universal, normal ao ser humano e proveniente do desejo de exclusividade na vida de uma pessoa (Duarte, Furiatti, Valentim, Longhin e Balthazar, s.d).

As teorias da Análise do Comportamento olham para o ciúme como uma emoção negativa, e tanto os evolucionistas como os teóricos da análise do comportamento encaram o ciúme como uma emoção filogeneticamente determinada, que pode ser benéfica ou prejudicial ao casal. Os evolucionistas referem que o ciúme surge e se mantém devido à sua utilidade para o ser humano, pois mantém a relação, enquanto que os teóricos da análise do comportamento afirmam que o ciúme ocorre quando existe uma cultura que reforça o fenómeno. Para estes, apesar de culturalmente reforçado, este não é necessário e as relações podem ser mantidas na sua ausência (Costa, 2005). Já para os autores Levillain e Marcos (1996), a resposta ao ciúme expressa-se através de respostas comportamentais, emocionais, cognitivas e fisiológicas, o que se afasta da visão do ciúme enquanto uma emoção.

Outra perspectiva a considerar é o ciúme enquanto percepção de ameaça, não necessitando a existência de um objecto real, bastando apenas a existência de uma ameaça real ou imaginada (Worley, 2009). Por outro lado, o ciúme pode também ser encarado como um construto multidimensional, segundo o qual o ciúme é composto por componentes emocionais, cognitivos e comportamentais. O ciúme emocional refere-se a sentimentos negativos experienciados como resultado de uma ameaça percebida, enquanto que o ciúme cognitivo diz respeito aos pensamentos, suspeitas e ruminações sobre a ameaça percebida. Por último, o ciúme comportamental respeita aos comportamentos que evidenciam a existência de ciúme cognitivo e emocional (Pfeiffer & Wong, 1989). Esta perspectiva reconhece a perspectiva multidimensional do ciúme, na medida em que este não se restringe à experiência emocional, englobando também os pensamentos e comportamentos (Worley, 2009), aproximando-se assim do defendido por Levillain e Marcos (1996), acima mencionados.

Pfeiffer e Wong (1989) constataram que as diferentes dimensões do ciúme parecem influenciar a relação amorosa de distintas formas. Estes autores verificaram que existe uma associação positiva entre o ciúme emocional e o amor, bem como associações negativas entre o ciúme cognitivo e o amor, sendo que tais resultados demonstram a utilidade de uma abordagem multidimensional do ciúme. Apesar do ciúme emocional e sexual terem sido os mais estudados, o ciúme enquanto construto multidimensional, composto pelo subtipo

cognitivo, emocional e comportamental pode ter uma maior utilidade na determinação de possíveis relações entre o ciúme e outras variáveis (Pfeiffer & Wong, 1989; Russel & Harton, 2005).

Importa ainda referir o ciúme enquanto sistema, na medida em que este não é apenas algo que se sente, pensa ou faz, mas sim o processo pelo qual esses componentes se manifestam (Worley, 2009).

#### 1.4. Ciúme e amor

O ser humano enquanto ser social tem como necessidade básica, entre outras coisas, estar com o outro, existindo um desejo inconsciente de união (Machado, 2007). Entre as várias finalidades que são apontadas ao amor, retira-se um ponto comum, nomeadamente a tendência de se unir ao outro, de o possuir de forma contínua e formar com ele um todo. No amor romântico, o objecto de amor é o parceiro e a finalidade é a manutenção do vínculo afectivo (Sophia, 2008). Deste modo, no mundo Ocidental, as relações são encaradas numa perspectiva de exclusividade, preservando o estatuto social e legal de monogamia, pelo que a existência de mais que um relacionamento é encarado com desaprovação (Wolfe, 2003). Nas relações estáveis e duradouras existem pressupostos acerca da exclusividade, relativamente a pessoas exteriores à relação, no entanto se no domínio da sexualidade é fácil delimitar a exclusividade, noutros aspectos da vida os membros do casal podem ter percepções diferentes acerca da exclusividade (Silva & Marks, 1997).

Em algum momento da vida, o ser humano procura alguém com quem partilhar a sua existência, no entanto, a fidelidade do parceiro é muitas vezes questionada já que não se está ao lado do outro o tempo todo, acabando por surgir a dúvida, e sempre que a fidelidade é questionada surge o ciúme, emergindo este como uma reacção possível sempre que existe ameaça à estabilidade do relacionamento (Torres, Ramos-Cerqueira & Dias, 1999). Do mesmo modo, Wiederman e Kendall (1999) defendem que o amor não é um produto contemporâneo criado por poetas. O amor existe desde sempre (embora com manifestações diferentes) e independentemente da época este sempre sofreu ameaças, sendo que para evitar essas ameaças surgiria o ciúme. Porém, assim como o amor, ocupou diferentes lugares na vida social, de acordo com o contexto e as concepções das diferentes épocas (Nunes, 2006).

Nesta perspectiva, refere-se o amor como detentor de uma relação muito próxima com outro sentimento, o zelo pela pessoa amada. Aquele que ama, por norma, cuida da outra pessoa, com o intuito de que ela se sinta querida. Todavia, este zelo pode ser distorcido gerando o ciúme. A proximidade entre as duas coisas estende-se mesmo à sua etimologia, na medida em que as duas palavras se relacionam, pois a palavra ciúme provém do latim *zelumen* e do grego *zelus*. É esta proximidade lexical que leva muitas pessoas a tolerar este sentimento e até a encará-lo como uma prova de amor. No entanto, se o amor é voltado para o bem-estar da outra pessoa, o ciúme encontra-se direccionado para o próprio sujeito. Está

associado à possibilidade de ser posto de parte pela outra pessoa (Ferreira-Santos, 2007; Santos, 2002). Cuidar do parceiro é algo natural e até esperado num relacionamento amoroso saudável e neste caso, o comportamento ocorre com controlo e duração limitada, sendo que o desenvolvimento e realização pessoal são preservados (Sophia, Tavares & Zilberman, 2007).

## **1.5. Ciúme e infidelidade**

O ciúme e a infidelidade encontram-se entre as maiores preocupações daqueles que mantêm um relacionamento amoroso (Almeida, 2007). Segundo o estudo de Nunes (2006), a forma como as pessoas encaram a fidelidade, o casamento e os compromissos amorosos, afecta-as de diferentes maneiras, suscitando o ciúme pelo(a) parceiro(a). O facto de ser do conhecimento geral que muitas pessoas traem e consideram isto normal, gera ansiedade e angústia relativamente ao próprio relacionamento. Assim, com as poucas garantias de “amor eterno” e segurança na relação, aumenta a hipótese de emergência do ciúme. Todavia, as atitudes ciumentas extremas encaminham o outro para a direcção indesejada, já que o sentimento de prisão provoca o desejo de encontrar escapatórias (Leal, 1986).

Quando um casal se torna mais íntimo e o relacionamento mais sólido, os envolvidos sentem maior ameaça ao relacionamento e por sua vez o ciúme aumenta. Quando há um maior nível de empenho de ambos os parceiros, o comportamento sexual com uma terceira pessoa é considerado o mais devastador nos relacionamentos. A par desta infidelidade, o ciúme pode ter um impacto avassalador na relação conjugal, destruindo o relacionamento (Edalati & Redzuan, 2010). Nesta perspectiva Miller e Maner (2009) defendem a ideia de que as pessoas mais ciumentas reagem mais negativamente a uma infidelidade.

Quando confrontadas com uma infidelidade, as pessoas experienciam diversas emoções, daí que haja quem defenda que o ciúme é uma emoção composta. Aquando da ocorrência de momentos dominados pelo ciúme, normalmente as pessoas expressam várias emoções primárias, como por exemplo raiva. (Hupka, 1984). Almeida (2007) vai ainda mais longe afirmando que o ciúme é mais que uma emoção, é mais que um comportamento, englobando sentimentos e pensamentos.

Deste modo, diversas teorias têm sido desenvolvidas com o intuito de explicar as causas do ciúme e compreender as diferenças entre homens e mulheres. Uma das principais linhas de investigação sugere que as mulheres são mais sensíveis à infidelidade emocional enquanto que os homens são mais sensíveis à infidelidade sexual, contudo, os estudos não evidenciam de forma clara esta diferença. De igual forma, esta perspectiva defende o ciúme enquanto um mecanismo que teria como função a manutenção da relação com o parceiro, na medida em que a infidelidade entre o ser humano é muito frequente, funcionando assim o ciúme como um sinal de alerta perante essa ameaça. No entanto, é necessário estabelecer a diferença entre ciúme e inveja, já que nesta os sentimentos presentes são a inferioridade, a

autocrítica e a insatisfação. Por seu lado, no ciúme os sentimentos predominantes são a ira, a hostilidade, a suspeita, o ressentimento e a rejeição (Ortiz & Gálvez, 2009).

Alguns autores, como Clarke, DeCicco e Navarra (2010) defendem ainda a existência de uma correlação entre aqueles que possuem sonhos acerca da infidelidade e relatos de traição por parte do outro, sendo que tal aspecto necessita ainda ser mais amplamente fundamentado.

## 1.6. Causas do ciúme

Os mesmos aspectos que justificam o amor, justificam posteriormente o ódio. Contrariamente a outros sintomas, que duram enquanto a causa se mantém, o ciúme perdura além das causas, pois pode iniciar-se mesmo sem elas (Ferrand, 2008). De facto, o ciúme pode surgir após uma traição, sendo que a partir desse momento, a pessoa começa a imaginar novos quadros de infidelidade, existindo assim uma generalização. O outro passa a ser olhado como um potencial traidor, tendo início os comportamentos de controlo e os conflitos. O ciúme pode também estar relacionado com o acumular de conflitos e a deterioração da qualidade do relacionamento. Pode mesmo ocorrer, que perante os comportamentos de perseguição e os conflitos, o outro membro do casal comece mesmo a voltar-se para outros relacionamentos possivelmente mais gratificantes, mas que antes passavam despercebidos (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008). Deste modo, quanto mais elevados os níveis de ciúme, maior a possibilidade de se ser traído (Aylor & Dainton, 2001; Wiederman & Kendall, 1999).

Assim, os factores que parecem estar na origem do ciúme passam pela baixa auto-estima, raiva, desconfiança, tristeza e comportamentos de investigação (Torres, Ramos-Cerqueira & Dias, 1999). Do mesmo modo Theiss e Solomon (2006) demonstram a influência de vários factores no surgimento do ciúme, nomeadamente a incerteza relacional, a interferência de terceiros, as percepções de intimidade e a comunicação. White e Mullen (1989; cit. por Ortiz, Leiva & Jacinto, 2009), acrescentam ainda como variáveis influenciadoras os factores culturais, as características psicológicas da pessoa que sente ciúmes, as características da situação e o tipo de relação. Além disto, também a satisfação e o compromisso no relacionamento fazem parte de um leque de variáveis relacionais que influem a manifestação do ciúme.

O ciúme tem uma extensa variedade de teorias explicativas, sendo no entanto impossível negligenciar a teoria evolutiva, uma das perspectivas mais estudadas. Esta defende que o ciúme no homem surgia da necessidade deste garantir que os filhos eram realmente seus, enquanto que na mulher, o ciúme se manifestava devido ao medo de perder a pessoa que a sustentava. Todavia, a mulher já não depende do homem, embora tal concepção não tenha ainda desaparecido na sua totalidade, já que esta é uma ideia bastante enraizada (Ortiz, Leiva & Jacinto, 2009).

A existência de relacionamentos amorosos anteriores representa uma parcela importante na explicação do ciúme, principalmente no caso dos homens que já os mantiveram, pois estes relatam maior sofrimento aquando de uma infidelidade sexual, comparativamente aos homens sem relacionamentos anteriores (Murphy, Vallanher & Shackelford, 2006). Apesar disto, continuam a existir lacunas acerca da influência da experiência em relacionamentos anteriores no ciúme, especificamente no que concerne ao número de relacionamentos passados, à duração do relacionamento actual, entre outros. Assim, considerando o ciúme como um construto multidimensional, composto por factores cognitivos, emocionais e comportamentais, poderia distinguir-se o tipo de ciúme presente, bem como determinar com maior precisão a relação entre ciúme e outros construtos (Southard & Abel, 2010).

Nesta linha importa ainda referir a perspectiva dos psicólogos socioculturais, que defendem que existe ainda mais uma variável que influencia o ciúme, nomeadamente a comunidade, cuja função é vigiar o cumprimento das regras, fomentando os comportamentos que estão de acordo com elas e inibindo os comportamentos que as contradizem (Hupka, 1981).

## **1.7. Tipos de ciúme**

Diferentes autores consideram diferentes tipos de ciúme, com diferentes causas, motivações e funções. Assim sendo, considerando a perspectiva de Freud, refere-se o ciúme normal, o ciúme projectado (comum em pessoas que possuem ideias e desejos de infidelidade e que os projectam no outro) e o ciúme delirante (pulsões homossexuais reprimidas) (Ríos, 2002).

Do mesmo modo, é possível diferenciar o ciúme em sintomático, patológico, normal, preventivo e reactivo. O primeiro refere-se a uma consequência de uma doença mental, enquanto que o ciúme patológico é característico de pessoas sensíveis a ameaças à sua auto-estima ou à relação mantida (Paul & Galloway, 1994). No que concerne ao ciúme normal, este encontra-se presente em pessoas sem problemas de saúde mental (White, 1991) e o ciúme preventivo surge perante uma série de comportamentos com vista a evitar o êxito do rival antes mesmo de existir um comportamento que desencadeie o ciúme. Por último, o ciúme reactivo surge perante um episódio real, como resposta a um comportamento que já ocorreu (Paul & Galloway, 1994).

Tendo em conta a perspectiva de Buunk (1997), refere-se igualmente o ciúme reactivo, que se refere à resposta do sujeito perante a infidelidade emocional ou sexual do(a) parceiro(a). Constitui uma resposta directa à ameaça de um relacionamento real. Acresce a este tipo de ciúme, o ciúme possessivo, que concerne a indivíduos que fazem esforços para evitar o contacto do(a) seu/sua parceiro(a) com uma terceira pessoa e o ciúme ansioso, que se refere a um processo no qual o sujeito rumina a possibilidade de infidelidade do cônjuge e

experimenta sentimentos de ansiedade, desconfiança ou medo. Pode ser desencadeado mesmo na ausência de sinais de infidelidade.

Nesta perspectiva cita-se ainda Monclús (2005), que descreve o ciúme mediante dois subtipos, o ciúme retrospectivo, através do qual o sujeito sofre porque o seu actual parceiro amou e foi amado, ou seja, pertenceu a outra pessoa, e o ciúme prospectivo, que faz referência ao medo que no futuro ocorram situações que no entender do ciumento justifiquem o seu ciúme.

Uma outra forma de efectuar a tipologia do ciúme é dividi-lo em três categorias, sendo que a primeira se refere ao ciúme normal, que visa proteger a pessoa da angústia. A segunda categoria diz respeito ao ciúme patológico, envolvendo este a vingança e a traição direccionadas ao outro. Por último, na terceira categoria enquadra-se o ciúme paranóide, no qual ocorrem fantasias acerca da infidelidade do parceiro (Duarte et al., s.d.).

Numa outra forma de encarar este fenómeno, considera-se que o ciúme romântico pode ser influenciado por factores situacionais e disposicionais, originando assim diferentes tipos de ciúme. O ciúme situacional diz respeito ao sentimento que surge perante uma ameaça real de infidelidade por parte do(a) companheiro(a). A intensidade deste ciúme, na mesma pessoa, varia consoante o grau de ameaça (Shackelford, LeBlanc & Drass, 2000). Já o ciúme disposicional diz respeito à intensidade da emoção sentida perante uma mesma situação, mas por pessoas diferentes (Greenberg & Pyszczynski, 1985).

No que diz respeito à função do ciúme, é igualmente possível diferencia-lo em vários subtipos: 1) o ciúme que tem uma função protectora; 2) o ciúme que tem função preventiva; 3) o ciúme com função retaliadora, sendo este tipo de ciúme aquele que impõe consequências negativas ao parceiro infiel, ou imaginariamente infiel, pretendendo inibir futuras infidelidades (Wiederman & Kendall, 1999).

A divisão dos vários tipos de ciúme pode ajudar à compreensão da forma como este afecta a qualidade do relacionamento íntimo. As reacções emocionais e as formas de resposta diferem consoante o tipo de ciúme encontrado (Bevan & Samter, 2004). Deste modo, entre os casais heterossexuais e especialmente entre homens homossexuais e mulheres lésbicas, o ciúme ansioso está mais negativamente relacionado com a qualidade do relacionamento. No entanto, entre heterossexuais, mas não entre homens homossexuais e mulheres lésbicas, o ciúme reactivo foi positivamente relacionado com a qualidade do relacionamento. Conclui-se assim que diferentes tipos de ciúme afectam a qualidade do relacionamento de diferentes formas, sendo que a forma como afecta sujeitos homossexuais e heterossexuais difere também (Barelds & Barelds-Dijkstra, 2006).

## **1.8. Ciúme: do normal ao patológico**

O amor tem sido descrito desde a Grécia antiga por autores de diversas áreas. No amor, assim como em outros comportamentos excessivos como o jogo, não é tarefa fácil estabelecer o limiar entre o normal e o patológico (Sophia, 2008). O ciúme já captou

interesses entre teóricos como Sigmund Freud, Margaret Mead e Harry S. Sullivan, porém destacando o aspecto patológico, associado a conflitos surgidos ao longo do desenvolvimento humano (Monteiro, 2006).

Segundo Almeida, Rodrigues e Silva (2008), toda a relação pressupõe um determinado grau de ciúme com o intuito de testar o amor existente, já que a apatia pode revelar falta de interesse. Este aspecto surge muitas vezes como algo pior do que ter um companheiro ciumento e, dentro de certos limites, pode ser uma demonstração de interesse pelo outro e ser uma manifestação de amor. A maior parte das pessoas refere o ciúme como algo normal em todas as relações (Wiederman & Kendall, 1999).

Torna-se assim difícil saber quando o ciúme passa a ser patológico, se este é visto como uma reacção humana normal. Supõe-se então que o ciúme apresenta uma dimensão patológica quando causa sofrimento à pessoa que vivencia ciúme ou que é alvo do ciúme, afectando a relação (Silva & Marks, 1997). No entanto, tolera-se o sofrimento do sujeito quando a pessoa que ama se interessa por outro, pelo que o sofrimento é condição necessária mas não suficiente. Deste modo, fala-se de ciúme patológico quando a situação que originou o ciúme está permanentemente no pensamento do sujeito despoletando outros pensamentos. O comportamento gerado pelo ciúme é variável, dependendo da personalidade, do nível de auto-crítica e da intensidade do ciúme. O ciúme torna-se omnipresente, diminuindo a capacidade de centrar-se em pensamentos alternativos, sendo que em fases iniciais, o sujeito é capaz de controlar o comportamento, mas mais adiante o sujeito expressa claramente o ciúme (por vezes ocorre logo no início), procurando diminuir os pontos fortes do(a) rival. A partir deste momento não sofre apenas o ciumento mas também a pessoa vítima de ciúme (Monclús, 2005). O alívio do desconforto causado pelo ciúme é conseguido através de comportamentos que visam a comprovação do comportamento do outro (Ortiz & Gálvez, 2009).

Se relativamente à definição de ciúme normal não existe um consenso, já no que concerne à definição de ciúme patológico, a situação parece inverter-se, ocorrendo maior unanimidade (Carvalho, Bueno & Kebleris, 2008). Ao ciúme excessivo são atribuídas várias designações, nomeadamente Síndrome de Otelo, ciúme mórbido ou mais vulgarmente ciúme patológico. O aspecto patológico do ciúme não é o ciúme em si mesmo, mas a ilusão de que o outro tenha cometido uma infidelidade que não ocorreu (Buss, 2000).

O ciúme patológico é assim um conjunto de pensamentos e emoções irracionais, somado a comportamentos extremos ou inaceitáveis, em que o tema dominante é a preocupação com a infidelidade do parceiro sexual, sem base de evidências concretas. Indivíduos diagnosticados com ciúme patológico caracterizam-se por interpretar ocorrências irrelevantes como evidências de infidelidade, enquanto indivíduos normais tendem a restringir a manifestação do ciúme frente a ocorrências relevantes. Estes sujeitos recusam mudar as suas crenças, enquanto pessoas “normais” tendem a ser mais flexíveis quando confrontadas com dados de realidade opostos à possibilidade de uma infidelidade. Também a tendência em acusar o parceiro de infidelidade com muitas outras pessoas é mais frequente

na manifestação patológica do que na manifestação normal das reacções de ciúme (Kingham & Gordon, 2004).

Na verdade, o conceito de ciúme patológico compreende vários sentimentos perturbadores, desproporcionais e absurdos, os quais determinam comportamentos inaceitáveis ou bizarros. Esses sentimentos envolveriam um medo desproporcional de perder o parceiro(a) para um(a) rival, desconfiança excessiva e infundada, gerando significativo prejuízo no relacionamento interpessoal. O que ocorre no ciúme patológico é um grande desejo de controlo total sobre os sentimentos e comportamentos do(a) companheiro(a). Há ainda preocupações excessivas sobre relacionamentos anteriores, as quais podem ocorrer como pensamentos repetitivos, imagens intrusivas e ruminações sem fim sobre fatos passados e sobre os seus detalhes (Monteiro, 2006).

O/A ciumento(a) duvida de si mesmo(a), assim como atribui ao outro uma série de desconfianças. Não é necessária a existência de provas para acusar o(a) parceiro(a). No ciúme patológico existe um controlo excessivo que envolve o medo exacerbado de perda do(a) parceiro(a) (frequentemente para rivais imaginários) e a desconfiança infundada, sendo que isto acarreta uma deterioração enorme da relação. Quando ocorre o ciúme patológico, registam-se sentimentos de ansiedade, depressão, raiva, vergonha, insegurança, humilhação, culpa, entre outros. O sujeito possui uma forma distorcida de viver o amor, possuindo uma baixa auto-estima, surgindo por vezes o controlo e a impulsividade como uma defesa. A pessoa esquece tudo o que a rodeia, como os amigos ou o emprego e dedica-se exclusivamente ao controlo do outro. As dúvidas transformam-se em certezas, sendo que a pessoa procura indícios que comprovem a sua teoria (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008), ocorrendo delírios de infidelidade (Carvalho, Bueno & Kebleris, 2008).

A linha divisória entre imaginação e certeza é muito ténue. As dúvidas podem transformar-se em ideias hipervalorizadas ou delirantes e depois de instaladas segue-se a verificação compulsiva, a procura de provas de infidelidade e o questionamento frequente do parceiro, e ao invés das explicações do parceiro darem segurança, trazem ainda mais dúvidas (Wiederman & Kendall, 1999). Deste modo, o ciúme delirante é um conhecido factor de risco para a violência e homicídio (Soyka & Schmidt, 2011).

Para muitos o ciúme surge como uma prova de amor, mas este sentimento pode igualmente gerar angústia, podendo atingir formas doentias e interferir com a saúde mental (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008). O ciúme é assim um sentimento complexo, sendo difícil estabelecer a fronteira entre o normal e o patológico (Pinto, 2010). É adaptativo a pessoa sentir ciúme em determinadas situações por ela consideradas como ameaçadoras à estabilidade da relação, no entanto, por vezes existe um maior envolvimento emocional, que gera uma permanente angústia e instabilidade, bem como medo de ser rejeitado(a). Numa fase mais grave ainda, a desconfiança gera uma certeza sem fundamentos.

Santos (2002), refere três tipos de pessoas que experienciam ciúme, nomeadamente as pessoas saudáveis, nas quais ocorrem questionamentos e possíveis diálogos com o outro. Por seu lado, existem as pessoas que ficam emocionalmente afectadas pelo ciúme, vivendo

constantemente em desconfiança e alerta, encontrando-se sempre num elevado estado de tensão e pretendendo a todo o momento confirmar as suas suspeitas. São adoptados comportamentos de perseguição, agressão, desconfiança e acusação. Por fim, surgem aqueles que experienciam o ciúme patológico, sendo que este pode originar agressão física, suicídio ou o tão falado homicídio passional. O ciúme na pessoa saudável revela apenas baixa auto-estima, o ciúme na pessoa emocionalmente envolvida revela problemas emocionais, enquanto que o ciúme patológico pode ser revelador de uma psicopatologia. O ciúme gera sofrimento não só a quem o sente como também àquele que é vítima de uma pessoa ciumenta. Quanto mais intenso é este sentimento mais ultrapassa o limite da normalidade (Santos, 2002).

No que concerne ao tratamento psicológico do ciúme, algumas estratégias passam pelo controlo da cólera, treino de assertividade e comunicação, dessensibilização, exposição e prevenção da resposta, terapia cognitiva, inversão de papéis, exploração de domínios de exclusividade, intervenção comportamental nas interações e re-nomear o ciúme (Silva & Marks, 1997).

## **1.9. Diferenças de género**

Durante um longo período de tempo, a mulher foi vista como submissa, sendo o marido o detentor do controlo sobre ela. A tarefa da mulher passava apenas por cuidar da casa e dos filhos. Todavia, os movimentos feministas vieram alterar esta visão acerca da mulher, sendo que a sociedade se deparou com a necessidade de realizar adaptações relativamente aos relacionamentos entre o homem e a mulher. Apesar disto, a ideia de superioridade do homem está ainda presente, bem como a autoridade que o homem acha que deve ter sobre a mulher. Além disto, a mulher é ainda vista como objecto sexual, submissa ao companheiro (Fonseca, Nery & Benigno, 2005).

Para a psicologia evolucionista, uma pessoa só é bem sucedida quando consegue ter filhos, sendo o ciúme um mecanismo de defesa desta missão. No caso dos homens, para se certificarem que os filhos gerados num relacionamento são seus, justificam o seu ciúme pela suspeita da traição da mulher. Já as mulheres, justificam o ciúme pelo medo de que seus companheiros se envolvam com uma rival, sendo o ciúme uma estratégia de manutenção da relação. O ciúme pode assim ter várias facetas, nomeadamente proteger o amor ou destruir a relação. O homem desenvolveu o ciúme como resposta à infidelidade sexual, enquanto que as mulheres o desenvolveram para combater a infidelidade emocional (Costa, 2005; Ramos & Calegaro, 2001; Sagarin, Becker, Guadagno & Millevoi, 2003). Os homens, preocupados com a possibilidade de traição sexual de sua parceira, tendem a adoptar uma postura ciumenta quando a sua paternidade ou condição de progenitor dominante foi abalada (Monteiro, 2006).

Deste modo, os homens desenvolvem uma maior sensibilidade à infidelidade sexual (Harris, 2003), enquanto que as mulheres desenvolvem maior sensibilidade à infidelidade emocional (Fernandéz, Olcay, Castro, Escobar & Fuentes, 2003; Ortiz, Leiva & Jacinto, 2009; Canto, 2011). As diferenças entre os sexos parecem reflectir que existe uma resposta

emocional mais intensa nas mulheres, enquanto que os homens manifestam menor preocupação com a infidelidade emocional, sendo que a suspeita de infidelidade sexual é aquilo que mais afecta a auto-estima dos homens e perante a infidelidade emocional os homens sentem menos ciúme e menos raiva (Leiva, Jacinto & Ortiz, 2001). Nesta perspectiva, o estudo de Sheets e Wolfe (2001), revela que todos os grupos, excepto o dos homens heterossexuais, experienciam maior sofrimento quando confrontados com a infidelidade emocional (Sheets & Wolfe, 2001).

Todavia, este aspecto tem gerado alguma controvérsia (Wiederman & Kendall, 1999), sendo que o estudo de Harris (2000), demonstrou que as imagens de uma infidelidade sexual provocam maior reactividade do que imagens de infidelidade emocional, quer em homens, quer em mulheres (Harris, 2000). Segundo DeSteno, Barlett, Braverman e Salovey (2002), a diferença entre infidelidade emocional e sexual apenas se revela quando os sujeitos são forçados a optar por uma das duas, e tanto homens como mulheres relatam maior ciúme em resposta à infidelidade sexual, não se registando assim diferenças de género. Conclui-se então que provavelmente não existem diferenças muito significativas relativamente ao ciúme entre os dois sexos (Harris, 2004).

Além disto, Ortiz, Leiva e Jacinto (2009) referem que a duração da relação parece afectar a posição dos homens perante a infidelidade e o ciúme, já que o tipo de infidelidade que mais preocupa os homens varia em função da duração da relação. No início de um relacionamento, estes estão mais preocupados com a infidelidade sexual, enquanto que após alguns anos a infidelidade emocional passa a ter uma grande importância.

Partindo do pressuposto que uma mulher não tem sexo sem amor, então o homem preocupa-se mais com a infidelidade sexual, já que se existe traição é porque há amor. Já a mulher, partindo da ideia de que o homem tem sexo sem amor, preocupa-se mais com a infidelidade emocional, já que esta é representativa da existência de amor entre o parceiro e outra mulher, enquanto que na infidelidade sexual pode não existir amor (Harris & Christenfeld, 1996). As mulheres podem envolver-se num relacionamento extra conjugal emocional ou combinado, mas raramente puramente sexual (Silva, 1997).

Estas diferenças no ciúme sexual parecem ser iguais em todas as culturas, o que dá suporte ao modelo da psicologia evolucionista (Buunk, Angleitner, Oubaid & Buss, 1996). Todavia, alguns estudos vieram contrariar este pressuposto e a investigação sobre as diferenças de género no que concerne ao ciúme não têm conseguido obter um consenso, sendo os resultados dos diversos estudos contrastantes (Southard & Abel, 2010). Nesta perspectiva, Harris (2000) refere que a selecção natural moldou os dois sexos para serem mais semelhantes que diferentes, e as diferenças no ciúme parecem ter origem em outros factores como a avaliação cognitiva e não nas diferenças sexuais inatas.

Na verdade, o estudo de Russel e Carton (2005) aponta para resultados divergentes daqueles obtidos pelos estudos evolucionistas. Segundo estes autores, tanto os homens como as mulheres relataram maiores níveis de ciúme quando existe envolvimento sexual do que quando ocorre um vínculo emocional. As reacções também seriam piores se o rival fosse um

estranho, sendo que aqueles que revelam menos amor ao parceiro também acreditam mais facilmente que o parceiro os está a enganar. Deste modo, este estudo não é consistente com a psicologia evolucionista, que refere que os homens possuem maiores níveis de ciúme perante uma infidelidade sexual, enquanto que as mulheres sentiriam maiores níveis de ciúme perante uma infidelidade emocional (Russel & Carton, 2005).

Ainda nesta perspectiva, Winderman e Kendall (1999) referem que a mulher mais facilmente demonstra o ciúme, no entanto Almeida (2007) refere que não existe um consenso neste aspecto. Do mesmo modo, existem autores que defendem que o ciúme é mais intenso na mulher (Sagarin & Guadagno, 2004), enquanto que outros referem que homens e mulheres não diferem na intensidade do ciúme (Aylor & Dainton, 2001; Wiederman & Kendall, 1999). De igual forma, Fonseca, Nery e Benigno (2005), verificaram que também na aceitação do ciúme não existem diferenças de género. Quando existe manifestação de ciúme, esta parece não ser uma situação sujeita a desaprovação, seja quando é manifestada pelo homem seja quando é manifestado pela mulher. No entanto parecem ser as mulheres que mais incomodadas se sentem quando possuem sentimentos ligados ao ciúme (Fonseca, Nery & Benigno, 2005).

Tendo em conta outras interpretações da manifestação do ciúme em homens e mulheres, refere-se a perspectiva que defende que as respostas à infidelidade são baseadas numa interpretação racional dos dados, sendo que em sociedades onde o sexo extraconjugal é tolerado, existe menos preocupação com a infidelidade sexual, comparativamente à infidelidade emocional (Harris & Cristenfeld, 1996). Todavia, na maioria das sociedades ocidentais, predomina a noção de relacionamentos de exclusividade, logo o ciúme relativamente à infidelidade está mais patente. Deste modo, o ciúme por parte da mulher apresenta-se como o medo de ser abandonada ou trocada por outra mulher e quando isto de facto ocorre surgem sentimentos de baixa auto-estima. Por seu lado, o ciúme expresso pelo homem refere-se ao medo de perder o domínio e quando é preterido sente-se humilhado e fracassado (Wiederman & Kendall, 1999).

Outra diferença de género patente na manifestação de ciúme prende-se com as características do rival, sendo que o ciúme por parte do homem está mais relacionado com o estatuto do rival, o que não acontece nas mulheres, cuja atractividade física da rival é mais importante (Buunk & Dijkstra, 2004; Buunk, 2011). A infidelidade é mais facilmente tolerada quando é concretizada com uma pessoa "de valor", pois uma traição com uma pessoa pouco desejável é um insulto maior e uma ameaça à auto-estima (Leiva, Jacinto & Ortiz, 2001).

Quando se refere a idade dos sujeitos, as diferenças de género parecem manter-se, embora numa amplitude menor à medida que a idade avança. Isto pode dever-se ao facto de mulheres mais velhas já não terem filhos, logo não há um desinvestimento no parceiro para investir nos filhos (Shackelford, et al., 2004), pois enquanto a mulher está grávida e investe no filho, o homem pode virar os seus recursos para outra pessoa (Almeida, 2007). Ainda nesta perspectiva, as mulheres mais velhas têm mais tendência a escolher a infidelidade emocional (Shackelford, et al., 2004).

Em suma, pode dizer-se que apesar de não ser possível encontrar um consenso na própria definição do conceito, o ciúme aparenta ser um construto multidimensional, composto por um domínio cognitivo, um domínio comportamental e um domínio emocional, agregando assim várias emoções, comportamentos e pensamentos.

Apesar de intemporal, as suas manifestações foram sofrendo alterações ao longo do tempo, sendo que actualmente o ciúme se encontra relacionado com o amor e com o receio de perder a importância na vida do outro, sendo que vulgarmente existe a ameaça de um(a) rival real ou imaginário(a).

Um aspecto controverso e que dificulta o estudo e entendimento do ciúme, é o facto de ser por muitos encarado como algo benéfico aos relacionamentos amorosos, enquanto que outros o vêem como algo nefasto à saudável vivência do amor. Apesar disto, parece consensual que quando atinge níveis extremamente elevados, a relação e a felicidade dos intervenientes estão postas em causa.



## Capítulo 2 - Satisfação sexual

*A actividade sexual não se resume ao acto em si. É tão abrangente que pode englobar aspectos como a ternura, a intimidade, os sentimentos, os pensamentos, a expressão de emoções... (Baptista & Silva, 2010).*

A sexualidade parece ser uma componente de extrema importância no domínio dos relacionamentos amorosos, na medida em que a satisfação relacional engloba múltiplos componentes, entre os quais a sexualidade. Tal como referido na secção anterior, o ciúme parece influenciar de alguma forma as relações amorosas, pelo que a satisfação sexual, enquanto componente dessas mesmas relações pode igualmente sofrer alterações consoante a percepção de ciúme.

Deste modo, na presente secção realiza-se uma revisão acerca da temática da sexualidade e da satisfação sexual.

### 2.1. A Sexualidade na Actualidade

A sexualidade humana desde sempre teve múltiplas formulações e discursos, sendo que as teorias da sexualidade remontam ao início do século XX e aos trabalhos produzidos por Freud. Contudo, foi em meados do século XX, com o trabalho de Kinsey e colaboradores (1948; cit. por Leal & Maroco, 2010) que surgiu um interesse crescente pelo estudo e debate da sexualidade e foi já nos anos 70, através de Masters & Johnson (1970; cit por Leal e Maroco, 2010) que foi dada uma nova dinâmica à área, enquadrada no quadro das terapias e das medidas de avaliação comportamental. A partir dos anos 80 começa a surgir um interesse maior ainda na criação de instrumentos de avaliação do funcionamento sexual, bem como das disfunções sexuais (Leal & Maroco, 2010). De facto, o interesse nas temáticas da sexualidade tem crescido drasticamente ao longo dos últimos anos (Wincze & Carey, 2001), sendo que a sociedade tem vindo a mudar e a encará-la através de outras perspectivas, todavia muitos mitos ainda persistem (Martínez & Pascual, 1995).

Nesta perspectiva, a distinção entre normal e patológico é um dos mais interessantes debates, quer nas ciências psicopatológicas quer em contextos socioculturais mais amplos. Desde sempre tem existindo um esforço em distinguir o comportamento normal do patológico, com base em crenças sobrenaturais, observações naturalistas de base biológica ou tendo em conta aspectos psicossociais. A área da sexualidade tem assim sofrido alterações culturais ao longo do tempo, sendo que aspectos considerados “anormais” antigamente surgem agora até como tratamento de várias disfunções sexuais, referindo-se como exemplo a

masturbação, ou seja, se antes a masturbação era encarada como um acto “anormal”, é actualmente uma parte integrante dos tratamentos para algumas disfunções sexuais (Nobre, 2006).

Historicamente, a influência de Freud na área da sexualidade é incontornável. O pensamento psicanalítico foi uma referência na compreensão do desenvolvimento afectivo-sexual. Freud descobriu que a sexualidade é a principal força motivadora do comportamento humano, concretamente no comportamento afectivo e social (Sánchez & Martín, 1997). Deste modo, a sexualidade apresenta-se como uma realidade complexa e diversa, sendo que do ponto de vista biológico facilmente se conclui que a finalidade da sexualidade é a reprodução. Todavia, quando se fala da espécie humana este argumento perde alguma validade, ocupando um lugar de destaque as influências sociais, interpessoais e individuais (Pereira, Leal & Maroco, 2009).

Na espécie humana o desejo e a receptividade sexual estão presentes em todas as fases hormonais e em todas as fases do ciclo da vida, mas tal não implica a sexualidade com o mero intuito da reprodução. Ao longo da história sempre se tentou controlar a concepção (Pereira, Leal & Maroco, 2009) e actualmente a sexualidade dita "normal" é aquela que visa a obtenção de prazer, contrariamente ao que acontecia anteriormente, sendo que a função reprodutora foi assim delegada para segundo plano (Capellá, 2003). Enquanto os animais praticam sexo com intuito da reprodução, o ser humano atribui à sexualidade mais finalidades que esta. Efectivamente, a sexualidade é o produto de um longo processo de desenvolvimento que se inicia no nascimento. A obtenção de afecto, a necessidade de aproximação, a transmissão de sensações e estabelecimento de vínculos transformam a sexualidade humana num processo complexo (Silva, 2008).

Assim, uma das funções mais importantes da sexualidade é procurar e proporcionar prazer, sendo que igualmente a expressão de carinho, afecto e amor se encontram entre as finalidades da mesma. Acresce ainda uma outra finalidade, nomeadamente a promoção de valores culturais fundamentais que valorizam o bem-estar físico e psicológico do sujeito (Pereira, Leal & Maroco, 2009). A sexualidade possui assim diferentes funções ou significados ao longo da vida, mas nunca se reduz à reprodução. A capacidade de reprodução não é a única nem a mais importante das funções. Deste modo, a sexualidade é mais que reprodução, é uma forma de comunicação, é prazer, é amor, é ternura, é uma terapia, abertura ao outro e caminho para superar a solidão (Martínez & Pascual, 1995). Posto isto, um dos aspectos fulcrais da sexualidade prende-se com a intimidade física e sensorial, todavia a intimidade sexual é muito mais do que a relação sexual propriamente dita, já que esta envolve mais do que a necessidade de reprodução (Silva, 2008).

A experiência da sexualidade é muito subjectiva e as emoções despertadas pela sexualidade tornam-na uma forma de transmissão de várias necessidades e desejos como o amor e o ódio, a ternura e a agressão, a intimidade e a aventura, o prazer e a dor, entre outros (Weeks, 1998). Diversas questões se levantam actualmente acerca da vivência da sexualidade, bem como da orientação sexual, sendo vários os debates ocorridos

presentemente sobre a temática. Todos aqueles que enveredavam por uma relação não heterossexual eram discriminados e considerados por muitos como “anormais”. Contudo, o avançar dos tempos tem contribuído para o desmistificar de muitos mitos, constatando-se que a conduta sexual é assim determinada pela interacção entre factores biológicos, psicológicos e socioculturais (Polaino-Lorente, 1998).

Em suma, a sexualidade é algo instintivo, essencial para estimular a vida humana, incita a busca do prazer e também o estabelecimento de relacionamentos amorosos gratificantes. É ainda o produto final de um processo de desenvolvimento que começa com o nascimento (Silva, 2008).

## 2.2. Sexualidade e amor

As primeiras reflexões sobre o amor remontam a tempos longínquos, passando pela Grécia antiga, principalmente pelo Banquete, de Platão, fonte do mito amoroso no Ocidente, e prosseguem até os dias actuais. Assim, quando se fala em sexo, sexualidade ou desejo, é comum associar-se tais conceitos ao amor (Pastore, 2008). O amor é assim um dos mais intensos e significativos sentimentos que uma pessoa pode vivenciar em algum momento do seu ciclo de vida (Rubin, 1970), sendo que a sexualidade é uma força instintiva que estimula o ser humano em busca do prazer e estabelecimento de vínculos amorosos interpessoais (Silva, 2008).

Em tempos passados, os relacionamentos não tinham ingredientes emocionais, afectivos ou sentimentais e só na sociedade moderna é que a finalidade do casamento passou a ser o hedonismo (Pacheco, 1998), solidificando-se na sociedade actual, já que esta se encontra numa mudança cultural profunda, sobretudo no que concerne a atitudes e critérios sobre o amor e a sexualidade. A sexualidade é tão antiga como o ser humano, caminhando lado a lado com ele. Não existe nenhuma etapa da história humana em que a sexualidade tenha estado ausente (Martínez & Pascual, 1995). Para Araújo (2002), a associação entre amor, sexualidade e casamento é uma invenção burguesa, todavia o amor sexual no casamento surgiu na modernidade. Criou-se assim um ideal de relação onde existem muitas expectativas, nomeadamente a ideia de casamento associado à felicidade, onde o amor e a sexualidade são fundamentais. Só a partir do século XVIII, a sexualidade ganhou um lugar importante no casamento. A experiência sexual, como toda experiência humana, é produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos.

Assim, o surgimento da pílula contraceptiva veio proporcionar a vivência mais livre da sexualidade, favorecendo os relacionamentos amorosos. A chamada revolução sexual que se desenvolveu entre as décadas de 1960 e 1970 no seio das lutas dos movimentos sociais, teve como um de seus marcos a descoberta da pílula anticoncepcional. Tal fato possibilitou que as relações entre homens e mulheres assumissem características mais igualitárias e livres. Se no passado, para a maioria das mulheres de grande parte das culturas ocidentais, o prazer

sexual, quando possível, estava intrinsecamente ligado ao medo de gestações repetidas, com a difusão dos métodos contraceptivos abriu-se à possibilidade, para elas, de uma vivência mais livre da própria sexualidade com a consequente modificação dos relacionamentos amorosos (Araújo, 2002).

As relações amorosas são assim encaradas como uma fonte considerável de afecto e apoio, mas apesar dos aspectos positivos, acarretam também experiências negativas (Worley, 2009). Deste modo, o relacionamento conjugal está associado à qualidade de vida, sendo que tal aspecto ganha maior relevância à medida que o casal envelhece. Todavia, uma longa duração do casamento não significa que o mesmo é satisfatório, sendo que a satisfação aumenta quando estão reunidas condições como a proximidade, estratégias de resolução de problemas, comunicação, satisfação com o estado económico ou crença numa religião. Para que o relacionamento continue satisfatório é necessário investir na relação, evitando o tédio e a monotonia. Deste modo, o motivo da permanência no casamento é o amor, o que evidencia o valor que o amor desempenha na cultura ocidental. A relação conjugal é uma construção e o casamento é apenas o início desse trabalho (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004).

Quando as pessoas procuram e mantêm um relacionamento amoroso, pressupõe-se que existem algumas motivações que influenciam a escolha do parceiro, sendo que entre elas se encontra a satisfação em vivenciar o relacionamento amoroso com a pessoa escolhida. Assim, a paixão, a intimidade, a proximidade, o respeito, a valorização do companheiro, bem como a atractividade física, o desejo e o comportamento sexual propriamente dito, parecem deter uma influência maior na contribuição para satisfação global com relacionamento romântico do que outros aspectos, como a satisfação sexual e o comprometimento (Garcia & Cano, 2009).

### **2.3. (In)Satisfação sexual**

A satisfação conjugal e sexual é um fenómeno complexo que recebe a influência de diversas variáveis, nomeadamente as características da personalidade, os valores, as atitudes, os filhos, o nível socioeconómico, a experiência sexual antes do casamento, entre outros. Além disto, o passar dos anos altera também o nível de satisfação, quer conjugal, quer sexual (Olson, 2000).

Assim, a actividade sexual para grande parte das pessoas resume-se apenas à relação sexual, no entanto, esta é bem mais abrangente, englobando ter o(a) companheiro(a) junto de si, poder tocá-lo(a) e ser tocado(a), expressar ternura e intimidade, influenciar pensamentos, sentimentos e a própria saúde física e mental (Baptista & Silva, 2010).

Assim, uma componente importante da sexualidade de cada um é indubitavelmente a satisfação sexual, sendo actualmente um importante componente na vida diária de homens e mulheres (Hudson, Harrison & Crosscup, 1981; Reizinho, 2008). Por este motivo a satisfação

sexual tornou-se num dos factores psicológicos mais estudado no âmbito da sexualidade (Pechorro, 2006). Esta encontra-se intrinsecamente relacionada com características físicas e psicológicas do sujeito, bem como com a sua história de vida, existência de um parceiro e com o contexto sociocultural no qual ocorre a relação (Alonso, Martínez, Díaz & Calvo, 2004; Sung & Lim, 2010). Além disto, também as experiências sexuais passadas do indivíduo, as expectativas actuais e as aspirações futuras influem a satisfação sexual de cada sujeito (Davidson, Darling & Norton, 1995).

A literatura acerca da satisfação sexual aponta para uma falta de consenso no que concerne à definição do conceito (Pechorro, Diniz & Vieira, 2009), sendo que Haavio-Mannila e Kontula (1997) referem que o conceito de satisfação sexual está relacionado com o prazer sentido na relação afectivo-sexual mantida. Por seu lado, DeLamater & Friedrich (2002) conceptualizam a satisfação sexual como uma resposta afectiva resultante da avaliação subjectiva que a pessoa faz acerca das dimensões positivas e negativas associadas ao relacionamento sexual. Segundo esta perspectiva parece existir uma distinção ente a satisfação sexual e outros construtos, como por exemplo a felicidade. Deste modo, a avaliação da satisfação sexual é vulgarmente realizada através da resposta subjectiva dos sujeitos e de questionários de auto-resposta ou entrevistas (Hudson, Harrison & Crosscup, 1981).

A satisfação sexual é, assim, um construto complexo que integra outro igualmente complexo, a satisfação relacional, verificando-se entre ambas uma relação positiva (Byers, MacNeil & Further, 2006). Globalmente as duas variáveis têm sido positivamente associadas, sendo que, aparentemente, quanto maior a satisfação com o relacionamento, maior será a satisfação sexual (Byers & Demmons, 1999; Meltzer & McNulty, 2010). Byers (2005) verificou que quando ocorrem alterações na satisfação sexual, ocorrem igualmente mudanças no relacionamento. Assim, se a qualidade do relacionamento é baixa tende a haver níveis mais baixos de satisfação sexual e vice-versa.

Deste modo, as mulheres que estão sexualmente insatisfeitas relatam vontade de sentir mais amor, afeição e carinho, enquanto que os homens insatisfeitos desejam maior frequência e variedade na actividade sexual, sendo assim a quantidade o factor mais importante. Também para as mulheres, a satisfação sexual implica mais do que frequência de actividade sexual ou de orgasmos (Pechorro, Diniz & Vieira, 2009), já que a ocorrência de orgasmo parece não ser um bom indicador da satisfação sexual, na medida em que 80% das mulheres não considera a obrigatoriedade do orgasmo para sentir prazer (Carvalho & Leal, 2008).

Segundo alguns autores a idade é outra variável que deve ser considerada quando se fala em satisfação sexual, já que esta aparentemente tende a diminuir com o avançar da idade (Pechorro, 2006). A mesma perspectiva é defendida por Alonso, Martínez, Díaz e Calvo (2004) que apontam um declive gradual na actividade e interesse sexual ao longo do passar dos anos.

Além desta relação com a idade, a satisfação sexual encontra-se intimamente ligada às disfunções sexuais, na medida em que resulta delas ou, inversamente, pode ser um factor envolvido na prevenção de determinadas disfunções sexuais, nomeadamente a perturbação do desejo sexual hipoactivo (Nobre & Pinto-Gouveia, 2008a), disfunção mais prevalente nas mulheres, embora se verifique também nos homens (Lucas, Oliveira & Monteiro, 2009). Laumann, Paik e Rosen (1999) demonstraram uma associação entre as disfunções sexuais e a insatisfação sexual (quer na componente emocional, quer na componente física), comprovando que o desejo sexual hipoactivo se encontra fortemente relacionado com a insatisfação sexual.

Apesar da ausência de problemas sexuais não assegurar uma satisfação sexual elevada, os sujeitos que detêm mais problemas sexuais tendem a possuir uma menor satisfação sexual, comparativamente àqueles não apresentam problemas neste âmbito. Deste modo, ao realizar um tratamento para a disfunção sexual, a insatisfação sexual pode diminuir, todavia, isto não significa que aumente a satisfação sexual (Byers, MacNeil & Further, 2006). O tratamento de uma disfunção sexual envolve assim uma abordagem psicológica e física que avalie as etapas do ciclo de resposta sexual, contexto actual, relacionamento interpessoal e estímulos sexuais (Abbo, 2010).

De facto, a insatisfação sexual pode resultar de disfunções sexuais na própria pessoa ou no companheiro, ou pode existir independentemente de disfunções (Pechorro, Diniz & Vieira, 2009). De igual modo, Nobre e Pinto-Gouveia (2006) afirmam que os homens e mulheres que possuem uma disfunção sexual estão menos satisfeitos sexualmente.

Além das disfunções sexuais, outras variáveis parecem associar-se à satisfação sexual, nomeadamente as crenças e a distração cognitiva. Assim, as crenças e percepções negativas acerca de si, da sua capacidade de proporcionar prazer ao outro ou até mesmo a visão do próprio corpo influem significativamente na satisfação sexual. Do mesmo modo, a distração cognitiva pode conduzir a uma diminuição na satisfação sexual, já que o sujeito foca-se em determinados aspectos, como o desempenho, ao invés de se centrar no acto em si e no prazer recebido e proporcionado (Nobre, Pinto-Gouveia & Gomes, 2003; Nobre & Pinto-Gouveia, 2008b).

No lado oposto encontram-se as variáveis que influem positivamente na satisfação sexual, citando-se a frequência da actividade sexual, o uso de técnicas sexuais variadas e a ocorrência de orgasmo. Apesar de o orgasmo ser apenas uma das facetas da experiência sexual e de serem muitos os factores que o influenciam, o orgasmo é o índice de satisfação sexual mais facilmente mensurável (Haavio-Mannila & Kontula, 1997). De igual modo, a iniciativa do parceiro, assim como a comunicação são preditores da satisfação sexual (Bridges, Lease & Ellison, 2004).

Na mesma linha, referem-se também as questões relacionadas com a imagem corporal, sendo que os estudos indicam uma correlação positiva e significativa entre o funcionamento sexual, a satisfação sexual e todas as variáveis da imagem corporal. Vários aspectos relacionados com a imagem física, incluindo preocupação com o peso, a condição

física, a atracção sexual e os pensamentos sobre o corpo durante a actividade sexual interferem com a satisfação sexual (Pujols, Meston & Seal, 2010). Importa ainda referir o papel da ansiedade, na medida em que sujeitos com níveis de ansiedade mais elevados relatam uma menor satisfação sexual (Ziher, 2010).

Aparentemente a satisfação sexual é mais baixa nas mulheres, e devido a este aspecto, a melhoria da satisfação sexual deve ser planeada especificamente tendo em conta as diferentes necessidades de cada sexo (*idem.*)

Em síntese, pode dizer-se que a forma como as pessoas encaram a sexualidade tem vindo a alterar-se ao longo do tempo, sendo actualmente encarada como algo transcendente à reprodução. Ela é hoje olhada como uma fonte de prazer, bem-estar e intimidade com o outro.

Parece assim correcto afirmar-se que a satisfação sexual é uma componente de grande importância no domínio dos relacionamentos humanos, recebendo a influência de múltiplas variáveis e influenciando as relações de variadas formas.



## Capítulo 3 - Ciúme e sexualidade

*Ao mesmo tempo que o ciúme é capaz de proteger o amor, pode destruir um relacionamento (Fonseca, Nery & Benigno, 2005).*

Se aparentemente o relacionamento é afectado (quer seja positivamente, quer seja negativamente) pelo ciúme, a satisfação sexual pode igualmente ser influenciada pela presença do mesmo. Assim, na presente secção tentar-se-á estabelecer a relação entre o ciúme e a sexualidade, especificamente a satisfação sexual.

### 3.1. Ciúme e Satisfação conjugal

Algumas pessoas reagem positivamente às manifestações de ciúme por parte do(a) parceiro(a), no entanto, outras não toleram as mais pequenas expressões de ciúme (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008). Até mesmo entre a comunidade científica não existe consenso, sendo que para alguns o ciúme é um estado fisiológico, emocional e mental negativo (Pines & Aronson, 1983), enquanto que para outros o ciúme é algo neutro, não apenas mau, não apenas bom, sendo que a sua eliminação não é necessariamente desejável (Bringle, 1981). Neste domínio, Gatzeva e Paik (2009) referem que em determinados tipos de relacionamento, o ciúme parece ser prejudicial, nomeadamente nas relações amorosas que não implicam coabitação, contudo, tal não se verifica nas relações de coabitação. Assim, dependendo da sua frequência e intensidade, a manifestação do ciúme romântico pode tornar-se patológica, a ponto de destruir o relacionamento de um casal, pois ao mesmo tempo que o ciúme é capaz de proteger o amor, pode destruir um relacionamento (Fonseca, Nery & Benigno, 2005).

Muitas pessoas não imaginam o amor sem ciúme e não se apercebem do quão destrutiva pode ser a sua manifestação, pois este envolve a pessoa em fantasias e desconfianças, gerando muito sofrimento. Por sua vez, as dúvidas podem transformar-se em ideias supervalorizadas, originando a verificação compulsiva das desconfianças (Pinto, 2010). O ciúme causa sofrimento em ambos os parceiros e na família, acarretando o risco de infidelidade, violência e suicídio (Buss, 2000; Kingham & Gordon, 2004). O seu surgimento e a sua expressão aumentam à medida que uma relação avança (Aune & Comstock, 1997), sendo um dos problemas mais comuns no aconselhamento conjugal e na terapia sexual (Silva, 1997). A partir do seu estudo, Goldenberg (2004; cit. por Nunes, 2006) refere que os sujeitos apontam o ciúme como o principal problema no seu relacionamento.

Parece existir uma relação positiva entre o ciúme e a agressão psicológica, bem como uma relação negativa entre satisfação marital e agressão psicológica. Assim, o ciúme está relacionado com a agressão e esta com a satisfação marital (Edalati & Redzuan, 2010). Em geral, o ciúme está associado com uma série de aspectos relacionais negativos, como por exemplo os conflitos, a violência doméstica e o divórcio (Barelds & Barelds-Dijkstra, 2007), sendo que o ciúme é apontado como um factor que contribui para a agressão quer a homens quer a mulheres, estando presente em todas as culturas, sendo portanto universal. Deste modo, o ciúme e a agressão estão relacionados com a perda de carinho, a insegurança, o medo, entre outros (Edalati & Redzuan, 2010). Por outro lado, as pessoas podem experienciar vários sentimentos aquando da presença de ciúme, nomeadamente raiva, atracção ou medo, mas esses sentimentos podem originar respostas positivas, como expressão de amor, ou negativas como violência verbal ou física, estando as várias emoções associadas a diferentes respostas (Guerrero, Trost & Yoshimura, 2005).

Vários autores corroboram esta perspectiva, afirmando que o ciúme é um fenómeno negativo no relacionamento, acompanhado por baixa qualidade da relação, contribuindo para a insegurança e os conflitos e fazendo com que também o parceiro sinta ciúme. Assim, este encontra-se negativamente relacionado com a qualidade do relacionamento (Anderson, Eloy, Guerrero & Spitzberg, 1995; Barnett, Martinez & Bluestein, 1995; Banfield & McCabe, 2001; Shackelford & Buss, 2000). O sofrimento causado pelo ciúme pode atingir uma tal intensidade que interfira na relação ao ponto de ambos experienciarem sentimentos contraditórios, como por exemplo amar e odiar, querer confiar mas desconfiar, entre outros (Monclús, 2005).

Contrariamente a esta perspectiva, Barelds e Barelds-Dijkstra (2006) consideram que o ciúme valoriza e protege o relacionamento, referindo que este parece estar positivamente relacionado com a qualidade do relacionamento. Do mesmo modo, Salovey e Rodin (1985) referem que o ciúme pode trazer consequências negativas e positivas, sendo os efeitos positivos o amor, o carinho, o cuidado e a devoção ao parceiro (Salovey & Rodin, 1985). Aparentemente, uma percentagem bastante significativa de casais parece lidar com o ciúme como um sentimento normal, sem que este interfira no relacionamento (Duarte, Furiatti, Valentim, Longhin & Balthazar, s.d.). Há até quem considere o ciúme como positivo, queixando-se da falta de ciúme por parte do parceiro, sendo que não é raro que um dos elementos do casal aja de forma a provocar uma reacção de ciúme no outro (Silva & Marks, 1997).

Assim, existe suporte para defender ambas as perspectivas (Barelds & Barelds-Dijkstra, 2007), pelo que diferentes tipos de ciúme estão associados com percepções distintas acerca da qualidade do relacionamento. O ciúme reactivo parece estar correlacionado positivamente com a percepção de qualidade do relacionamento, enquanto que o ciúme ansioso está negativamente relacionado com a qualidade do relacionamento (Barelds & Barelds-Dijkstra, 2007). Apesar disto, quando se eleva o grau de ciúme, atingindo o patológico, os níveis de insatisfação no relacionamento aumentam, embora a relação se mantenha (Sophia, Tavares & Zilberman, 2007). Contudo, é necessário ter em conta que a

satisfação conjugal diz respeito a uma avaliação subjectiva da relação conjugal (Scorsolini-Comin & Santos, 2009).

Aparentemente, os sujeitos com um nível mais elevado de comprometimento no relacionamento experienciam níveis de ciúme mais elevados do que aqueles que possuem um relacionamento com um compromisso menos rígido (Rydell, McConnel & Bringle, 2004), ao mesmo tempo que os sujeitos com níveis de ciúme mais elevados tiveram relacionamentos mais estáveis e bem sucedidos do que aqueles com níveis mais baixos (Mathes, 1985).

A constante possibilidade de perda da pessoa amada é vivenciada pelo(a) ciumento(a) como uma ameaça muito dolorosa que o obriga a uma alta vigilância, sofrendo com as provas inconclusivas. O sujeito anula-se, desinveste de si e cria uma relação de dependência relativamente ao outro, aumentando os sentimentos de inferioridade. É neste contexto que surge a inveja, encontrando-se associada ao ciúme na medida em que aliado ao medo de ser traído surge a cobiça da capacidade do parceiro para despertar o interesse de outras pessoas. Entretanto, paradoxalmente, se o carácter mais livre e aberto do relacionamento amoroso contemporâneo dá ao indivíduo maior sensação de liberdade, abrindo espaço para o desenvolvimento de uma relação amorosa mais autêntica, potencializa, também, sentimentos de insegurança e desprotecção, aos quais os envolvidos precisam de se ajustar e com os quais precisam de aprender a lidar. Assim, pode deduzir-se que o sentimento de ciúme pode ser uma tentativa, por parte de alguns indivíduos, de controlar experiências amorosas caracterizadas pela abertura, principalmente quando o casal não consegue construir um suporte interpessoal baseado na capacidade de auto-conhecimento, na negociação e no diálogo, a fim de lidar com as novas condições das relações amorosas contemporâneas (Nunes, 2006).

Por último, importa ainda referir a teoria que relaciona a estatura do homem à sua satisfação nos relacionamentos amorosos. Assim, a altura do homem parece estar associada com o seu valor enquanto companheiro, sendo que o homem alto é visto como mais atraente, dominante e com um estatuto mais elevado que os rivais. A infidelidade, o ciúme e o término da relação são mais prováveis em homens mais baixos. Os homens altos relatam maior satisfação nos relacionamentos e níveis mais baixos de ciúme cognitivo e comportamental (Brewer & Riley, 2009). Os homens altos são percebidos como mais assertivos do que os homens mais baixos (Melamed, 1992). Aparentemente, a estatura fornece informações importantes sobre o potencial do sujeito enquanto parceiro, mas no que concerne à satisfação com a relação amorosa, as conclusões são menos claras. A altura do homem é muito mais estudada que a relação entre a altura da mulher e as relações estabelecidas, sendo que estas diferenças parecem não afectar o relacionamento no caso das mulheres e de igual forma não interferem nos seus níveis de ciúme ou no sentimento de posse (Brewer, 2010).

### 3.2. Ciúme e Satisfação Sexual

Apesar do amor e do sexo serem uma grande fonte de prazer e/ou preocupação nos casais com relacionamentos íntimos, os estudos têm atribuído pouca atenção a estes temas (Harvey, Wenzel & Sprecher, 2006), pelo que a literatura neste domínio é escassa, concretamente quando se tenta estabelecer uma relação entre o ciúme e a sexualidade, tornando-se inexistente quando se refina um pouco mais a procura e se tenta limita-la à associação entre ciúme e satisfação sexual.

Nesta linha, Pinto (2010) afirma que aquilo que é vivido na relação amorosa reflecte-se na sexualidade, e para compreender de que forma o ciúme interfere na sexualidade é necessário compreender este conceito ao longo da história. Desde as teorias da psicologia evolucionista até às actuais formas de encarar o ciúme, a visão dos relacionamentos foi sofrendo alterações, sendo que na actualidade das sociedades monogâmicas existe a necessidade da fidelidade e exclusividade nas relações. Diante de todas as mudanças ocorridas sobretudo desde meados do século XIX, que legitimaram uma maior aceitação da liberdade individual e da manifestação da sexualidade, o ciúme passou a ocupar um lugar contraditório. Por um lado é criticável devido à ofensa à individualidade do outro, decorrente das suas reivindicações exclusivistas, por outro existe uma atitude de concordância com o desejo de posse e de poder, decorrente desta sociedade marcada pela posse (Santos, 1996; cit por Nunes, 2006).

Visto o ciúme estar presente no ser humano desde os seus primórdios e estar intimamente ligado com o amor e a fidelidade, acrescentando ainda o facto de a sexualidade ser uma componente muito importante na vida de um casal, surge a necessidade de averiguar a relação entre este e a sexualidade. Nesta perspectiva, Anderson (1995) refere que o ciúme cognitivo é um maior preditor de satisfação relacional comparativamente ao ciúme emocional, e que as pessoas que expressam o seu ciúme através do diálogo e da comunicação assertiva estão mais satisfeitas com os relacionamentos mantidos. Todavia, Andersen, Eloy, Guerrero e Spitzberg, (1995) apontam para a ideia de que o ciúme cognitivo tem uma relação mais negativa com a satisfação relacional que o ciúme emocional.

Deste modo, alguns autores apontam a depressão, a ira, a ansiedade e o aumento do desejo sexual como as emoções mais vulgarmente associadas ao ciúme (Mathes, Adams & Davies, 1985), sendo que Gikovate (2006; cit. por Pinto, 2010) associa o aumento de desejo sexual em situações de ciúme à competitividade, na medida em que por vezes chegam mesmo a ser criados contextos de ciúme com vista à estimulação do desejo sexual.

Segundo os estudos evolucionistas, as relações sexuais têm influência na activação do ciúme, pois o ciúme sexual masculino diminuirá à medida que a idade aumenta, pois diminui o seu valor reprodutivo. Por seu lado, o ciúme sexual masculino e comprometimento feminino será maior nas culturas onde a procriação é mais valorizada (Buss, Larsen, Western & Semmelroth, 1992). Assim, aparentemente o amor romântico está relacionado com o

compromisso, enquanto que o desejo sexual está associado à função de reprodução (Gonzaga, Turner, Keltner, Campos & Altemus, 2006).

O ciúme é uma das emoções que mais influencia a relação romântica, destacando-se particularmente a incerteza relacional e de intimidade, como dois indicadores de desenvolvimento do relacionamento que podem coincidir com a propensão das pessoas para experimentar a inveja cognitiva e emocional (Knobloch, Solomon & Cruz, 2001). Assim, Sprecher (2002) verificou que a satisfação sexual está fortemente ligada à relação de compromisso, intimidade e estabilidade, sendo que os casais que apresentam níveis elevados de satisfação emocional geralmente relatam uma vida sexual satisfatória e agradável.

A única associação entre ciúme e satisfação sexual claramente apresentada na literatura defende a hipótese da existência de ciúme enquanto resposta à redução do funcionamento sexual, ou seja, a um funcionamento sexual deficitário poderá gerar sentimentos de inferioridade e conseqüentemente o ciúme (Kingham & Gordon, 2004). Também Buss (2000) corrobora esta ideia, referindo que um aspecto que pode gerar ciúme é a incapacidade do satisfazer sexualmente o parceiro, principalmente no sexo masculino, pois permanece ainda nos homens a insegurança da capacidade para satisfazer a mulher. Assim, a incapacidade real ou imaginária para satisfazer o parceiro surge como um gatilho para o aparecimento do ciúme. Uma vez que a incapacidade de satisfazer o parceiro sexual gera infelicidade conjugal e esta se encontra entre as causas do divórcio, pode supor-se que a insatisfação sexual aumenta a probabilidade do divórcio.

O ciúme sexual, provocado pela incapacidade de agradar sexualmente o/a parceiro(a), pode ser um mecanismo de enfrentamento criado para afastar a iminente ameaça do abandono permanente. Quando o interesse sexual pelo parceiro diminui, pode significar a presença de problemas conjugais, sendo que o parceiro que perde o interesse pode começar a ponderar o envolvimento com outras pessoas, com o intuito de usufruir de uma relação sexual mais gratificante. Um pensamento típico por parte do outro membro do casal é então pensar que se o parceiro não consegue alcançar a satisfação sexual consigo, tenderá a procurá-la com outra pessoa. São vários os casos em que o ciúme é provocado pela diminuição do desejo do parceiro, sendo que este declínio no desejo sugere ao outro que a pessoa pode abandonar o relacionamento, ocorrendo assim uma reacção dominada pelo ciúme. Do mesmo modo, também as disfunções sexuais podem em vários casos originar o ciúme, sendo o mecanismo idêntico, pois perante a incapacidade em proporcionar prazer, surge o medo que o outro procure o prazer com outra pessoa e conseqüentemente o ciúme (*idem.*)

Gikovate (2006) refere variações no que diz respeito ao desejo sexual em consequência da ocorrência do ciúme. Segundo ele, podem ocorrer inibições sexuais completas quando um dos parceiros percebe que o outro manteve um relacionamento sexual com alguém ou pretendia isso. Porém, há casos em que a desconfiança ou a certeza do facto pode potencializar o desejo sexual. O autor lança assim como hipótese que o aumento do desejo sexual seja decorrente da competição com o(a) rival, na medida em que que isso

despertaria o empenho de quem foi ou correu o risco de ser traído(a), em demonstrar que é melhor que o(a) rival. A pessoa enciumada apresentaria maior vigor sexual do que em outras situações. Deste modo, quando o outro se apercebe deste facto pode inventar contextos para fazer aflorar o seu ciúme, buscando estimular o desejo sexual. Já a redução do desejo sexual seria proveniente dos sentimentos de raiva, mágoa e humilhação que o parceiro experienciaria ao aperceber-se da possibilidade do(a) parceiro(a) expressar interesse por outra pessoa. Assim, é possível encontrar relações amorosas nas quais o desejo sexual pode ser potencializado ou reduzido/inibido a partir do ciúme (Gikovate, 2006).

Por fim, Silva e Marks (1997) referem que o ciúme e as reacções por eles originadas podem levar à redução ou cessação da actividade sexual, e conseqüente insatisfação sexual. Por vezes as exigências sexuais do parceiro ciumento podem aumentar, enquanto que a capacidade de resposta da vítima diminui.

Em suma, pode dizer-se que a relação entre o ciúme e a satisfação sexual não se encontra ainda clara, não tendo sido possível localizar um estudo que abarcasse de forma directa a relação entre as duas variáveis.

Contudo, a partir da revisão bibliográfica realizada parece que o ciúme pode em determinadas circunstâncias potenciar a sexualidade, aumentando o desejo, sendo que o contrário também pode ocorrer. Torna-se assim visível a necessidade de que novos estudos se realizem e que abarquem a relação entre o ciúme e a satisfação sexual.





## Parte II - Corpo empírico

---



## Capítulo 4 - Apresentação do estudo

O ciúme é um dos aspectos à qual maior importância é atribuída no domínio das relações interpessoais em geral e, mais especificamente, nos relacionamentos amorosos.

Decorrente da revisão bibliográfica efectuada, ressalta-se o número de investigações que se focam nas diferenças de géneros no que concerne ao ciúme percebido no âmbito das relações amorosas. Contudo, são incomuns aquelas que se debruçam sobre a relação entre este e a sexualidade, tornando-se ainda mais escassos quando se consideram as variáveis “ciúme” e “satisfação sexual”.

Deste modo, após uma extensa e minuciosa pesquisa, não foi possível acessar qualquer estudo que abarque tais variáveis, pelo que esta investigação emerge da necessidade de colmatar tal lacuna e proporcionar um contributo científico na compreensão não apenas do conceito “ciúme”, como também das suas implicações na satisfação sexual.

### 4.1 - Definição das variáveis em estudo

Para a concretização do estudo é impreterível a definição de variáveis e, portanto, como variáveis independentes surgem:

1. Idade;
2. Estado civil;
3. Habilitações literárias;
4. Duração da relação;
5. Parceiro actual;
6. Experiência sexual indesejada;
7. Meio de residência;
8. Religião.

Por seu lado, concebem-se como variáveis dependentes:

1. Satisfação sexual;
2. Ciúme

### 4.2 - Objectivos

Partindo da revisão bibliográfica realizada, reveste-se de alguma pertinência o intuito de verificar a relação entre o ciúme percebido e o nível de satisfação sexual,

constituindo-se este aspecto como o objectivo geral do estudo. Ou seja, pretende-se verificar se a satisfação sexual é percebida de forma distinta consoante o nível de ciúme experienciado.

De igual modo, são delineados os seguintes objectivos específicos:

1. Avaliar o nível de ciúme percebido;
2. Verificar o nível de satisfação sexual percebido;
3. Identificar as diferenças de género no que concerne ao ciúme percebido;
4. Analisar as diferenças de género no que respeita à satisfação sexual percebida;
5. Estudar as diferenças de género no que respeita às três dimensões do ciúme (cognitivo, comportamental e emocional);
6. Comparar os níveis de satisfação sexual em função da idade, estado civil, habilitações literárias e meio de residência;
7. Verificar os níveis de ciúme em função da idade, estado civil, habilitações literárias e meio de residência;
8. Avaliar as alterações na percepção do ciúme consoante o tempo de duração do relacionamento;
9. Identificar as alterações na percepção da satisfação sexual em função do tempo de duração do relacionamento;
10. Avaliar a relação entre ciúme total e satisfação sexual;
11. Verificar a relação entre as várias dimensões de ciúme e a satisfação sexual;

### 4.3 - Hipóteses

Decorrentes dos objectivos definidos, formulam-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: O sexo feminino evidencia níveis médios de ciúme mais elevados, comparativamente ao sexo masculino;

Hipótese 2: O sexo feminino evidencia índices médios de satisfação sexual mais baixos, comparativamente ao sexo masculino;

Hipótese 3: O sexo feminino possui níveis médios de ciúme cognitivo mais elevados, comparativamente ao sexo masculino;

Hipótese 4: O sexo feminino evidencia níveis médios de ciúme emocional mais elevado, comparativamente ao sexo masculino;

Hipótese 5: É no sexo feminino que se verificam níveis médios de ciúme comportamental mais elevado;

Hipótese 6: Os participantes com idade igual e superior a 35 anos evidenciam níveis médios de ciúme mais altos;

Hipótese 7: Os participantes com idade igual e superior a 35 anos possuem índices médios de satisfação sexual mais baixos;

Hipótese 8: À medida que a duração da relação aumenta, aumentam os níveis médios de ciúme percebidos;

Hipótese 9: Quanto mais elevada a duração da relação, mais baixos são os índices médios de satisfação sexual;

Hipótese 10: Quando o ciúme aumenta, a satisfação sexual tende a diminuir;

Hipótese 11: Sujeitos com níveis de ciúme moderado apresentam maiores índices de satisfação sexual.

#### 4.4 - Tipo de estudo

O método delineado permite traçar um plano de investigação que servirá de linha condutora para alcançar os objectivos pretendidos. Deste modo, tudo se inicia com a formulação do objecto de estudo, para posteriormente se tomarem decisões acerca dos procedimentos a adoptar e instrumentos a utilizar.

Partindo deste pressuposto, o presente estudo caracteriza-se pelo seu carácter quantitativo, na medida em que enfatiza o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e a mensuração dos vários aspectos do comportamento humano. É também um estudo descritivo, na medida em que se procede à recolha de dados que visam a descrição de uma amostra. Além disto, é comparativo, já que possui a pretensão de comparar grupos, e inferencial, pois através da comparação de médias entre grupos objectiva-se inferir hipóteses. Por fim, pode ainda dizer-se que este é um estudo observacional, pois as variáveis são estudadas, mas não manipuladas, sendo que no que concerne ao design temporal, esta é uma investigação transversal, dado que os dados foram recolhidos num só momento.

Assim, esta metodologia adoptada tem como intuito a obtenção de resultados com fiabilidade.



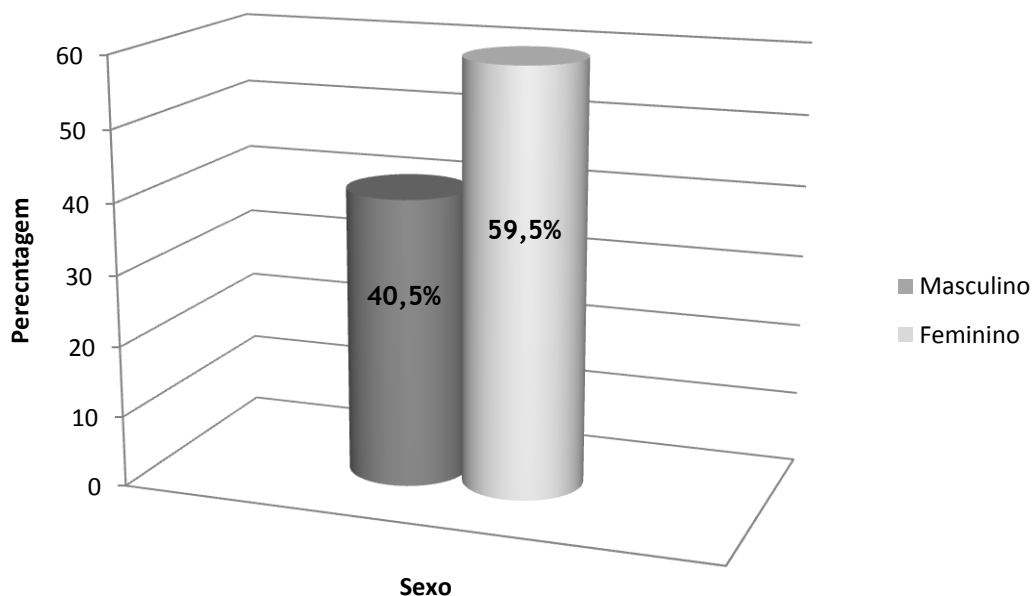
## Capítulo 5 - Método

### 5.1 - Participantes

Os participantes dizem respeito à percentagem de sujeitos estudados numa dada população, constituindo-se assim como uma amostra da população que se pretende investigar. Na selecção dos mesmos são comumente indicados alguns critérios de inclusão ou exclusão, sendo que nesta investigação traçam-se como critérios de inclusão possuir idade igual ou superior a 18 anos, possuir uma vida sexual activa enquadrada num relacionamento heterossexual estável e residir em Portugal. Deste modo, estamos perante uma amostra não probabilística ou por conveniência.

Na realização deste estudo, colaboraram 1169 sujeitos, 474 do sexo masculino (40,5%) e 695 do sexo feminino (59,5%), provenientes de todo o país (cf. Figura 1).

Figura 1. Distribuição percentual dos participantes em função do sexo



No que concerne às idades, verificou-se que a média é de 27,52 e o desvio padrão de 8,85. A mediana registou o valor de 24 anos, enquanto que a moda é de 22. Por seu lado, a idade mínima observada foi 18 anos, tendo sido registada como idade máxima 62 anos. Com

vista a uma melhor descrição dos participantes e posterior análise de resultados, a amostra foi dividida em dois grupos, tendo como referência o autor Erikson, que explica o desenvolvimento humano através de oito estádios, sendo que os quatro primeiros estádios ocorrem durante a infância e a meninice, o quinto durante a adolescência, e os três últimos ocorrem a partir da maturidade, incluindo a velhice (Hall & Lindzey, 1984). Deste modo, o primeiro subgrupo formado corresponde ao 6º estágio de desenvolvimento (18 a 35 anos) e o segundo subgrupo formado corresponde ao 7º estágio de desenvolvimento (36 a 65 anos). Partindo desta divisão, verificou-se que 973 (83,2%) sujeitos possuem entre 18 e 35 anos e que 196 (16,8%) participantes possuem mais de 35 anos.

Relativamente ao meio de residência, observou-se que 278 sujeitos (23,8%) residem em meio rural e que 891 participantes (76,2%) habitam em meio urbano. No que concerne às habilitações literárias foi possível verificar que o grupo predominante é o grupo de sujeitos que possuem o ensino superior, tendo-se registado 678 sujeitos neste grupo (57,9%) (cf. Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição frequencial e percentual dos sujeitos em função das habilitações literárias

Habilitações literárias	Frequência	Percentagem
Até ao 4º ano	6	0,5
5º ou 6º ano	8	0,7
7º ao 9º ano	38	3,3
Ensino secundário	439	37,6
Ensino superior	678	58
Total	1169	100

No que diz respeito ao estado civil, os indivíduos dividem-se maioritariamente pelos subgrupos “solteiro(a)” (65,4%) e “casado(a)” (23,3%) (cf. Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição frequencial e percentual dos sujeitos em função do estado civil

Estado civil	Frequências	Percentagem
Solteiro(a)	764	65,4
Casado(a)	272	23,3
Viúvo(a)	21	1,8
União de facto	112	9,6
Divorciado(a)	0	0
<b>Total</b>	<b>1169</b>	<b>100</b>

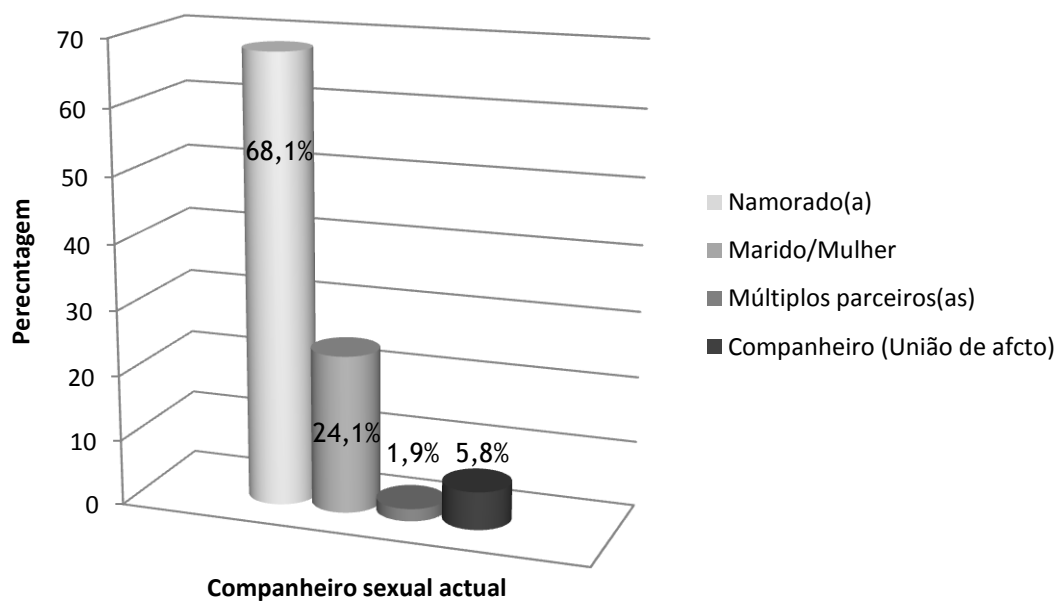
Ao considerar a etnia dos participantes do estudo, verificou-se que a maioria, (84,2%) é de etnia caucasiana e que no extremo oposto se encontram os sujeitos de etnia asiática (0,3%) (cf. Tabela 3).

Tabela 3. Distribuição frequencial e percentual dos participantes em função da etnia

Etnia	Frequência	Percentagem
Caucasiana	984	84,2
Negróide	6	0,5
Asiática	3	0,3
Latina	119	10,2
Outra	57	4,9
<b>Total</b>	<b>1169</b>	<b>100</b>

No referente às questões relacionais, 797 (68,1%) sujeitos referem como parceiro sexual actual o(a) namorado(a), enquanto que 282 (24,1%) possuem como parceiro(a) sexual actual o/a marido/mulher (cf. Figura 2).

Figura 2. Distribuição percentual dos participantes em função do parceiro(a) sexual actual



O tempo máximo de duração do relacionamento é 40 anos e o mínimo 1 mês. A média situa-se nos 5,88 anos, a mediana nos 3 anos, a moda nos 2 anos e o desvio padrão apresentado é de 6,88. Segundo os dados obtidos, a maioria dos participantes (45,5%) encontra-se muito satisfeito com o parceiro(a) (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Distribuição frequencial e percentual dos participantes em função do grau de satisfação com o relacionamento em geral

Grau de satisfação	Frequência	Percentagem
Muito satisfeito(a)	531	45,5
Satisfeito(a)	478	40,9
Mais ou menos satisfeito(a)	122	10,5
Pouco satisfeito(a)	31	2,7
Nada satisfeito(a)	5	0,4
Total	1169	100

A média das idades dos parceiros(as) dos participantes situa-se nos 28,18 anos, sendo a mediana 25 anos e a moda 23 anos. Já o desvio padrão registado foi de 9,07, enquanto que a idade máxima é 72 anos e a mínima 15 anos. Quando se faz apelo ao número de filhos, verifica-se que 923 sujeitos (79,1%) não possuem filhos, 98 sujeitos (8,4%) possuem um filho, 119 sujeitos (10,2%) possuem 2 filhos, 21 sujeitos (1,8 %) têm 3 filhos, 4 participantes (0,3%) possuem 4 filhos e por fim, 2 sujeitos (0,2%) referem possuir 5 filhos.

No que respeita às doenças físicas, 1087 sujeitos (93%) referem não possuir qualquer doença física. Contrariamente, 83 participantes (7%) dizem possuir pelo menos uma doença física. Quando questionados acerca de uma doença no domínio psicológico, 1139 sujeitos (97,3%) referiram não possuir e 31 pessoas (2,7%) responderam ser portadores de uma doença psicológica. Do mesmo modo, 970 participantes (83%) dizem não tomar qualquer tipo de medicação, enquanto que 199 (17%) dos inquiridos refere a ingestão de medicação.

De entre o total de mulheres que aceitaram participar no estudo, 84,7% encontram-se na fase de pré-menopausa, 13% situam-se na fase da peri-menopausa e 2,3 % referiram encontrar-se na fase de pós-menopausa.

No que concerne aos dados obtidos acerca da religião, verifica-se que 661 sujeitos (56,5%) professam uma religião e que 509 (43,5%) não professam qualquer religião. Além disto, referentemente à ocorrência de experiências sexuais indesejadas, 51 (4,4%) sujeitos referiram ter vivenciado tal experiência, enquanto que 1118 (95,6%) dizem nunca ter experienciado tal situação.

No que respeita aos problemas existentes no relacionamento, 310 (26,5%) sujeitos referem a ocorrência de problemas de comunicação, 194 (16,6) relatam discussões frequentes, 32 (2,7%) apontam problemas devidos aos filhos e 20 (1,7%) referem problemas relacionados com o abuso de substâncias. Além disto, 22 (1,9%) participantes relatam histórias de agressão, 191 (16,3%) mencionam a interferência de terceiros, 109 (9,3%) referem diferenças nos valores morais e 35 (3%) diferenças religiosas. Por fim, 34 (2,9%) pessoas dizem ocorrer problemas de infidelidade, 135 (11,5%) apontam outros problemas e 498 (42,6%) referem não existir qualquer problema no relacionamento.

## 5.2 - Instrumentos

A recolha de informação foi operacionalizada através da administração de um questionário sócio-demográfico, conjuntamente com uma escala de ciúme e um inventário de satisfação sexual.

Assim, foi construído um questionário com vista à recolha de informação sócio-demográfica pertinente para a concretização dos objectivos inicialmente propostos. Com o intuito de avaliar o nível de ciúme, nas suas vertentes comportamental, cognitiva e emocional, foi utilizada a Escala Multidimensional de Ciúme, desenvolvida por Pfeiffer e Wong (1989). Partiu-se inicialmente da sua tradução, tendo sido aferida à posteriori para a

população portuguesa. Foi ainda utilizado o Inventário de Satisfação Sexual Golombok-Rust (1986), sendo a sua versão feminina traduzida e adaptada por Vilarinho e Nobre (2006) e a versão masculina traduzida e adaptada por Vilarinho e Nobre (2005). Contudo, ambas se encontram em processo de aferição para a população portuguesa, sendo mais adiante apresentados os resultados preliminares relativamente às duas versões.

Seguidamente, descrever-se-ão as principais características de cada escala, bem como a apresentação de algumas propriedades psicométricas.

### 5.2.1 - Questionário sócio-demográfico

O questionário é constituído por uma parte introdutória que visa a caracterização dos participantes em estudo, sendo que para tal foi elaborado propositadamente um questionário sócio-demográfico com vista ao levantamento de informação pertinente para a realização do estudo. Foi dada especial relevância à sua construção, de modo a não o tornar demasiado extenso e não proceder à recolha de informação excessiva. Deste modo, o questionário sócio-demográfico foi subdividido em cinco domínios consoante o objectivo pretendido.

Assim, o primeiro domínio visa a recolha de informação demográfica como o sexo, a idade, o meio de residência, a etnia e as habilitações literárias, enquanto que o segundo diz respeito às questões relacionais, tendo como objectivo a recolha de dados acerca do parceiro(a), da duração da relação, da satisfação com o relacionamento, entre outros. No que concerne ao domínio da história médica, pretende-se averiguar a presença de problemas de saúde e, posteriormente, no domínio da religião objectiva-se o levantamento de informação relativa às crenças e práticas religiosas. Por fim, o domínio do comportamento sexual visa o despite da presença de experiências sexuais indesejadas, bem como verificar a orientação sexual do participante.

### 5.2.2 - Escala Multidimensional de Ciúme

A *Multidimensional Jealousy Scale*, na sua versão original é composta por 24 itens que avaliam os componentes cognitivo, emocional e comportamental do ciúme. Assim, a primeira subescala visa a verificação da frequência com que os sujeitos experienciam preocupações ou pensamentos irracionais. Estes são classificados mediante uma escala de Likert em que 1 corresponde a “nunca” e 5 corresponde a “sempre”. De igual modo, no que se refere à subescala do ciúme emocional, o objecto de avaliação é a reacção emocional perante situações indutoras de ciúme, sendo que 1 corresponde a “muito bem” e 5 a “muito mal”. Por último, a subescala de ciúme comportamental avalia a frequência com que os sujeitos possuem determinados comportamentos motivados pelo ciúme. Assim, a resposta cotada com 1 corresponde a “nunca”, enquanto que a resposta assinalada com 5 corresponde a “sempre”. Deste modo, quanto mais elevada a pontuação da escala, maior é o nível de ciúme percebido pelo sujeito (Southard & Abel, 2010).

As subescalas apresentaram valores elevados no *alpha de Cronbach*, nomeadamente 0,92 na subescala do ciúme cognitivo, 0,86 na subescala do ciúme emocional e 0,90 na subescala do ciúme comportamental (Pfeiffer & Wong, 1989). De igual forma, Southart e Abel (2010), obtiveram um Alpha de Cronbach de 0,86, 0,85 e 0,88 para as subescalas cognitiva, comportamental e emocional, respectivamente. Outro estudo aponta para valores de 0,82 para a dimensão cognitiva, 0,90 para a dimensão emocional e 0,81 para a dimensão comportamental, o que revela uma boa consistência interna das três subescalas (Russell & Harton, 2005).

De seguida, apresentar-se-ão os dados relativos à aferição para a população portuguesa, sendo que a mesma foi realizada no decorrer desta investigação. O processo de validação englobou assim duas fases, a tradução e adaptação dos itens da escala e posteriormente a análise estatística dos mesmos. Deste modo, a escala foi traduzida da língua inglesa para a língua portuguesa por uma licenciada em línguas e posteriormente traduzida novamente para a língua original. Foi depois novamente traduzida para português e verificada por uma terceira pessoa com formação em psicologia e conhecimento da língua inglesa.

No que respeita à análise estatística, foram inicialmente calculados os valores de *Skewness* e *Kurtosis* de cada item da escala (cf. Anexo 1) e com base na análise dos mesmos, foram eliminados os itens 1, 4, 7, 15, 16 e 21, já que são estes aqueles que mais se afastam do intervalo ]-2; 2[, comprometendo a consistência interna da escala.

A fim de se poder avançar para uma análise factorial, realizou-se o *teste KMO* e o *teste de Bartlett's*, apresentando este último um valor de 8040,383 e o *KMO* um valor de 0,86, permitindo assim proceder-se à análise factorial. Na Tabela 5 observa-se o número de factores extraídos, bem como a distribuição dos itens por esses mesmos factores.

Tabela 5. Distribuição dos itens pelos factores

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
Item 2		0,64		
Item 3		0,77		
Item 5		0,78		
Item 6		0,74		
Item 8		0,73		
Item 9			0,60	
Item 10			0,71	
Item 11			0,53	
Item 12			0,60	
Item 13			0,78	
Item 14			0,80	
Item 17				0,56
Item 18	0,72			
Item 19	0,59			
Item 20	0,76			
Item 22	0,80			
Item 23	0,70			
Item 24				0,75

De seguida procedeu-se à análise da *Variância Total Explicada* e do valor de *alpha de Cronbach* de cada factor, cujos valores se encontram na Tabela 6.

Tabela 6. Variância explicada e alpha de cronbach relativos aos factores

Factores	Variância explicada	$\alpha$
Factor 1	30,898 %	0,815
Factor 2	13,494 %	0,816
Factor 3	8,940 %	0,804
Factor 4	5,723 %	0,553

Tendo em conta que o Factor 4 possui uma variância explicada muito baixa, bem como um *alpha de Cronbach* inferior de 0,7 e é constituído por apenas dois itens, este factor não será considerado. Deste modo, mantém-se a estrutura da escala original, sendo que o factor 1 corresponde à subescala Ciúme Emocional, o factor 2 corresponde à subescala Ciúme Cognitivo e o factor 3 corresponde à subescala Ciúme Comportamental.

Deste modo, os valores do *alpha de Cronbach* observados na versão portuguesa encontram-se muito próximos dos valores registados pelos autores da escala (0,86 na subescala Ciúme Emocional; 0,92 na subescala Ciúme Cognitivo; 0,90 na subescala Ciúme Comportamental). Por seu lado, o *alpha de Cronbach* da escala total na versão portuguesa é de 0,86.

A pontuação total da escala varia entre 16 e 64, sendo que com base nestes valores a pontuação foi agrupada em 3 grupos, o grupo de sujeitos que pontuam entre 16 e 21 (ciúme baixo), o grupo daqueles que se situam entre 22 e 42 (ciúme moderado) e o grupo dos sujeitos cuja pontuação se encontra entre 43 e 64 (ciúme elevado).

### 5.2.3 - Inventário de Satisfação Sexual Golombok-Rust (GRISS)

Com o intuito de proceder à avaliação do nível de satisfação sexual dos participantes, foi utilizado o Inventário de Satisfação Sexual Golombok Rust (1986). Este inventário, na sua versão original constituído por 28 itens, pretende avaliar a existência e gravidade de problemas no domínio sexual, abordando o grau de desejo, excitação, orgasmo, satisfação e dor. O inventário possui versões distintas, sendo que a versão feminina apresenta um *alpha de Cronbach* de 0,87, enquanto que a versão masculina apresenta um *alpha de Cronbach* de 0,94 (Rust & Golombok, 1986).

No que respeita à versão portuguesa, encontra-se em curso a validação da escala feminina pelos autores Vilarinho e Nobre (manuscrito em preparação), sendo que os dados obtidos demonstram um bom nível de consistência interna, apresentando um *alpha de Cronbach* de 0,89 e um coeficiente de *Sperman-Brown* de 0,88 (replicado método split half realizado pelos autores originais). No que concerne ao teste-reteste ( $n=40$ ), os valores do coeficiente de *Pearson* apresentam-se significativos ( $p<0,001$ ) quer para o total do inventário ( $r=0,91$ ), quer para as subescalas ( $r$  situado entre 0,72 e 0,91).

A validade convergente do inventário foi sustentada com base em estudos correlacionais com a Medida Global da Satisfação Sexual (Lawrance & Byers, 1998) e com a dimensão Satisfação do FSFI (Rosén, Hall, Korsman & Renberg, 2000). Encontram-se valores estatisticamente significativos ( $p<0,001$ ), para os coeficientes de correlação de *Pearson* entre o índice total do inventário e o GMSEX ( $r=-0,42$ ), e entre o índice total do inventário e a dimensão Satisfação do FSFI ( $r=-0,63$ ). A validade discriminante do índice total do inventário foi estabelecida em relação à dimensão Hostilidade do BSI (Derogatis, 1982) sendo que as medidas se revelaram independentes (índice total do GRISS e dimensão Hostilidade:  $r=-0,07$ ;  $p=0,41$ ; subescala Insatisfação feminina e dimensão Hostilidade:  $r=-0,06$ ;  $p=0,48$ ).

Por seu lado, no que concerne à versão masculina, encontra-se igualmente em curso o estudo de validação pelos mesmos autores, sendo que os primeiros resultados, correspondentes a uma amostra de validação que envolveu 780 participantes, confirmam adequados níveis de consistência interna para o total do inventário, com um *Alpha de Cronbach* de 0,86 e um coeficiente de *Spearman-Brown* de 0,75, através do método de split half. Os valores de consistência interna para as subescalas do Inventário de Satisfação Golombok-Rust variam entre 0,52, na subescala Não Comunicação e 0,87, na subescala Evitamento. Os valores do coeficiente de Pearson no teste-reteste (n=35) (com um intervalo de 3 semanas entre as duas administrações), mostram-se significativos ( $p < 0,001$ ) quer para o total do inventário ( $r=0,83$ ), quer para as subescalas ( $r$  entre 0,67 e 0,89), sendo indicadores de uma boa estabilidade temporal da versão masculina do GRISS. A validade discriminante foi estabelecida em relação à dimensão Hostilidade do BSI (Derogatis, 1982) sendo que as medidas se revelaram independentes (índice total do Inventário de Satisfação Sexual Golombok-Rust e dimensão Hostilidade:  $r=-0,06$ ;  $p=0,35$ ).

Deste modo, o Inventário de Satisfação Sexual Golombok Rust visa avaliar a forma como os sujeitos lidam com o seu próprio corpo e o do parceiro(a), o seu nível de interesse sexual, a qualidade da comunicação com o parceiro(a), assim como frequência de relações sexuais e a capacidade de atingir o orgasmo. As respostas variam numa escala de *Likert* de acordo com a intensidade percebida pelo sujeito, sendo que 1 corresponde a “nunca” e 5 corresponde a “sempre”. Tendo em conta a necessidade de inverter itens, na versão feminina, os itens 1, 3, 6, 7, 12, 13, 14, 16, 18, 20, 22, 23, 24, 25 são recodificados, de tal modo que, 1=0; 2=1; 3=2; 4=3; e 5=4, enquanto que os itens 2, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 15, 17, 19, 21, 26, 27 e 28 são recodificados de forma a que 1=4; 2=3; 3=2; 4=1 e 5=0. Para a versão masculina, os itens 2, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 17, 20, 22, 23, 24, 26, 27 e 28 são recodificados, de modo que 1=0; 2=1; 3=2; 4=3; e 5=4. Por seu lado, os itens 1, 3, 4, 8, 9, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 21 e 25 são recodificados de forma a que 1=4; 2=3; 3=2; 4=1 e 5=0. A pontuação do inventário reflecte-se assim no índice total de insatisfação sexual, com os resultados mais elevados a indicar piores índices de satisfação sexual (Fonseca et al., 2008; Rust & Golombok, 1986; Rust & Golombok, 1998; Tozo et al., 2009).

### **5.3 - Procedimentos**

Após definir a temática em estudo, procedeu-se à delimitação da amostra, à definição dos critérios de inclusão e à escolha dos instrumentos, sendo que a utilização dos mesmos foi precedida de um contacto informal com a Doutora Sandra Vilarinho, responsável pela validação do Inventário de Satisfação Sexual Golombok-Rust para a população portuguesa, que gentilmente concedeu autorização para a sua utilização, cedendo igualmente os dados relativos à validação em curso. Dada a impossibilidade de contactar os autores da Escala

Multidimensional de Ciúme, visto esta ter sido construída há vários anos, assume-se que esta fica disponível para a utilização por parte da comunidade científica.

Assim, após reunir os instrumentos necessários e construir o questionário sócio-demográfico, e antes de se proceder à entrega dos questionários (cf. Anexo 2), foi realizado um pré-teste com 20 sujeitos (10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino), a fim de verificar se existiam interpretações incorrectas ou questões ambíguas que inviabilizassem os resultados. Foram corrigidas algumas imprecisões e posteriormente efectivamente disponibilizados.

Deste modo, o preenchimento dos questionários pôde ser efectuado através da sua disponibilização online ou em formato impresso (abordagem directa aos participantes). Ambas as formas de recolha obedeceram aos pressupostos do anonimato e confidencialidade, sendo que os questionários recolhidos através de abordagem directa aos sujeitos, foram entregues conjuntamente com o formulário de consentimento informado (cf. Anexo 3) e o seu retorno realizado através de recurso a um envelope selado. De igual modo, os questionários online apresentavam o formulário de consentimento informado de início, garantindo que os participantes apenas avançassem se de facto esse fosse seu desejo. Foram explicados os objectivos e condições da investigação, esclarecendo eventuais dúvidas quanto ao propósito e metodologias utilizadas (disponibilizando um endereço de correio electrónico e um *site* na internet para o efeito ou pessoalmente quando possível). Além disto, garantiu-se aos participantes a utilização dos dados exclusivamente para fins de investigação.

Posto isto, recolheram-se 1329 questionários, tendo sido eliminados 162 questionários devido ao incorrecto preenchimento ou falta de cumprimento dos critérios de inclusão.

#### **5.4 - Análise Estatística**

Para a análise estatística dos dados obtidos, utilizou-se a versão 19.0 do SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*).

O processo de análise de dados envolve vários passos, sendo que o primeiro corresponde à verificação da possível existência de erros, ou seja, verificar se existem dados que caem fora do intervalo de valores possível para uma variável. Quando se detectou a ocorrência deste erro, procedeu-se à sua busca ao longo da base de dados, para que assim pudesse ser corrigido. De igual modo verificou-se a ocorrência de valores em falta, tendo sido igualmente corrigidos.

Partindo do postulado pelo teorema do limite central, à medida que a dimensão da amostra aumenta, a distribuição da média amostral tende para a distribuição normal (Maroco, 2007), pelo que se assume a normalidade da amostra e por conseguinte são utilizados os testes paramétricos.

Posto isto, procedeu-se então à análise comparativa dos dados, utilizando para tal testes *t de Student* de forma a comparar dois subgrupos (e.g. sexo e meio de residência) e a análise de variância (ANOVA) univariada para comparar três ou mais sub-grupos (e.g. habilitações literárias e duração da relação).

Com o intuito de quantificar a intensidade e direcção da associação entre variáveis utilizou-se o coeficiente de correlação de *Pearson*, considerando-se uma correlação positiva fraca valores entre 0 e 0,3, moderada 0,3 a 0,7 e forte 0,7 a 1. Do mesmo modo, considerou-se uma correlação negativa fraca valores entre 0 e -0,3, moderada -0,3 e 0,7 e forte 0,7 e 1 (Murteira, 1993).





## Capítulo 6 - Resultados

Tendo em conta que valores mais elevados no Inventário de Satisfação Sexual Golombok-Rust se traduzem numa maior insatisfação sexual, os valores médios são apresentados sob a forma de índices de insatisfação sexual, e partindo do pressuposto que o inverso de insatisfação sexual é satisfação sexual, considera-se que quando há um aumento da insatisfação sexual ocorre a diminuição da satisfação da sexual.

Assim, no que respeita à insatisfação sexual verifica-se que a média é de 21,26 e o desvio padrão de 11,81, enquanto que a variável ciúme regista uma média de 38,30 e um desvio padrão de 8.

Nas comparações entre grupos, e no que concerne às diferenças de género, verifica-se que para a variável que representa o ciúme total, é o sexo feminino que apresenta níveis médios mais elevados ( $M=39,20; DP=7,70$ ), quando comparado com o sexo masculino ( $M=36,97; DP=8,28$ ), sendo estes resultados estatisticamente significativos [ $t(1167)=-4,72; p<0,001$ ]. Nas subescalas do ciúme não se verificam diferenças estatisticamente significativas [ $t(1167)=-0,85; p=0,404$ ], sendo que na subescala ciúme cognitivo é o sexo feminino que detém valores médios mais elevados ( $M=9,11; DP=3,46$ ), se comparado com o sexo masculino ( $M=8,93; DP=3,51$ ). Do mesmo modo, no domínio do ciúme comportamental o sexo feminino apresenta níveis médios mais elevados ( $M=10,88; DP=3,74$ ), comparativamente ao sexo masculino ( $M=9,64; DP=3,53$ ), sendo tais diferenças altamente significativas [ $t(1167)=-5,68; p<0,001$ ]. Para a variável ciúme emocional, as diferenças registadas apresentam elevada significância estatística [ $t(1167)=-4,09; p<0,001$ ], sendo o sexo feminino que apresenta valores médios mais elevados ( $M=19,22; DP=3,11$ ) quando comparado com o sexo masculino ( $M=18,40; DP=3,70$ ). Por fim, no que respeita à satisfação sexual, o sexo masculino possui índices médios mais baixos de insatisfação sexual ( $M=19,85; DP=11,00$ ), quando comparado com o sexo feminino ( $M=22,23; DP=12,25$ ), sendo tais diferenças altamente significativas [ $t(1167)=-3,40; p<0,001$ ], o que se traduz, partindo do pressuposto que quando a insatisfação sexual aumenta a satisfação sexual diminui, numa maior satisfação sexual por parte do sexo masculino (cf. Tabela 7).

Tabela 7. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função do sexo

Sexo		Feminino	Masculino
Ciúme total	M	39,20	36,97
	DP	7,70	8,28
Ciúme cognitivo	M	9,11	8,93
	DP	3,46	3,51
Ciúme comportamental	M	10,88	9,64
	DP	3,74	3,53
Ciúme emocional	M	19,22	18,40
	DP	3,11	3,70
Insatisfação sexual	M	22,23	19,85
	DP	12,25	11,00

No que respeita à comparação das variáveis ciúme e satisfação sexual em função do meio de residência, não se encontram diferenças estatisticamente significativas [ $t(1167)=0,968$ ;  $p=0,333$ ] entre os resultados médios da insatisfação sexual nos residentes em meio urbano ( $M=21,07$ ;  $DP=11,96$ ) e em meio rural ( $M=21,86$ ;  $DP=11,96$ ) No que se refere ao ciúme, os valores médios em sujeitos residentes em meio urbano foram ligeiramente superiores ( $38,30$ ;  $DP=8,02$ ) aos valores médios dos sujeitos residentes em meio rural ( $38,28$ ;  $DP=7,99$ ), não ao sendo tais diferenças estatisticamente significativas [ $t(1167)=-0,45$ ;  $p=0,964$ ] (cf. Tabela 8).

Tabela 8. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função do meio de residência

Meio de residência		Rural	Urbano
Ciúme	M	38,28	38,30
	DP	7,99	8,02
Insatisfação sexual	M	21,86	21,07
	DP	11,6	11,96

Da análise dos níveis de ciúme e de insatisfação sexual mediante as habilitações literárias, verificou-se que são os sujeitos com ensino secundário que possuem níveis médios

mais elevados de ciúme ( $M=39,50; DP=8,70$ ), seguidos dos sujeitos com ensino superior ( $M=37,79; DP=7,44$ ) e dos sujeitos que possuem entre 7 e 9 anos de escolaridade ( $M=37,74; DP=7,24$ ). Surge de seguida o grupo de sujeitos com 5 ou 6 anos de escolaridade ( $M=33,50; DP=9,59$ ) e por último os participantes que possuem a 4ª classe ( $M=29,17, DP=3,66$ ). Tais diferenças não são, contudo, estatisticamente significativas [ $F(529,01; 162430,41)=0,95; p=0,435$ ]. Por seu lado, no que respeita à satisfação sexual, é naqueles cujas habilitações literárias se situam nos 5 ou 6 anos que se registam índices médios mais elevados de insatisfação ( $M=24,50; DP=15,72$ ), seguidos por aqueles que possuem entre 7 e 9 anos de escolaridade ( $M=23,87; DP=11,70$ ) e pelos que possuem a 4ª classe ( $M=23,83; DP=13,47$ ). Por fim, surgem os participantes com o ensino secundário ( $M=21,56; DP=11,33$ ) e com ensino superior ( $M=20,86; DP=12,07$ ). Estas diferenças nos valores médios apresentam elevada significância estatística [ $F(1583,56; 73324,04)=6,29; p<0,001$ ] (cf. Tabela 9).

Tabela 9. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm DP$ ) do ciúme e da satisfação sexual em função das habilitações literárias

		4ª Classe	5-6 Anos M $\pm$ DP	7-9 Anos	Ensino secundário	Ensino Superior
Ciúme	M	29,17	33,50	37,74	39,50	37,79
	DP	3,66	9,59	7,24	8,70	7,44
Insatisfação sexual	M	23,83	24,50	23,87	21,56	20,86
	DP	13,47	15,72	11,70	11,33	12,07

Analisando os dados relativos ao estado civil, verifica-se que os sujeitos casados são o grupo que apresenta menores níveis médios de ciúme ( $M=25,25; DP=7,08$ ), seguido pelo grupo dos viúvos ( $M=35,33; DP=7,85$ ) e daqueles que se encontram em união de facto ( $M=37,99; DP=7,12$ ). Por fim, com níveis médios mais elevados de ciúme surge o grupo dos solteiros ( $M=39,51; DP=8,15$ ), sendo estas diferenças estatisticamente significativas [ $F(3829,46; 71078,13)=20,92; p<0,001$ ]. No que concerne à variável satisfação sexual, é no grupo dos casados que se registam valores médios mais elevados de insatisfação sexual ( $M=23,95; DP=12,94$ ), sendo seguido pelo grupo daqueles que se encontram em união de facto ( $M=22,56; DP=12,38$ ) e pelo grupo dos solteiros ( $M=20,26; DP=11,20$ ). O grupo que regista valores médios de insatisfação sexual mais baixos, ou seja, maior satisfação sexual é o grupo dos viúvos ( $M=15,76; DP=7,80$ ). Os resultados indicam elevada significância estatística [ $F(3548,18; 159411,24)=8,64; p<0,001$ ]. (cf. Tabela 10).

Tabela 10. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função do estado civil

		Solteiro	Casado	Viúvo	União de facto
Ciúme	M	39,51	25,25	35,33	37,99
	DP	8,15	7,08	7,85	7,12
Insatisfação sexual	M	20,26	23,95	15,76	22,56
	DP	11,20	12,94	7,80	12,38

No que se refere às idades, e de forma a facilitar a obtenção de resultados comparáveis, a amostra foi dividida em dois grupos, o grupo de sujeitos que possuem entre 18 e 35 anos e o grupo de sujeitos que possuem mais de 35 anos. Assim, os índices médios de insatisfação sexual são mais elevados no segundo grupo ( $M=24,53; DP=13,04$ ), comparativamente ao primeiro grupo ( $M=20,60; DP=11,44$ ) sendo estes valores altamente estatisticamente significativos [ $t(1170)=-4,28; p<0,001$ ]. Para a variável ciúme, é o grupo de idades compreendidas entre 18 e 35 que regista valores mais elevados ( $M=39,10; DP=7,94$ ), comparativamente ao grupo de idades com mais de 35 anos ( $M=34,30; DP=7,13$ ), sendo estes valores igualmente significativos [ $t(1170)=7,86; p<0,001$ ] (cf. Tabela 11)

Tabela 11. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função da idade

		18-35 anos	Mais de 35 anos
Ciúme	M	39,10	34,30
	DP	7,94	7,13
Insatisfação sexual	M	20,60	24,53
	DP	11,44	13,04

Quando comparados os níveis de ciúme e insatisfação sexual em função do tempo de duração da relação, verifica-se que é nos sujeitos que mantêm relacionamentos há menos tempo (0 a 10 anos) que os níveis de insatisfação sexual são menores, possuindo portanto maior satisfação sexual ( $M=20,47; DP=11,32$ ). Este grupo é seguido por sujeitos que mantêm um relacionamento entre 11 e 20 anos ( $M=24,00; DP=13,08$ ) e pelo grupo de sujeitos cujos

relacionamentos possuem uma duração superior a 20 anos ( $M=27,58; DP=13,72$ ). Verifica-se que estas diferenças são altamente significativas [ $F(4289,47;158669,89)=15,75; p<0,001$ ]. No que respeita ao ciúme, verificam-se igualmente diferenças estatisticamente significativas [ $F(2539,76;72356,96)=20,45; p<0,001$ ], sendo os valores médios mais elevados no grupo de sujeitos com relacionamentos cuja duração se encontra entre 0 e 10 anos ( $M=38,92; DP=8,00$ ), seguido pelo grupo de sujeitos com relacionamentos cuja duração se encontra entre 11 e 20 anos ( $M=35,99; DP=7,27$ ). Por fim, o grupo com média de ciúme mais baixo diz respeito a sujeitos com relacionamentos de duração superior a 20 anos ( $M=33,62; DP=7,12$ ) (cf. tabela 12).

Tabela 12. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm DP$ ) do ciúme e da satisfação sexual em função da duração do relacionamento

		0-10	11-20	Mais de 20
Ciúme	M	38,92	35,99	33,62
	DP	8,00	7,27	7,12
Insatisfação sexual	M	20,47	24,00	27,58
	DP	11,31	13,08	13,72

Além disto, o ciúme apresenta níveis médios mais elevados em sujeitos que referem estar pouco satisfeitos globalmente com o seu parceiro(a) ( $M=41,16; DP=8,99$ ), seguidos pelos sujeitos que referem estar mais ou menos satisfeitos com o relacionamento ( $M=39,70; DP=8,86$ ). Segue-se o grupo de participantes que se encontra satisfeito com o relacionamento ( $M=39,17; DP=7,82$ ) e o grupo de sujeitos que se encontra muito satisfeito com a relação ( $M=37,0,8; DP=7,68$ ). O grupo de sujeitos cujos níveis médios de ciúme são mais baixos é o grupo de sujeitos nada satisfeitos com o parceiro(a) ( $M=36,80; DP=12,91$ ). Tais diferenças são altamente significativas [ $F(1657,44;73004,15)=6,60; p<0,001$ ]. Por seu lado, a insatisfação sexual é mais elevada em sujeitos que referem estar pouco satisfeitos com o relacionamento de uma forma geral ( $M=36,80; DP=12,91$ ), seguidos pelos sujeitos que relatam estar nada satisfeitos com a relação ( $M=37,60; DP=16,62$ ) e pelo grupo daqueles que estão mais ou menos satisfeitos no relacionamento ( $M=29,33; DP=13,07$ ). Segue-se o grupo que diz estar satisfeito com a relação ( $M=22,32; DP=10,22$ ) e por fim o grupo que se encontra muito satisfeito com a relação ( $M=17,25; DP=10,26$ ). Estas diferenças são também estatisticamente significativas [ $F(27192,50;135043,70)=58,50; p<0,001$ ] (cf. tabela 13).

Tabela 13. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função do grau de satisfação com o relacionamento em geral

		Mais ou				
		Muito satisfeito	Satisfeito	menos satisfeito	Pouco satisfeito	Nada satisfeito
Ciúme	M	37,08	39,17	39,70	41,16	36,80
	DP	7,68	7,82	8,86	8,99	12,91
Insatisfação sexual	M	17,25	22,32	29,33	38,16	37,60
	DP	10,26	10,22	13,07	16,06	16,62

Os resultados relativos à religião indicam diferenças estatisticamente significativas para a variável ciúme [ $t(1170)=2,00$ ;  $p<0,45$ ], sendo no grupo de sujeitos que professam uma religião que se registam níveis médios mais elevados de ciúme ( $M=38,71$ ;  $DP=7,97$ ), comparativamente ao grupo daqueles que referem não professar qualquer religião ( $M=37,76$ ;  $DP=8,04$ ). De igual modo, é também no primeiro grupo que se registam índices médios de insatisfação sexual mais elevados ( $M=21,50$ ;  $DP=12,07$ ), quando comparado com o segundo grupo ( $M=20,95$ ;  $DP=11,47$ ), não sendo, contudo, estas diferenças estatisticamente significativas [ $t(1170)=0,78$ ;  $p=0,434$ ] (cf. Tabela 14).

Tabela 14. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm$ DP) do ciúme e da satisfação sexual em função da crença numa religião

		Professam religião	Não professam religião
Ciúme	M	38,71	37,76
	DP	7,97	8,04
Insatisfação sexual	M	21,50	20,95
	DP	12,07	11,47

No que concerne à relação entre a variável ciúme e a existência de problemas de comunicação, verifica-se que são os sujeitos que referem a existência dos mesmos, aqueles que possuem níveis médios de ciúme mais elevados ( $M=40,34$ ;  $DP=8,18$ ), comparativamente

àqueles que referem não possuir problemas nesse domínio ( $M=37,56; DP=7,82$ ), sendo estas diferenças altamente significativas [ $t(1167)=5,30; p<0,001$ ]. No que se refere à satisfação sexual, verificam-se também diferenças estatisticamente significativas [ $t(1167)=7,36; p<0,001$ ], sendo os sujeitos que revelam a existência de problemas de comunicação são aqueles que possuem índices médios mais elevados de insatisfação sexual ( $M=25,40; DP=11,78$ ), comparativamente ao grupo que não refere tais problemas ( $M=19,77; DP=11,47$ ).

De igual modo, são os sujeitos que referem a ocorrência de discussões frequentes que apresentam níveis médios de ciúme mais elevados ( $M=43,99; DP=9,13$ ), quando comparados com o grupo que não refere tais problemas ( $M=37,16; DP=7,26$ ). Verifica-se que estas diferenças são estatisticamente significativas [ $t(1167)=11,44; p<0,001$ ]. Também para a variável satisfação sexual se registam índices médios mais elevados de insatisfação sexual, ou seja, maior satisfação sexual, no grupo que relata a ocorrência de discussões frequentes ( $M=24,91; DP=13,48$ ), comparativamente ao grupo que não refere a ocorrência destes problemas ( $M=20,53; DP=11,32$ ), sendo estas diferenças altamente significativas [ $t(1167)=4,76; p<0,001$ ] (cf. Tabela 15).

Tabela 15. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm DP$ ) do ciúme e da satisfação sexual em função da ocorrência de discussões

		Ocorrência de discussões	Não ocorrência de discussões
Ciúme	M	43,99	37,16
	DP	9,13	7,26
Insatisfação sexual	M	24,91	20,53
	DP	13,48	11,32

No que concerne aos problemas com os filhos, os resultados indicam que os participantes que relatam problemas relativos aos filhos apresentam níveis médios de ciúme mais elevados ( $M=39,94; DP=7,54$ ), comparativamente com o grupo que não regista problemas desta natureza ( $M=38,25; DP=8,02$ ). Contudo, tais diferenças não são estatisticamente significativas [ $t(1167)=1,18; p=0,240$ ]. Para a variável satisfação sexual, foram observados índices médios mais elevados de insatisfação sexual no grupo que refere problemas relativos aos filhos ( $M=27,72; DP=16,92$ ), comparativamente ao grupo que não refere estes problemas ( $M=21,08; DP=11,59$ ), sendo que isto se traduz numa menor satisfação sexual no grupo que relata a existência de problemas. É possível observar que estas diferenças são estatisticamente significativas [ $t(1167)=3,15; p=0,002$ ].

Registam-se também níveis médios mais elevados de ciúme no grupo de sujeitos que refere existir no relacionamento problemas relacionados com o abuso de substâncias ( $M=44,40; DP=4,92$ ), comparativamente ao grupo que não refere a ocorrência desses problemas ( $M=38,19; DP=8,01$ ), sendo estas diferenças altamente significativas [ $t(1167)= 3,45; p=0,001$ ]. De igual modo, os índices médios de insatisfação sexual são mais elevados no grupo que relata a ocorrência destes problemas ( $M=30,75; DP=13,05$ ), sendo igualmente estas diferenças altamente significativas [ $t(1167)= 3,64; p<0,001$ ] (cf. Tabela 16).

Tabela 16. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm DP$ ) do ciúme e da satisfação sexual em função da ocorrência de abuso de substâncias

		Ocorre abuso de substâncias	Não ocorre abuso de substâncias
Ciúme	M	44,40	38,19
	DP	4,92	8,01
Insatisfação sexual	M	30,75	21,10
	DP	13,05	11,73

No subgrupo de sujeitos que relatam problemas relacionados com agressões, os níveis médios de ciúme são igualmente mais elevados ( $M=48,45; DP=10,70$ ), comparativamente ao subgrupo de sujeitos que não relata tais problemas no relacionamento ( $M=38,10; DP=7,83$ ), verificando-se que estas diferenças são muito significativas [ $t(1167)=6,10; p=0,000$ ]. Por seu lado, os índices médios de insatisfação sexual são igualmente mais elevados no grupo que refere a ocorrência de agressões ( $M=29,91; DP=17,96$ ), quando comparados com o grupo que não relata problemas neste domínio ( $M=21,10; DP=11,61$ ), sendo estas diferenças também estatisticamente significativas [ $t(1167)=3,48; p<0,001$ ].

Nesta perspectiva, verifica-se igualmente a presença de níveis médios de ciúme mais elevados em sujeitos que relatam a ocorrência de interferência de terceiros ( $M=42,00; DP=9,04$ ), comparativamente àqueles que não referem tais problemas ( $M=37,57; DP=7,59$ ). Estas diferenças são altamente significativas [ $t(1167)=7,14; p<0,001$ ]. No que concerne à satisfação sexual, o grupo que relata a interferência de terceiros apresenta valores médios de insatisfação sexual mais altos, ou seja, menor satisfação sexual ( $M=23,60; DP=13,29$ ), comparativamente ao grupo que não refere tais problemas, sendo tais diferenças estatisticamente significativas ( $M=20,80; DP=11,45$ ) [ $t(1167)=2,99; p<0,001$ ].

Da análise dos resultados relativos às diferenças nos valores morais, registam-se níveis médios de ciúme mais baixos no grupo que refere a não ocorrência de tais problemas no seu

relacionamento ( $M=38,02; DP=7,94$ ), comparativamente ao grupo que refere a sua ocorrência ( $M=40,97; DP=8,17$ ), sendo estas diferenças também estatisticamente significativas [ $t(1167)=3,68; p<0,01$ ]. Do mesmo modo, os valores médios de insatisfação sexual são mais elevados no grupo que relata problemas neste domínio ( $M=24,31; DP=12,24$ ), comparativamente àqueles que não mencionam estes problemas ( $M=20,95; DP=11,73$ ) [ $t(1167)=2,84; p=0,005$ ] (cf. Tabela 17).

Tabela 17. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm DP$ ) do ciúme e da satisfação sexual em função da existência de diferenças nos valores morais

		Diferenças nos valores morais	Ausência de diferenças nos valores morais
Ciúme	M	40,97	38,02
	DP	8,17	7,94
Insatisfação sexual	M	24,31	20,95
	DP	12,24	11,73

Quando se encontram presentes no relacionamento problemas relativos a diferenças nos credos religiosos, os níveis médios de ciúme apresentam valores mais elevados ( $M=40,94; DP=8,26$ ), sendo menores quando tais diferenças não existem ( $M=38,21; DP=7,99$ ). Os resultados indicam que estas diferenças são estatisticamente significativas [ $t(1167)=1,99; p<0,05$ ]. No que respeita aos valores médios de insatisfação sexual, embora sem diferenças estatisticamente significativas [ $t(1167)=0,77; p=0,443$ ], foi observável que estes são mais elevados no grupo que relata problemas referentes às diferenças nos credos religiosos ( $M=22,77; DP=12,46$ ), quando comparados com os valores médios do grupo que não refere estes problemas ( $M=21,21; DP=11,79$ ).

Por fim, os níveis médios de ciúme são também mais elevados no grupo que refere problemas relativos à infidelidade ( $M=48,62; DP=10,28$ ), comparativamente ao grupo que não menciona tais problemas ( $M=37,99; DP=7,73$ ), sendo tais resultados altamente significativos [ $t(1167)=7,82; p<0,001$ ]. Além disto, é também no grupo de sujeitos que relata problemas de infidelidade que se registam níveis médios de insatisfação sexual mais elevados, que se traduzem numa maior satisfação sexual ( $M=27,38; DP=15,43$ ), comparativamente ao grupo que não evidencia tais problemas ( $M=21,08; DP=11,65$ ), sendo que, de igual modo, estas diferenças são estatisticamente significativas [ $t(1167)=3,08; p<0,01$ ].

No que se refere à vivência de experiências sexuais indesejadas, foi possível observar através dos resultados, índices médios de insatisfação sexual mais elevados no grupo de

sujeitos que relatam ter vivenciado tal experiência ( $M=26,27; DP=15,83$ ), comparativamente ao grupo que não relata a ocorrência de qualquer experiência sexual indesejada ( $M=21,03; M=11,55$ ). Observou-se que estas diferenças são estatisticamente significativas [ $t(1167)=3,11; p=0,002$ ]. Estes valores reflectem-se numa maior satisfação sexual nos participantes que não relatam experiências sexuais indesejadas.

Da correlação entre a variável ciúme total e insatisfação sexual, observou-se a existência de uma correlação positiva fraca ( $r=0,108$ ). Verifica-se uma correlação positiva fraca entre o ciúme comportamental e a insatisfação sexual ( $r=0,17$ ) e entre o ciúme cognitivo e a insatisfação sexual ( $r=0,09$ ). Constata-se ainda uma correlação negativa igualmente fraca entre o ciúme emocional e a insatisfação sexual ( $r=-0,027$ ) (cf. Tabela 18).

Tabela 18. Intensidade e direcção da associação entre o ciúme e a insatisfação sexual

	Insatisfação sexual	
	<i>r</i> (Pearson)	<i>p</i>
Ciúme total	0,108	0,000*
Ciúme cognitivo	0,091	0,002**
Ciúme comportamental	0,172	0,000*
Ciúme emocional	-0,027	0,350

\*  $p < 0,001$

\*\*  $p < 0,01$

Para os 3 subgrupos de ciúme (ciúme baixo, ciúme intermédio e ciúme alto) verificou-se ser o grupo de sujeitos que possui ciúme baixo que apresenta níveis médios mais elevados de insatisfação sexual ( $M=31,93; DP=21,04$ ), seguido do grupo com ciúme alto ( $M=23,08; DP=12,22$ ) e por fim o grupo que apresenta ciúme intermédio ( $M=20,29; DP=11,05$ ), ou seja, é no grupo do ciúme intermédio que se regista uma satisfação sexual mais elevada, sendo estas diferenças muito significativas [ $F(3507,07; 154331,76)=13,17; p < 0,001$ ] (cf. Tabela 19).

Tabela 19. Análise comparativa dos valores médios ( $\pm DP$ ) do ciúme e da satisfação sexual em função dos grupos de ciúme

		Ciúme baixo	Ciúme intermédio	Ciúme alto
Insatisfação sexual	M	31,93	20,29	23,08
	DP	21,04	11,05	12,22





## Capítulo 7 - Discussão

A relação entre o ciúme e as diferenças de género tem recebido a atenção de várias investigações, mas os resultados são controversos, na medida em que estes apontam em direcções opostas (Demirtaş & Dönmez, 2006). Assim, os resultados obtidos na presente investigação suportam a ideia de que o sexo feminino regista níveis mais elevados de ciúme, corroborando aquilo que defendem os autores Sagarin e Guadagno (2004). De igual forma, verificam-se igualmente níveis mais elevados no grupo feminino em todos os domínios do ciúme (cognitivo, comportamental e emocional). Deste modo, confirmam-se as hipóteses iniciais que referem que é o sexo feminino que possui níveis mais elevados de ciúme total, cognitivo, emocional e comportamental. Estes resultados vão ao encontro da perspectiva de Winderman e Kendall (1999), que afirmam que a mulher possui uma maior facilidade na demonstração do ciúme percebido. Segundo Costa (2005), o ciúme nas mulheres parece justificar-se pelo medo de que os companheiros se envolvam com uma rival, ou seja, o ciúme emerge como uma estratégia de manutenção e de protecção da relação.

Se os níveis de ciúme se alteram consoante o género, o mesmo não se verifica quando os níveis de ciúme são comparados em função do meio de residência. Os resultados obtidos não registam diferenças no ciúme percebido no que concerne aos residentes em meio urbano ou em meio rural. Assim, pressupõe-se que o meio de residência não possui qualquer influência na percepção do ciúme. No entanto, é necessário ressaltar a elevada heterogeneidade dos dois grupos de comparação.

No que respeita às alterações na percepção de ciúme em função das habilitações literárias, verifica-se que são os participantes detentores do ensino secundário que evidenciam maiores níveis de ciúme, embora muito próximos dos níveis evidenciados pelos participantes que possuem o ensino superior e pelos participantes com 7 a 9 anos de escolaridade. Deste modo, os sujeitos com níveis de ciúme mais baixos são aqueles que possuem a 4ª classe e os que possuem entre 5 e 6 anos de escolaridade. Contudo, tais resultados podem ter sido condicionados pelo baixo número de participantes com a 4ª classe e com 5 ou 6 anos de escolaridade. Seria portanto importante a realização de novos estudos que abordem esta questão.

Segundo Edalati e Redzuan (2010), à medida que o casal se torna mais íntimo e o relacionamento mais sólido, ocorre um aumento do ciúme, na medida em que as ameaças ao relacionamento são sentidas mais intensamente. Do mesmo modo, Aune e Comstock (1997) referem que a expressão de ciúme aumenta à medida que uma relação evolui. Sujeitos com um nível mais elevado de comprometimento no relacionamento experienciam níveis de ciúme mais elevados do que aqueles que possuem um relacionamento com um compromisso menos rígido (Rydell, McConnel & Bringle, 2004). Contudo, Southard e Abel (2010) mencionam a existência de lacunas neste domínio, não se encontrando clara a influência da duração da relação no ciúme percebido. Os resultados do presente estudo divergem dos de outras

investigações realizadas, na medida em que contrapõem o que os autores supracitados defendem. De facto, nesta amostra, são os sujeitos com relações mais duradouras, aqueles que possuem níveis de ciúme menos elevados. Verifica-se que os participantes com relacionamentos entre 0 e 10 anos são o grupo que evidencia maiores níveis de ciúme, seguido pelo grupo de sujeitos com relacionamentos de duração compreendida entre os 11 e os 20 anos, e por fim aqueles que se encontram num relacionamento há mais de 20 anos. Estas diferenças são consideráveis e estatisticamente significativas, permitindo refutar a hipótese inicialmente colocada que refere que quanto mais duradoura for a relação, maiores os níveis de ciúme percebido. O compromisso no relacionamento faz parte de um vasto conjunto de variáveis que influenciam a manifestação de ciúme (White & Mullen, 1989; cit. por Ortiz, Leiva & Jacinto, 2009), sendo que a estabilidade alcançada com os anos de vida em comum poderá justificar esta diminuição de ciúme à medida que os anos de relacionamento vão aumentando.

É o grupo dos participantes casados que revela níveis mais baixos de ciúme, encontrando-se no extremo oposto os sujeitos solteiros, sendo a diferença entre grupos bastante elevada e estatisticamente significativa. Mais uma vez, os resultados remetem para níveis de ciúme mais baixos quando existe um maior grau de compromisso. Estes resultados reforçam assim a ideia de que a estabilidade gera menores níveis de ciúme. Tais conclusões parecem encontrar-se em concordância com Demirtaş e Dönmez (2006), que verificaram que os sujeitos solteiros possuem maiores níveis de ciúme do que os casados.

No que concerne à relação entre o ciúme e a idade, se por um lado há autores que defendem uma associação positiva entre ambas as variáveis (Aune & Comstock, 1991), há igualmente autores que referem o inverso, uma associação negativa entre ciúme e idade (Buunk, 1981; Demirtaş & Dönmez, 2006). Os resultados apurados neste estudo parecem corroborar esta segunda perspectiva, na medida em que é o grupo de sujeitos mais novos (18 a 35 anos) que regista níveis mais elevados de ciúme, contrariamente ao grupo de participantes mais velhos (mais de 35 anos). Tal facto pode encontrar-se relacionado com aquilo que Shackelford e colaboradores (2004) afirmaram, nomeadamente a existência de diferenças na percepção do ciúme consoante a idade avança. Os autores justificam este aspecto pelo facto de mulheres mais velhas já não terem filhos, logo não há um desinvestimento no parceiro para investir nos filhos, sendo que, segundo Almeida (2007), enquanto a mulher está grávida e investe no filho, o homem pode virar os seus recursos para outra pessoa. Contudo, é possível estabelecer novamente uma relação com a estabilidade do casal, na medida em que quando a idade avança, existe maior probabilidade de que os participantes se encontrem num relacionamento com maior grau de compromisso e estabilidade. Através destes resultados é refutada a hipótese de que os participantes com mais de 35 anos evidenciam níveis médios de ciúme mais altos.

São várias as referências à diminuição da qualidade da relação mediante a presença de ciúme (Anderson et al., 1995; Banfield & McCabe, 2001; Shackelford & Buss, 2000), sendo que os resultados obtidos nesta investigação mostram que quando os sujeitos encaram a sua

relação como muito satisfatória, os níveis de ciúme são mais baixos, tornando-se mais elevados quando os sujeitos referem que a relação é apenas satisfatória, aumentando ainda mais quando a relação é percebida como mais ou menos satisfatória e atingindo os níveis mais elevados quando os sujeitos afirmam que estão pouco satisfeitos com a relação. Por outras palavras, estes resultados confirmam que quando existem níveis mais elevados de ciúme, a satisfação com o relacionamento diminui. Apesar disto, o resultado mais baixo entre todos os grupos foi verificado naqueles que referem não estar “nada satisfeitos” com o relacionamento. Tal facto pode dever-se ao desinvestimento na relação, na medida em que quando já não há interesse e quando a relação não é satisfatória, possivelmente o ciúme já não se registará, visto já não existir interesse na relação ou até mesmo na outra pessoa.

O ciúme foi também analisado em função da religião, registando-se um nível de ciúme superior em sujeitos que professam uma religião, contrariamente àqueles que não professam qualquer religião. A este respeito, Almeida e Centeville (2008), escreveram que o ciúme é um problema que acontece em ambos os sexos e não obedece a um estatuto socioeconómico específico, à existência de uma religião ou cultura específica. Deste modo, embora as diferenças encontradas revelem significância estatística, os valores médios encontram-se muito próximos, já que o primeiro grupo regista média de 38,71 e o segundo grupo regista 37,76.

Uma ideia comum a vários autores é que o ciúme pressupõe um aumento da conflituosidade, e que os vários problemas e conflitos existentes no seio da relação, conduzem ao aumento do ciúme (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008; Barelds & Barelds-Dijkstra, 2007). Este aspecto foi estudado nesta investigação e os resultados sugerem que o ciúme é mais elevado aquando da ocorrência de problemas no relacionamento. Especificando os problemas analisados, foi possível verificar que o ciúme é mais elevado quando ocorrem discussões frequentes ou abuso de substâncias e agressões (físicas, verbais ou psicológicas). Tais resultados estão em concordância com aquilo que Edalati & Redzuan (2010) observam, nomeadamente que o ciúme e a agressão se encontram positivamente relacionados, ou seja, que ambas as variáveis crescem na mesma direcção e que portanto, quando uma aumenta a outra aumenta igualmente. Os resultados indicam também que os níveis de ciúme são mais elevados quando existem interferência de terceiros, diferenças nos valores morais, diferenças religiosas e problemas de comunicação. Alguns destes aspectos foram anteriormente defendidos por Theiss e Solomon (2006), que apontam, entre outros, a interferência de terceiros e os problemas de comunicação como factores envolvidos no aumento do ciúme. Além disto, Hupka (1981) mencionou o facto de a comunidade estar implicada na ocorrência de ciúme, na medida em que dita regras e fomenta comportamentos, sendo que este aspecto pode estar relacionado com as diferenças nos valores morais, aspecto estudado nesta investigação.

Por último, referem-se os problemas relativos à infidelidade, sendo que nesta perspectiva Edalati e Redzuan (2010) salientam que a infidelidade gera o surgimento do ciúme, sendo que este acaba por ter um impacto enorme na relação conjugal, podendo

mesmo destruí-la. Assim, os resultados obtidos nesta investigação confirmam tal aspecto, na medida em que os níveis de ciúme são mais elevados quando os participantes relatam problemas de infidelidade existentes no relacionamento.

No que concerne aos resultados relativos à satisfação sexual, foi possível verificar que, nesta amostra, é o sexo feminino que revela índices de insatisfação sexual mais elevados ( $M=22,23;DP=12,25$ ), quando comparado com o sexo masculino ( $M=19,85;DP=11,00$ ), o que se traduz numa satisfação sexual mais elevada por parte do sexo masculino, na medida em que valores mais elevados traduzem uma pior satisfação sexual. Estes resultados parecem assim estar em conformidade com aquilo que é relatado na literatura, na medida em que Ziher (2010) refere que a satisfação sexual tende a ser mais baixa nas mulheres. Também segundo McCabe (1999) e Peterson e Hyde (2011), os homens apresentam maior satisfação sexual, maior frequência de actividade sexual, desejam mais experiências sexuais, falam mais de sexo com a parceira e apresentam atitudes mais positivas e permissivas em relação ao sexo. Do mesmo modo, Palton e Waring (1985) corroboram tal facto, referindo que os homens enfatizam mais o relacionamento sexual do que as mulheres. Contudo, existem também estudos que indicam, que de forma global, as mulheres se encontram bastante satisfeitas com a sua vida sexual, envolvendo-se regularmente em actividades sexuais (Dijkstra & Barelds, 2011). Na verdade, os factores que contribuem para a satisfação sexual nas mulheres parecem ser mais numerosos e mais complexos, comparativamente aos factores que predizem a satisfação sexual no sexo masculino (Carpenter, Nathanson & Kim, 2009). Assim, a hipótese que refere a existência de índices de satisfação sexual mais baixos nas mulheres comparativamente com os homens, é confirmada.

Tal como registado na comparação dos níveis de ciúme consoante o meio de residência, também para a variável “satisfação sexual” não foram encontradas diferenças significativas, uma vez que os valores registados nos participantes residentes em meio urbano ( $M=21,07;DP=11,96$ ) são muito próximos dos valores registados em relação aos valores registados nos participantes residentes em meio rural ( $M=21,86;DP=11,96$ ). Deste modo, parece que a percepção de satisfação sexual não se altera em função do meio de residência.

De igual modo, as diferenças verificadas na satisfação sexual consoante as habilitações literárias, não são estatisticamente significativas. Contudo, na presente investigação, os resultados apontam para níveis de satisfação sexual mais elevados nos participantes com mais habilitações literárias (ensino secundário e ensino superior). Estes resultados encontram-se assim em conformidade com a literatura encontrada, na medida em que os estudos têm verificado que o nível educacional é uma variável que se correlaciona positivamente com a satisfação sexual, tanto nos homens como nas mulheres (Barrientos & Páez, 2006; Haavio-Manilla & Kontulla, 1997).

Segundo Pechorro (2006) e Peterson e Hyde (2011), a idade parece influenciar a satisfação sexual, na medida em que esta tende a diminuir com o avançar da idade. Corroborando esta ideia, Alonso e colaboradores (2004) apontam um declive gradual do interesse e da satisfação sexual ao longo do passar dos anos. Este facto é corroborado na

presente investigação, na medida em que os resultados obtidos revelam que são os sujeitos com mais de 35 anos que apresentam níveis de satisfação sexual mais baixos, quando comparados com os participantes com menos de 35 anos. Tais resultados podem dever-se a uma multiplicidade de factores, já que a satisfação sexual é um constructo que integra outro ainda mais vasto, a satisfação relacional (Meston & Trapnell, 2005). É uma resposta afectiva que resulta da avaliação individual e subjectiva dos aspectos positivos e negativos associados ao relacionamento sexual (DeLamater & Friedrinch, 2002). Dijkstra e Barelds (2011) referem ainda que as pessoas podem experienciar a sua vida sexual de maneira distinta em função da idade, enfatizando que os diferentes valores da sociedade, cultura e religião que marcaram o período em que cada um se desenvolve influenciam a visão da sexualidade. Assim, este é um aspecto que necessita um estudo mais aprofundado, com o intuito de esclarecer de que modo a idade influi na satisfação sexual. Apesar disso, confirma-se a hipótese inicial que refere a existência de níveis mais elevados de satisfação sexual nos sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos.

Relacionado com a idade dos sujeitos, encontra-se o tempo de duração da relação, já que à medida que a idade avança, existe a tendência a que a duração do relacionamento avance também. Assim, os resultados obtidos sugerem que a satisfação sexual diminui com os anos de convivência, sendo que os índices de satisfação sexual mais elevados registam-se no grupo de participantes que mantêm relacionamentos entre 0 e 10 anos, sendo seguidos pelo grupo de sujeitos com relacionamentos cuja duração se situa entre os 11 e os 20 anos e por fim, os índices de satisfação sexual mais baixos, são registados no grupo de participantes com relações cuja duração se situa acima dos 20 anos. Confirma-se assim a hipótese inicial que refere índices de satisfação sexual mais baixos quanto mais elevada a duração da relação. Tais resultados corroboram a perspectiva de Weigel e Ballard-Reisch (1999), pois estes fazem referência às variações na satisfação sexual decorrentes dos anos de convívio. Quando um casal permanece junto por longo tempo, não significa necessariamente que tenham um bom relacionamento (Norgren et al., 2004; Scorsolini-Comin & Santos, 2009), pois a satisfação sexual e conjugal é diferente de estabilidade relacional/conjugal, podendo existir relacionamentos estáveis e duradouros, mas não satisfatórios. Assim, os resultados desta investigação encontram-se em concordância com Klusmann (2002), na medida em que este afirma que tanto nos homens como nas mulheres, a actividade e a satisfação sexual diminuem à medida que a duração da relação aumenta. Contrariamente, Barrientos e Páez (2006) verificaram que a duração da relação conjugal se relaciona positivamente com o ajustamento e com a satisfação sexual.

No que respeita aos resultados obtidos nas comparações consoante o estado civil, foi verificável que a satisfação sexual é mais baixa no grupo dos casados, seguidos pelos sujeitos em união de facto. Por seu lado, os solteiros são aqueles que evidenciam níveis de satisfação sexual mais elevados. A actividade sexual para grande parte das pessoas resume-se apenas ao acto em si, no entanto, esta é bem mais abrangente, englobando ter o companheiro junto de si, poder tocá-lo e ser tocado, expressar ternura e intimidade, influenciar pensamentos,

sentimentos e a própria saúde física e mental (Baptista & Silva, 2010). Assim, estes resultados parecem não estar em concordância com a literatura, na medida em que Barrientos e Páez (2006) defendem que as variáveis relacionadas com a proximidade dos sujeitos, como por exemplo estar apaixonado ou o ter um parceiro estável, contribuem para o aumento da satisfação sexual. De igual modo, Yeh e colaboradores (2006) através de um estudo longitudinal, verificaram a existência de relações causais entre a satisfação sexual e a instabilidade marital, sendo esta ideia reforçada por Lachtar, Lachtar & Jarraya (2006) que referem que o desejo sexual pode ser mantido pela estabilidade conjugal. Contudo, estes resultados poderão justificar-se, segundo Call, Sprecher e Schwartz (1995; cit. por Papalia, Olds & Feldman, 2006) pelo facto de a frequência de relações sexuais no casamento diminuir depois dos primeiros meses, ao que parece devido à perda da novidade. Isto pode mesmo conduzir à infidelidade, na medida em que algumas pessoas casadas buscam fora do relacionamento a intimidade sexual quando a excitação sexual com o cônjuge enfraquece. Vários aspectos poderão estar implicados nestes resultados, na medida em que a satisfação sexual é extremamente abrangente, englobando múltiplos aspectos (Baptista & Silva, 2010). Assim, confirma-se a hipótese inicial de que a satisfação sexual é mais baixa em relacionamentos de longa duração.

No que respeita à influência da satisfação com o relacionamento em geral na satisfação sexual, Meltzer e McNulty (2010) notam que as duas variáveis têm sido positivamente associadas, sendo que aparentemente quanto maior a satisfação com o relacionamento, maior será a satisfação sexual. Contudo, ainda não se encontra claro se é a satisfação sexual que influencia a satisfação com o relacionamento ou se, pelo contrário, é a satisfação com o relacionamento que influi a satisfação sexual (Call, Sprecher & Schwartz, 1995; cit. por Papalia, Olds & Feldman, 2006). Nesta linha, os resultados obtidos indicam que os sujeitos que referem estar muito satisfeitos com a relação são aqueles que evidenciam níveis mais altos de satisfação sexual. Contrariamente, são os sujeitos que dizem estar pouco satisfeito e nada satisfeitos com a relação, aqueles que apresentam menor satisfação sexual.

Apesar de existir uma distinção entre aquilo que é a satisfação com a relação e aquilo que é a satisfação sexual, os resultados indicam uma forte proximidade entre as duas, na medida em que a satisfação sexual, enquanto parte integrante da satisfação conjugal/relacional, interfere com a percepção de satisfação no relacionamento, sendo o contrário igualmente verdade, ou seja, a percepção de satisfação no relacionamento influi a satisfação sexual. Esta inferência iria assim ao encontro de Hudson e colaboradores (1981) que defendem a existência de uma distinção entre a satisfação sexual e outros construtos, como por exemplo a felicidade e outros componentes da relação, embora exista uma relação de interdependência entre elas (Hudson, Harrison & Crosscup, 1981).

Se a variável “ciúme” registou diferenças estatisticamente significativas no que se refere à religião, a satisfação sexual não parece ser afectada pelo facto dos participantes professarem (ou não) uma religião, na medida em que as diferenças são pequenas e sem significância estatística. Este resultado não confirma aquilo que Haavio-Manilla e Kontulla

(1997) defendem, já que estes sugerem que, indirectamente, a satisfação sexual se correlaciona com uma educação liberal e não religiosa.

Segundo diversos autores (Metz & Epstein, 2002; Menezes, 2008), relacionamentos conflituosos marcados por discussões, stress, negatividade, estão fortemente associados à insatisfação sexual. Nesta linha, os resultados da análise da satisfação sexual em função da ocorrência de diversos problemas revela uma satisfação sexual mais baixa em sujeitos que relatam existência de problemas, do que naqueles que referem a sua ausência. Deste modo, os participantes que relatam problemas de comunicação, discussões frequentes, problemas relacionados com os filhos, abuso de substâncias, agressões, interferência de terceiros, diferenças nos valores morais, diferenças religiosas e infidelidade, referem estar sexualmente menos satisfeitos, comparativamente ao grupo de participantes que não relatam estes problemas. Apesar disto, Veroff, Young e Coon (1997), afirmam que todos os relacionamentos pressupõem a existência de conflitos, no entanto, um conflito não implica necessariamente a insatisfação conjugal. Pode até intensificar a intimidade e ser indicativo de um funcionamento positivo. Assim, o importante não seria a presença de conflitos mas a forma como estes são resolvidos (Moore et al., 2004). Nesta perspectiva Veroff e colaboradores (1997), acrescentam que existem relacionamentos onde os parceiros acreditam que os desacordos se solucionavam através de discussões, sendo que estes possuem níveis de satisfação conjugal mais elevados. Contrariamente, quando os parceiros pensam que os desacordos não podem ser resolvidos, a satisfação é inferior.

Em suma, a qualidade de um relacionamento estaria assim fortemente associada com a forma como se resolvem os conflitos conjugais. Estes conflitos estendem-se também à sexualidade, e neste âmbito, a forma como os casais os resolvem aumenta ou diminui a qualidade e a satisfação sexual (Metz & Epstein, 2002). Litzinger e Gordon (2005) acrescentam que a satisfação sexual pode compensar, parcialmente, os efeitos negativos de uma comunicação pobre. Todavia, os dados salientam que a satisfação sexual é menor quando ocorrem problemas de comunicação, pelo que a relação sexual, por si só, não parece compensar os problemas existentes. Assim, estes resultados necessitam de, futuramente, ser explorados de forma mais aprofundada.

Foi ainda possível verificar uma diminuição da satisfação sexual nos participantes que vivenciaram uma ou mais experiências sexuais indesejadas, o que pode ser indicador da necessidade de se agir não apenas legalmente junto do agressor, mas igualmente agir através de intervenção psicológica junto das vítimas, na medida em que tais acontecimentos parecem influir na vivência da sexualidade e conseqüente satisfação sexual destas pessoas.

Por fim, os resultados indicam ainda uma correlação positiva entre a insatisfação sexual e o ciúme, ou seja, verifica-se que os níveis de ciúme e insatisfação sexual seguem a mesma direcção e que quando o ciúme aumenta, a insatisfação sexual aumenta também, e vice-versa. Ou seja, o aumento da insatisfação sexual pressupõe a diminuição da satisfação sexual, concluindo-se portanto que a satisfação sexual diminui quando ocorre o aumento do ciúme.

Se o ciúme pode destruir um relacionamento (Fonseca et al., 2005), se é um dos problemas mais comuns no aconselhamento conjugal e na terapia sexual (Silva, 1997) e se está associado com uma série de aspectos relacionais negativos, como os conflitos, a violência doméstica e divórcio (Barelds & Barelds-Dijkstra, 2007), não parece improvável que igualmente o relacionamento sexual seja afectado por ele. Os resultados confirmam assim esta ideia, sendo que não foi possível encontrar na literatura qualquer referência a estudos que corroborem ou refutem tais resultados, pelo que este parece ser um novo dado que se acrescenta ao campo do conhecimento científico.

O mesmo resultado foi observado para o domínio do ciúme cognitivo e para o ciúme comportamental, registando-se uma associação positiva e significativa entre estas variáveis e a insatisfação sexual. Contrariamente, o ciúme emocional é o único domínio onde se registou uma correlação negativa (contudo sem significância estatística), o que sugere que quando o ciúme emocional aumenta, a insatisfação sexual diminui, ou seja, quando o ciúme emocional aumenta, a satisfação sexual aumenta também. Do mesmo modo, não foi possível confirmar ou contradizer tais resultados através de outros estudos, visto não terem sido encontrados quaisquer registos. A hipótese inicialmente colocada que refere que quando o ciúme aumenta, a satisfação sexual tende a diminuir é assim confirmada, pois os resultados obtidos apontam neste sentido.

Contudo, embora a literatura não se refira directamente à relação entre ciúme e satisfação sexual, é possível encontrar referências ao ciúme cognitivo enquanto maior preditor de satisfação relacional do que o ciúme emocional (Anderson, 1995). Todavia, Andersen e colaboradores (1995) apontam para a ideia de que o ciúme cognitivo tem uma relação mais negativa com a satisfação relacional que o ciúme emocional, o que se assemelha aos resultados encontrados, pois a satisfação sexual diminui quando o ciúme cognitivo aumenta. Por seu lado, o ciúme emocional parece ser um maior preditor de satisfação sexual do que o ciúme cognitivo, na medida em que o primeiro parece aumentar quando a insatisfação sexual diminui, ou seja, aumenta ao mesmo tempo que a satisfação sexual aumenta.

Poderá assim inferir-se que o ciúme comportamental e cognitivo possuem um impacto negativo na satisfação sexual, contrariamente ao ciúme emocional. Contudo, é necessário salientar que há quem considere o ciúme como positivo, queixando-se da falta dele por parte do parceiro, sendo comum que um dos elementos do casal aja de forma a provocar uma reacção de ciúme no outro (Silva & Marks, 1997).

Nesta perspectiva, verificou-se que os sujeitos que integram o grupo do ciúme moderado são aqueles que possuem maior satisfação sexual. Por seu lado, o grupo de sujeitos que revela ciúme baixo, manifesta deter uma satisfação sexual mais baixa que os sujeitos com ciúme moderado. Além disto, os sujeitos com ciúme alto possuem maior satisfação sexual que o grupo de sujeitos com ciúme baixo, supondo-se assim que o ciúme elevado é um melhor preditor da satisfação sexual do que o ciúme baixo. Mediante estes resultados, o ciúme alto parece estar associado a índices de satisfação sexual mais elevados que o ciúme

baixo. Estes resultados parecem aproximar-se daquilo que foi dito por Mathes e colaboradores (1985), nomeadamente que o aumento do desejo sexual é, entre outros, um dos aspectos mais vulgarmente associados ao ciúme. Nesta perspectiva, Gikovate (2006) associa este aumento de desejo sexual em situações de ciúme à competitividade, na medida em que, perante a desconfiança ou até mesmo a certeza de uma traição, surge um maior empenho por parte da pessoa enciumada, para assim demonstrar a sua superioridade sexual comparativamente ao/à rival. Apercebendo-se disto, o outro membro do casal, poderia mesmo criar contextos geradores de ciúme, com vista à estimulação do desejo sexual. Por seu lado, Demirtaş & Dönmez (2006) verificaram uma relação positiva entre a satisfação com o relacionamento e a expressão do ciúme, o que poderá, apesar de indirectamente, estar relacionado com a relação entre ciúme e satisfação sexual encontrada neste estudo. Corrobora-se assim a perspectiva de que o ciúme em níveis moderados pode ser benéfico, simbolizando a manutenção do interesse pelo/a parceiro/a. Assim, confirma-se a hipótese inicial que refere que sujeitos com níveis moderados de ciúme possuem uma satisfação sexual mais elevada. Estes resultados devem no entanto ser analisados com cautela, na medida em que o grupo com ciúme baixo possui um número reduzido de participantes.

Um aspecto a ter em conta é que a satisfação sexual e o ciúme avaliados referem-se à percepção do sujeito que responde, não sendo possível determinar se o parceiro(a) possui a mesma percepção. É importante notar que um dos elementos do casal possa estar satisfeito sexualmente, apesar de sentir ciúme, mas que o outro membro possa não estar satisfeito, na medida em que é a vítima deste ciúme. Estariam aqui inerentes as questões relativas à necessidade de posse, sendo que a sua concretização gera o aumento da satisfação sexual.



## Capítulo 8 - Considerações finais

São várias as referências ao ciúme enquanto algo naturalmente presente nos relacionamentos amorosos, existindo diversos registos da sua ocorrência desde os primórdios da humanidade, o que leva a crer que o ciúme existe desde sempre, contudo com graus de importância e manifestações diferentes.

Embora sendo um dos temas de debate mais frequente entre os casais, a verdade é que este construto é ainda pouco compreendido, tornando-se a sua definição pouco clara. Apesar de a maior parte das conceptualizações estar em concordância no que concerne ao ciúme enquanto manifestação do receio de perder a pessoa amada para um(a) rival (real ou imaginário), permanece ainda a dicotomia entre o ciúme enquanto sentimento ou o ciúme enquanto emoção. Contudo, este parece ser um complexo que abarca ambas as coisas e às quais acrescem ainda pensamentos e comportamentos. Assim, o ciúme compreende 1) emoções como raiva, inveja e medo; 2) pensamentos relativos a uma possível infidelidade ou à comparação com o(a) rival; 3) comportamentos como busca de verificação de pistas, controlo excessivo, entre outros (Worley, 2009).

É no âmbito desta controvérsia que Pfeiffer e Wong (1989) propõem uma visão de ciúme enquanto construto multidimensional, englobando três componentes, nomeadamente o espectro cognitivo, emocional e comportamental, sendo que cada um deles influi o relacionamento de distintas formas. Apesar das investigações existentes se centrarem sobretudo na distinção entre o ciúme emocional e o ciúme sexual, a perspectiva do ciúme enquanto um complexo multidimensional pode ser mais benéfico para determinar possíveis relações entre o ciúme e outras variáveis.

Se há pessoas que encaram o ciúme como algo nefasto para o relacionamento amoroso, outros existem que o defendem enquanto protecção do amor. Eventualmente, o ciúme poderá assegurar o interesse pelo(a) parceiro(a), mantendo o amor e até tornando a relação sexual mais intensa. Todavia, outras perspectivas defendem que o ciúme pode afectar gravemente o relacionamento, sendo que em níveis desproporcionais poderá conduzir a um sofrimento imenso e ao conseqüente término da relação. Estaríamos neste caso a encaminhar-nos para aquilo que a ciência denomina como ciúme patológico. Este seria então marcado por um ciúme doentio, acompanhado por sentimentos e comportamentos obsessivos, que atentam contra a liberdade do outro (Buss, 2000).

Deste modo, do trabalho realizado foram extraídas algumas conclusões que se revelam pertinentes e emergem como um contributo para a compreensão do ciúme, nomeadamente no que concerne ao impacto deste na satisfação sexual. Considera-se importante sublinhar que nesta amostra, é o sexo feminino que evidencia maiores níveis de ciúme em todas as suas dimensões. Salienta-se também que é este grupo que apresenta menor satisfação sexual, facto que justifica a necessidade de se reflectir acerca dos mecanismos implícitos na percepção subjectiva de satisfação sexual e de se estudar mais

pormenorizadamente os factores que interferem com a percepção de satisfação sexual, especialmente na população feminina. De igual modo, parece pertinente que a sexualidade feminina deixe de ser estudada em decorrência da sexualidade masculina, mas sim como uma realidade independente e cujos factores de influência podem ser distintos dos factores que influem a satisfação sexual no homem. Eventualmente a ideia de que os homens apresentam maior satisfação sexual, desejam mais experiências sexuais, falam mais de sexo e apresentam atitudes mais positivas em relação à sexualidade (McCabe, 1999), pode ter mecanismos subjacentes que se encontram relacionados com a forma como a mulher encara a sua sexualidade, sendo imprescindível a busca de factores que justifiquem esta discrepância na percepção da satisfação sexual.

Os resultados obtidos relativamente a variáveis como estado civil e duração da relação, podem conduzir-nos à suposição que o casamento e os longos anos de união conduzem ao desaparecimento da novidade e à monotonia, factores que influem a percepção de satisfação sexual. Por seu lado, a diminuição do ciúme nos sujeitos casados e com relações mais duradouras pode indicar que a estabilidade acarreta um maior grau de confiança na relação mantida e no/a parceiro(a), reflectindo-se num maior sentimento de segurança por parte do outro membro do casal.

Também a idade dos sujeitos parece ter algum impacto na percepção de ciúme e da satisfação sexual, já que os sujeitos mais velhos relatam menos ciúme e também menor satisfação sexual, o que novamente parece estar relacionado, no caso do ciúme, com a estabilidade dos relacionamentos mantidos pelos sujeitos mais velhos. Contudo, estes relacionamentos estáveis não implicam necessariamente a satisfação sexual, podendo a relação ser estável, mas o grau de satisfação sexual ser baixo.

Foi também observado que a ocorrência recorrente de problemas no seio do casal coincide com níveis de ciúme mais elevados e índices de insatisfação sexual igualmente mais altos, o que se traduz numa diminuição da satisfação sexual. Isto parece indicar que a existência de problemas pode originar a diminuição da qualidade da relação, o que poderá eventualmente contribuir para o surgimento de ciúme. Relativamente à satisfação sexual, e embora a ocorrência de problemas não implique necessariamente uma deterioração no domínio sexual, a verdade, é que na amostra estudada, a ocorrência de problemas corresponde a uma menor satisfação sexual, o que sugere que os problemas quotidianos acabam por reflectir-se na vivência da sexualidade. Apesar disto, é importante sublinhar que mais importante do que a ocorrência do problema é a forma como estes são resolvidos, sendo que em alguns casos, a ocorrência e posterior resolução dos mesmos, pode até intensificar a intimidade e ser indicativo de um funcionamento positivo que fortalece a intimidade (Moore et al., 2004).

Em conformidade com Hudson, Harrison e Crosscup (1981), os resultados indicam uma proximidade entre a satisfação sexual e a satisfação com o relacionamento, na medida em que a primeira integra a segunda, influenciando-a e sendo por ela influenciada. Apesar disto, é importante salientar a dissociação entre a satisfação sexual e a satisfação relacional, sendo

que existirão certamente outras variáveis com influência significativa na satisfação com a relação mantida. Por seu lado, o ciúme parece ser maior nos relacionamentos pouco satisfatórios, o que nos remete para a questão da deterioração do relacionamento aquando da presença de ciúme.

Esta diminuição da satisfação relacional quando se regista a presença do ciúme, parece estar em concordância com outro resultado encontrado, nomeadamente o facto de a insatisfação sexual se encaminhar na mesma direcção do ciúme, isto é, quando o ciúme aumenta verifica-se um aumento da insatisfação sexual e vice-versa, o que se reflecte numa diminuição da satisfação sexual com o aumento do ciúme. Todavia, é impossível afirmar que o aumento de uma variável se deva ao aumento da outra.

Se tivermos em conta o ciúme enquanto um complexo multidimensional, e dando ênfase à importância de analisar os seus componentes individualmente, foi possível verificar que o ciúme total, o ciúme cognitivo e o ciúme comportamental se associam positivamente com a insatisfação sexual, reflectindo-se numa diminuição da satisfação sexual em decorrência do aumento do ciúme. No entanto, o mesmo não se regista no ciúme emocional que apresenta uma associação negativa com a insatisfação sexual, e sendo que a ocorrência de insatisfação sexual pressupõe a ausência de satisfação sexual, este resultado traduz-se num aumento da satisfação sexual aquando do aumento do ciúme emocional. Poder-se-á inferir que o ciúme comportamental e cognitivo é mais prejudicial ao relacionamento, sendo que o seu aumento poderá eventualmente conduzir à diminuição da satisfação sexual. Deduz-se ainda que estes dois domínios do ciúme são maiores preditores de insatisfação sexual do que o ciúme emocional. De facto, verificou-se que a satisfação sexual é mais elevada no grupo que apresenta níveis moderados de ciúme, comparativamente aos grupos que evidenciam níveis de ciúme alto e baixo. Contudo, o grupo de sujeitos com ciúme alto registou níveis de satisfação sexual mais elevado comparativamente ao grupo de sujeitos com ciúme baixo, sendo que este resultado deve ser analisado com especial cautela, na medida em que este segundo grupo possui um número de sujeitos reduzido.

Em suma, os resultados obtidos parecem estar em concordância com a perspectiva que coloca ênfase no ciúme enquanto protector da relação (DeSteno, Valdsolo & Bartlett, 2006), na medida em que quando está presente em níveis moderados pode evidenciar o interesse pelo outro e o desejo de não o perder. Pelo contrário, a ausência de ciúme/baixo ciúme parece não ser saudável para o relacionamento e concretamente para a satisfação sexual.

Estas conclusões surgem assim como um novo contributo para a investigação no âmbito do ciúme e mais concretamente para a investigação da influência deste na satisfação sexual, colmatando assim uma lacuna da investigação já realizada. O elevado número de participantes permite a retirada de conclusões gerais relativamente à população em estudo (população portuguesa), embora este processo deva ser feito com algum cuidado. Além disto, o presente trabalho representa uma contribuição no domínio social e científico, na medida em que fazer do ciúme um objecto de estudo científico, apenas se justifica se daí se

retirarem conclusões que contribuam para a compreensão dos relacionamentos humanos e especificamente dos relacionamentos amorosos. Realça-se ainda o carácter inovador da presente investigação, não pelo estudo do ciúme, mas sim pelo estudo da sua influência na satisfação sexual.

Algumas limitações podem ser apontadas a este trabalho, entre as quais se destaca a heterogeneidade da amostra, nomeadamente no que respeita às idades e às habilitações literárias, comprometendo assim a representatividade de alguns grupos. De igual modo, a recolha de dados online pode ter condicionado as características dos participantes, embora tal facto tenha tentado ser colmatado pela distribuição de questionários impressos, através de contacto directo. Apresenta-se também como limitação a ausência de literatura que abarque o estudo da relação entre o ciúme e a satisfação sexual, facto que dificulta o processo de discussão dos resultados obtidos, contrapondo-os com material já existente.

Assim, seria interessante futuramente o alargar do estudo a outro tipo de amostra, que abarque não apenas as relações heterossexuais, mas igualmente os relacionamentos homossexuais. De igual modo, uma análise mais aprofundada de algumas variáveis pode ser vantajosa para a compreensão de determinados aspectos, nomeadamente a menor satisfação sexual das mulheres comparativamente aos homens. Salienta-se também a importância de novos estudos que se debrucem nos efeitos do ciúme não apenas na satisfação sexual, mas na satisfação relacional, na medida em que este estudo ainda não foi efectuado para a população portuguesa. Tal como López (2002) referiu, é necessário abrir novos caminhos de pesquisa conceptual e empírica sobre a problemática do ciúme, na medida em que apesar de muito antiga, é ainda bastante incompreendida, não se esgotando portanto o conceito com a realização desta investigação.





## Referências bibliográficas

- Abbo, C. (2010). Considerações a respeito do ciclo de resposta sexual da mulher: uma proposta de entendimento. *Diagn Tratamento*, 15(2), 88-90.
- Almeida, T. (2007). *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Almeida, T., & Centeville, V. (2008). *Propostas psicoterapêuticas para vítimas do ciúme patológico*. Comunicação apresentada na VI Jornada Apoiar: saúde mental e violência: contribuições no campo da psicologia clínica social, São Paulo
- Almeida, T., Rodrigues, K., & Silva, A. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de psicologia*, 13(1), 83-90.
- Alonso, J., Martínez, B., Díaz, M., & Calvo, F. (2004). Factores biológicos, psicológicos y sociales de la sexualidad en los ancianos. *Revista Multidisciplinar de Gerontologia*, 14(3), 150-157.
- Andersen, P. (1995). Romantic Jealousy and Relational Satisfaction: A Look at the Impact of Jealousy Experience and Expression. *Communication Reports*, 8(2), 77-85.
- Andersen, P., Eloy, S., Guerrero, L., & Spitzberg, B. (1995). Romantic jealousy and relational satisfaction: A look at the impact of jealousy experience and expression. *Communication Reports*, 8(2), 77-85.
- Araújo, M. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: ciência e profissão*, 22(2), 70-77.
- Aune, K., & Comstock, J. (1991) Experience and expression of jealousy: Comparison between friends and romantics. *Psychological Reports*, 69(1), 315-319.
- Aune, k., & Comstock, J. (1997). Effect of relationships lenght on the experience, expresión, and perceived appropriateness of jealousy. *Journal of social Psuchology*, 137(1), 23-31.
- Aylor, B., & Dainton, M. (2001). Antecedents in romantic jealousy experience, expression, and goals. *Western Journal of Communication*, 65(4), 370-391.
- Banfield, S., & McCabe, M. (2001). Extra relationship involvement among women: Are they different from men? *Archives of Sexual Behavior*, 30(2), 119-142.
- Baptista, M., & Silva, H. (2010). Actividade sexual na doença cardíaca. *Jornal da Secção Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros*, 8(25), 8.
- Barelds, D., & Barelds-Dijkstra, P. (2007). Relations between different types of jealousy and self and partner perceptions of relationship quality. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 14(3), 176-188.
- Barelds, D., & Dijkstra, P. (2006). Reactive, anxious and possessive forms of jealousy and their relation to relationship quality among heterosexuals and homosexuals. *Journal of Homosexuality*, 51(3), 183-198.

- Barnett, O., Martinez, T., & Bluestein, B. (1995). Jealousy and romantic attachment in maritally violent and nonviolent men. *Journal of Interpersonal Violence*, 10(4), 473-486.
- Baroncelli, L. (2011). Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 163-170.
- Barrientos, J., & Páez, D. (2006). Psychosocial Variables of Sexual Satisfaction in Chile. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32(5), 351-368.
- Bevan, J., & Samter, W. (2004). Toward a broader conceptualization of jealousy in close relationships: Two exploratory studies. *Communication Studies*, 55(1), 14-28.
- Bhugra, D. (1993). Crosscultural Aspects of Jealousy. *International Review of Psychiatry*, 5(2-3) 271-280.
- Brewer, G. (2010). Sexual dimorphism in stature (SDS), jealousy and mate retention. *Evolutionary Psychology*, 8(4), 530-544.
- Brewer, G., & Riley, C. (2009). Height, relationship satisfaction, jealousy, and mate retention. *Evolutionary Psychology*, 7(3), 477-489.
- Bridges, A., Lease, S., & Ellison, C. (2004). Predicting Sexual Satisfaction in Women: Implications for Counselor Education and Training. *Journal of counseling e development*, 82(2), 158-166.
- Bringle, R. (1981). Conceptualizing jealousy as a disposition. *Alternative Lifestyles*, 4(3), 274-290.
- Buss, D. (2000). *The dangerous passion: why jealousy is a necessary as love and sex*. New York: The Free Press.
- Buss, D., Larsen, R., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science*, 3(4), 251-255.
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: a study of married couples. *Personal Relationships*, 15, 141-154.
- Buunk, A. (2011). Gender differences in the jealousy-evoking effect of rival characteristics: a study in Spain and Argentina. *Journal of cross-cultural psychology*, 42(3), 323-339.
- Buunk, B. (1981) Jealousy in sexually open marriages. *AlternativeLifestyles*, 4(3), 357-372.
- Buunk, B. (1997). Personality, birth order and attachment styles as related to various types of jealousy. *Personality and Individual Differences*, 23(6), 997-1006.
- Buunk, B., & Dijkstra, P. (2004). Gender differences in rival characteristics that evoke jealousy in response to emotional versus sexual infidelity. *Personal Relationships*, 11(4), 395-408.
- Buunk, B., & Hupka, R. (1987). Cross-cultural differences in the elicitation of sexual jealousy. *The Journal of Sex Research*, 23(1), 12-22.
- Buunk, B., Angleitner, A., Oubaid, V., & Buss, D. (1996). Sex differences in jealousy in evolutionary and cultural perspective: tests from the Netherlands, Germany, and the United States. *Psychological Science*, 7(6), 359-363.

- Byers E., & MacNeil, S. (2006). Further validation of the interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 32(1), 53-69.
- Byers, E., & Demmons, S. (1999). Sexual satisfaction and sexual disclosure within dating relationships. *The Journal of sex research*, 36(2), 180-189.
- Byers, S. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *The Journal of Sex Research*, 42(2), 113-118.
- Canto, J. (2011). Jealousy and sexism: a comparative study between a Spanish sample and Cuban sample. *Revista de psicologia social*, 26(1), 33-43.
- Capellá, A. (2003). *Sexualidades humanas, amor e loucura*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Carpenten, L., Nathanson, C., & Kim, Y. (2009). Physical women, emotional men: gender and sexual satisfaction in midlife. *Archives of Sexual Behavior*, 38, 87-107.
- Carvalho, A., & Leal, I. (2008). Os determinantes da satisfação sexual feminina. Um estudo português. *Revista Internacional de Andrología*, 6(1), 3-7.
- Carvalho, L., Bueno, J., & Kebleris, F. (2008). Estudos psicométricos preliminares do Inventário de Ciúme Romântico - ICR. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 335-246.
- Clarke, J., DeCicco, T., & Navara, G. (2010). An investigation among dreams with sexual imagery, romantic jealousy and relationship satisfaction. *International Journal of Dream Research*, 3(1), 45-50.
- Costa, N. (2005). Contribuições da Psicologia Evolutiva e da Análise do Comportamento Acerca do Ciúme. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 005-013.
- Costa, N., & Barros, R. (2008). Celos: un ejercicio de interpretación desde la perspectiva del análisis de la conducta. *Revista diversitas - perspectivas en psicología*, 4(1), 139-147.
- Davidson, J., Darling, C., & Norton, L. (1995). Religiosity and the sexuality of women: Sexual behaviour and sexual satisfaction revisited. *The Journal of Sex Research*, 32(3), 235-243.
- De Silva, P. (1997). Jealousy in couple relationships: nature, assessment and therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 35(11), 973-985.
- Del Priore, M. (2005). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- DeLamater, J., & Friedrich W. (2002). Human sexual development. *The Journal of Sex Research*, 39(1), 10-14.
- Demirtaş, H., & Dönmez, A. (2006). Jealousy in close relationships: personal, relational, and situational variables. *Turkish Journal of Psychiatry*, 17(3), 1-11.
- Derogatis, L. (1982). Self-report measures of stress. In L. Goldberger & S. Brenznitz (Eds.), *Handbook of stress* (pp.270-294). Nova York: Free Press.
- DeSteno, D., & Salovey, P. (1996). Evolutionary origins of sex differences in jealousy? *Psychological Science*, 7(6), 367-372.
- DeSteno, D., Barlett, M., Braverman, J., & Salovey, P. (2002). Sex differences in jealousy: evolutionary mechanism or artifact of measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(5), 1103-1116.

- DeSteno, D., Valdesolo, P., & Bartlett, Y. (2006). Jealousy and the threatened self: Getting to the Herat ad the green-eyed monster. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(4), 626-641.
- Dijkstra, P., & Barelds, D. (2011). Women, sex and modern society: the sex lives of readers of a dutch women`s magazine. *International Journal of Sexual Health*, 23, 35-47.
- Duarte, A., Furiatti, C., Valentim, F., Longhin, M., & Balthazar, M. (s.d). Ciúme: normal ou doentio? *Terra e Cultura*, 20(39), 85-90.
- Edalati, A., & Redzuan, M. (2010). A quantity study of marital satisfaction, romantic jealousy and female`s aggression (psychological and physical). *The Social Sciences*, 5(2), 82-88.
- Edalati, A., & Redzuan, M. (2010). The Relationship between Jealousy and Aggression: A Review of Literatures Related to Wives` Aggression. *European Journal of Scientific Research*, 39(4), 498-504.
- Fernández, A., Olcay, R., Castro, P., Escobar, L., & Fuentes, C. (2003). Diferencias sexuales en los celos: diferencias sexuales en la experiencia subjetiva de celos en jóvenes chilenos: prueba del alcance intercultural de la psicología evolucionista. *Universitas Psychologica*, 2(2), 101-107.
- Fernández, A., Olcay, R., Castro, P., Escobar, L., & Fuentes, C. (2003). Diferencia sexuales en la experiencia subjetiva de celos en jóvenes Chilenos: Prueba del alcance intercultural de la psicología evolucionista. *Universitas Psychologica*, 2, 101-107.
- Ferrand, J. (2008). Se o ciúme é um sinal diagnóstico do amor e da melancolia erótica? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(3), 488-289.
- Ferreira-Santos, E. (2007). *Ciúme: o lado amargo do amor*. São Paulo: Ágora.
- Fonseca, A., Cavalcanti, A., Bagnoli, V., Paixão, J., Penteado, S., Cardose, E., et al. (2008). Efeitos do valerato de estradiol associado ao acetato de ciproterona em alguns parâmetros clínicos e da sexualidade em mulheres na pós-menopausa. *Einstein*, 6(2), 170-174.
- Fonseca, F., Nery, L., & Benigno, L. (2005). Ciúme: diferenças e semelhanças de gênero. *Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental*, 1, 1-4.
- Garcia, A., & Cano, D. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e prática*, 11(3), 143-156.
- Gatzeva, M., & Paik, A. (2009). Emotional and physical satisfaction in noncohabiting, cohabiting, and marital relationships: the importance of jealousy conflict. *Journal of Sex Research*, 48(1), 29-42.
- Gikovate, F. (2006) *Ensaios sobre o amor e a solidão*. São Paulo: MG Editores.
- Gomides, J. (2002). A definição do problema de pesquisa a chave para o sucesso do projecto. *Revista do Centro do Ensino Superior de Catalão - CESUC*, 6(6).
- Gonzaga, G., Turner, R., Keltner, D., Campos, B., & Altemus, M. (2006). Romantic love and sexual desire in close relationships. *Emotion*, 6(2), 163-179.

- Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (1985). Proneness to romantic jealousy and responses to jealousy in others. *Journal of Personality*, 53(3), 468-479.
- Guerrero, L., Trost, M., & Yoshimura, S. (2005). Romantic jealousy: emotions and communicative responses. *Personal Relationships*, 12(2), 233-252.
- Haavio-Mannila, E., & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, 26(4), 399-419.
- Hall, C., & Lindzey, G. (1984). *Teorias da personalidade*. São Paulo: EPU.
- Harris, C. (2000). Psychophysiological responses to imagined infidelity: the specific innate modular view of jealousy reconsidered. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(6), 1082-1091.
- Harris, C. (2003). A review of sex differences in sexual jealousy, including self-report data, psychophysiological responses, interpersonal violence, and morbid jealousy. *Personality and Social Psychology Review*, 7(2), 102-128.
- Harris, C. (2003). Factors associated with jealousy over real and imagined infidelity: an examination of the social-cognitive and evolutionary psychology perspective. *Psychology of Women Quarterly*, 27(4), 319-329.
- Harris, C. (2004). The evolution of jealousy. *American Scientist*, 92(1), 62-71.
- Harris, C. (2005). Male and female jealousy, still more similar than different: replay to Sagarin. *Personality and Social Psychology Review*, 9(1), 76-86.
- Harris, C., & Christenfeld, N. (1996). Gender, jealousy and reason. *Psychological Science*, 7(6), 364-366.
- Harris, C., & Cristenfeld, N. (1996). Jealousy and rational responses to ineidelly across gender and culture. *Psychological Science*, 7(6), 378-379.
- Harvey, J., Wenzel, A., & Sprecher, S. (2006). The Handbook of Sexuality in Close Relationships. *Archives of Sexual Behavior*, 35, 759-760.
- Hilcar, T. (2005). *No trem da vida*. Campo Grande: Letra livre.
- Hudson, W., Harrison, D., & Crosscup, P. (1981). The index of sexual satisfaction. *The Journal of Sex Research*, 17(2), 157-174.
- Hupka, R. (1981). Cultural determinants of jealousy. *Alternative lifestyle*, 4(3), 310-356.
- Hupka, R. (1984). Jealousy: compound emotion or label for particular situation? *Motivation and Emotion*, 8(2), 141-155.
- Kaslow, F., & Hammerschmidt, H. (1992). Long-term "good" marriages: the seemingly essential ingredients. *Journal of Couples Therapy*, 3(2/3), 15-38.
- Kennedy-Lightsey, C., & Booth-Butterfield, M. (2011). Responses to jealousy situations that evoke uncertain in married and dating relationships. *Communication Quarterly*, 59(2), 255-275.
- Kennedy-Lightsey, C., & Booth-Butterfield, M. (2011). Responses to jealousy situations that evoke uncertain in married and dating relationships. *Communication Quartely*, 59(2), 255-275.

- Kingham, M., & Gordon, H. (2004). Aspects of morbid jealousy. *Advances in Psychiatric Treatment, 10*(3), 207-215.
- Klusmann, D. (2002). Sexual Motivation and the Duration of Partnership. *Archives of Sexual Behaviour, 31*(3), 275-287.
- Knobloch, L., Solomon, D., & Cruz, M. (2001). The role of relationship development and attachment in the experience of romantic jealousy. *Personal Relationships, 8*(2), 205-224.
- Lachtar, C., Lachtar, F., & Jarraya, A. (2006). Sexual desire in Tunisian conjugal couple: particularities and maintenance factors. *Annales Médico Psychologiques, 164*, 402-409.
- Laumann, E., Paik, A., & Rosen, R. (1999). Sexual dysfunction in the United States: Prevalence and predictors. *Journal of the American Medical Association, 281*(6), 537-544.
- Lawrance, K & Byers, E. (1998). Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction Questionnaire. In C. Davis, W, Yarber, R. Bauserman, G. Shreer, & S. Davis (Eds.), *Sexuality-related measures: A compendium*(pp.514-519). Thousand Oaks: Sage.
- Lazarus, R. (1993). From psychological stress to the emotions: a history of changing outlooks. *Annual Review of Psychology, 44*, 1-21.
- Leal, I. (1986). A mulher e o amor no século XVI: afetividade, sexualidade, casamento - uma abordagem do tema. *Análise social, 22*(92-93), 769-778.
- Leal, I., & Maroco, J. (2010). *Avaliação em sexualidade e parentalidade*. Porto: Livpsic.
- Leiva, P., Jacinto, L., & Ortiz, J. (2001). Reacción de celos ante una infidelidad: diferencias entre hombres y mujeres y características del rival. *Psicothema, 13*(4), 611-616.
- Levillain, P., & Marcos, L. (1996). Comportamento social de los celos. *Psicothema, 8*(3), 445-456.
- Litzinger, S., & Gordon, K. (2005). Exploring Relationships Among Communication, Sexual Satisfaction, and Marital Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy, 31*(5), 409-424.
- López, F. (2002). Celos: un caso de aplicación de la psicoterapia analítica funcional. *Apuntes de Psicología, 20*(3), 347-368.
- Lucas, C., Oliveira, C., & Monteiro, M. (2009). Perturbação do desejo sexual hipoativo: prevalência, diagnóstico e tratamento. *Mudanças: Psicologia da Saúde, 17*(2), 101-112.
- Machado, L. (2007). *Satisfação e insatisfação no casamento: os dois lados de uma mesma moeda?* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Martínez, T., & Pascual, C. (1995). *Comprender la sexualidad: para una orientación integral* . Madrid: San Pablo.
- Mathes, E. (1985). Jealousy and romantic love: A longitudinal study. *Psychological Reports, 58*(3), 885 - 886.

- Mathes, E., Adams H., & Davies, R. (1985). Jealousy: loss of relationships rewards, loss of self-esteem, depression, anxiety, and anger. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48(6), 1552-1561.
- McCabe, M. (1999). The Interrelationship between intimacy, relationship functioning, and sexuality among men and women in committed relationships. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 8(1), 31-38.
- Melamed, T. (1992). Personality correlates of physical height. *Personality and Individual Differences*, 13(12), 1349-1350
- Meltzer, A., & McNulty, J. (2010). Body image and marital satisfaction: evidence for the mediating role of sexual frequency and sexual satisfaction. *Journal of family psychology*, 4(2), 156-164.
- Menezes, M. (2008) satisfação conjugal, auto-estima e imagem Corporal em indivíduos ostomizados. (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Meston. C., & Trapnell, P. (2005). Development and validation of a five-factor sexual satisfaction and distress scale for women: The sexual satisfaction scale for women (SSS-W). *Journal of Sexual Medicine*. 2(1), 66-81.
- Metz, M., & Epstein, N. (2002). Assessing the Role of Relationship Conflict in Sexual Dysfunction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28(2), 139-164.
- Miller, S., & Maner, J. (2009). Sex differences in response to sexual versus emotional infidelity: the moderating role of individual differences. *Personality and Individual Differences*, 46(3), 287-291.
- Monclús, E. (2005). Celos, celos patológicos y delirio celotípico. *Revista de Psiquiatria de la Facultad de Medicina de Barcelona*, 32(1), 14-22.
- Monteiro, A. (2006). A percepção do ciúme no processo de escolha de parceiros: uma perspectiva evolucionista. (Tese de mestrado não publicada). Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Moore, K., Jekielek, S., Bronte-Tinkew, J., Guzman, L., Ryan, S. & Redd, Z. (2004). What Is "Healthy Marriage"? Defining the concept. *Child Trends*, 16, 1-8.
- Murphy, S., Vallancher, R., & Shackelford, T. (2006). Relationship experience as a predictor of romantic jealousy. *Personality and Individual Differences*, 40(4), 761-569.
- Murteira, B. (1993). Análise exploratório de dados - estatística descritiva. Lisboa: McGraw-Hill.
- Nobre, P. & Pinto-Gouveia, J. (2006). Emotions During Sexual Activity: Differences Between Sexually Functional and Dysfunctional Men and Women. *Archives of Sexual Behavior*, 35(4), 491-499.
- Nobre, P. (2006). *Disfunções sexuais*. Lisboa: Climepsi.
- Nobre, P., & Pinto-Gouveia, J. (2008a). Cognitive and Emotional Predictors of Female Sexual Dysfunctions: Preliminary Findings. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 34(4), 325-342.

- Nobre, P., & Pinto-Gouveia, J. (2008b). Differences in Automatic Thoughts Presented During Sexual Activity Between Sexually Functional and Dysfunctional Men and Women. *Cognitive Therapy and Research*, 32(1), 37-49.
- Nobre, P., Pinto-Gouveia, J., & Gomes, F. (2003). Sexual Dysfunctional Beliefs Questionnaire: an instrument to assess sexual dysfunctional beliefs as vulnerability factors to sexual problems. *Sexual and Relationship Therapy*, 18(2), 171-204.
- Norgren, M., Souza, R., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584.
- Nunes, L. (2006) O ciúme nas relações amorosas contemporâneas. (Dissertação de mestrado não publicada). UFRJ/IP, Rio de Janeiro.
- Nunes, L. (2006). *O ciúme nas relações amorosas contemporâneas*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Olson, D. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Ortiz, J., & Gálvez, M. (2009). Diferencias entre sexos en los celos románticos: una confrontación teórica. *Psicología em foco*, 2(1), 120-130.
- Ortiz, J., Leiva, P., & Jacinto, L. (2009). Celos y emociones: Factores de la relación de pareja en la reacción ante la infidelidad. *Athenea Digital- Revista de pensamiento e investigación social*, 15, 39-55.
- Pacheco, J. (1998). *O tempo e o sexo*. Lisboa: Livros horizonte.
- Palton, D., & Waring, E. (1985). Sex and marital intimacy. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 11(3), 176-184.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2006). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Pastore, J. (2008). Amor e sexualidade: uma linguagem extraviada. *Psicanálise e cultura*, 31(47), 48-53.
- Paul, L., & Galloway, J. (1994). Sexual jealousy: Gender differences in response to partner and rival. *Aggressive Behavior*, 20(3), 203-211.
- Pechorro, P. (2006). *Funcionamento sexual e ciclo-devida em mulheres portuguesas*. (Tese de mestrado não publicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Pechorro, P., Diniz, A., & Vieira, R. (2009). Satisfação sexual feminina: relação com funcionamento sexual e comportamentos sexuais. *Análise psicológica*, 1(27), 99-108.
- Pereira, H., Leal, I., & Maroco, J. (2009). *Psicologia da identidade sexual*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Peterson, J., & Hyde, J. (2011). Gender differences in sexual attitudes and behaviors: a review of meta-analytic results and large datasets. *The Journal of Sex Research*, 48(2-3), 149-165.
- Pfeiffer, S., & Wong, P. (1989). Multidimensional jealousy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6(2), 181-196.

- Pines, A., & Aronson, E. (1983). Antecedents, correlates, and consequences of sexual jealousy. *Journal of Personality*, 51(1), 108-136.
- Pinto, B. (2010). Eu e você somos um: Implicações do ciúme na sexualidade feminina e nas relações amorosas da atualidade sob o olhar da gestalt-terapia. *Revista IGT*, 7(12), 117-175.
- Polaino-Lorente, A. (1998). *Sexo y cultura: Análisis del comportamiento sexual*. Madrid: Ediciones Rialp.
- Pujols, Y., Meston, C., & Seal, B. (2010). The association between sexual satisfaction and body image in women. *The Journal of Sexual Medicine*, 7(2), 905-916.
- Ramos, A., & Calegaro, M. (2001). A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), 293-295.
- Reizinho, R. (2008). Satisfação sexual na mulher com dependência alcoólica. (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Ríos, C. (2002). El sufrimiento por celos posesivos. *Psicoanálisis - APdeBA*, 24(3), 389-401.
- Rosen, R., Brown, C., Heiman, J., Leiblum, S., Meston, C., Shabsigh, R., et al. (2000). The Female Sexual Function Index (FSFI): a multidimensional self-report instrument for the assessment of female sexual function. *Journal of Sex Marital Therapy*, 26(2), 191-208.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2), 265-273.
- Russell, E., & Harton, H. (2005). The 'other factors': Using individual and relationship characteristics to predict sexual and emotional jealousy. *Current Psychology*, 24(4), 242-257.
- Rust, J., & Golombok, S. (1986). The GRISS: A psychometric instrument for the assessment of sexual dysfunction. *Archives of Sexual Behavior*, 15(2), 157-165.
- Rust, J., & Golombok, S. (1998). *The GRISS: a psychometric scale and profile of sexual dysfunction*. In C. Davis, W. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer & G. Davis (Eds.), *Handbook of sexuality-related measures* (pp.192-194). London: Sage publications.
- Rydell, R., McConnell, A., & Bringle, R. (2004). Jealousy and commitment: Perceived threat and the effect of relationship alternatives. *Personal Relationships*, 11(4), 451-469.
- Sagarin, B., & Guadagno, R. (2004). Sex differences in the contexts of extreme jealousy. *Personal Relationships*, 11(3), 319-328.
- Sagarin, B., Becker, D., Guadagno, R., Nicastle, L., & Millevoi, A. (2003). Sex differences (and similarities) in jealousy. The moderating influence of infidelity experience and sexual orientation of the infidelity. *Evolution and Human Behavior*, 24(1), 17-23.
- Salovey, P., & Rodin, J. (1985). The heart of jealousy. *Psychology Today*, 22-25, 28-29.
- Sánchez, F., & Martín, A. (1997). *Aproximaciones al estudio de la sexualidad*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- Santos, E. (2002). Ciúme e crime: uma observação preventiva. *Revista de Psicologia da Vector Editora*, 3(2), 74-77.

- Santos, F. (1996) *Ciúme o medo da perda*. São Paulo: Ática.
- Santos, M., & Scorsolini-Comin, F. (2009). Casar e ser feliz: mapeando a mensuração da satisfação conjugal. *Psico*, 40(4), 430-437
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. (2009). Casar e ser feliz: mapeando a mensuração da satisfação conjugal. *Psico*, 40(4), 430-437.
- Shackelford, T., & Buss, D. (2000). Marital satisfaction and spousal cost-infliction. *Personality and Individual Differences*, 28(5), 917-928.
- Shackelford, T., LeBlanc, G., & Drass, E. (2000). Emotional reactions to infidelity. *Cognition and emotion*, 14, 643-659.
- Shackelford, T., Voracek, M., Schmitt, D., Buss, D., Weekes-Shackelford, V., & Michalski, R. (2004). Romantic jealousy in early adulthood and in later life. *Human Nature*, 15(3), 283-300.
- Sheets, V., & Wolfe, M. (2001). Sexual jealousy in heterosexuals, lesbians, and gays. *Sex Roles*, 44(5-6), 255-276.
- Silva, M. (2008). Satisfação sexual e auto-conceito na mulher com incontinência urinária. (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Silva, P. (1997). Jealousy in couple relationships: nature, assessment and therapy. *Behavior Research and Therapy*, 35(11), 973-985.
- Silva, P., & Marks, M. (1997). O problema dos ciúmes no casal. *Psicologica*, 17, 5-17.
- Sophia, E. (2008). *Amor patológico: aspectos clínicos e de personalidade*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sophia, E., Tvaes, H., & Zilberman, M. (2007). Pathological love: is it a new psychiatric disorder? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(1), 55-62.
- Southard, A., & Abel, M. (2010). Sex Differences in Romantic Jealousy: Evaluating Past and Present Relationship Experience. *American Journal of Psychological Research*, 6(1), 41-49.
- Soyka, M., & Schmidt, P. (2011). Prevalence of delusional jealousy in psychiatric disorders. *Journal of Forensic Sciences*, 56(2), 450-452.
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *The Journal of Sex Research*, 39(3), 190-196.
- Sung, M., & Lim, Y. (2010). Factors affecting sexual satisfaction in Korean women who have undergone a hysterectomy. *Australian Journal of Advanced Nursing*, 27(2), 46-54.
- Theiss, J., & Solomon, D. (2006). Coupling Longitudinal Data and Multilevel Modeling to Examine the Antecedents and Consequences of Jealousy Experiences in Romantic Relationships: A Test of the Relational Turbulence Model. *Human Communication Research*, 32(4), 469-503.
- Torres, A., Ramos-Cerqueira, A., & Dias, R. (1999). O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21(3), 158-173.

- Tozo, I., Moraes, J., Lima, S., Gonçalves, N., Auge, A., Rossi, L., et al. (2009). Avaliação da sexualidade em mulheres submetidas à histerectomia para tratamento do leiomioma uterino. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetricia*, 31(10), 503-507.
- Veroff, J., Young, A., & Coon, H. (1997). The early years of marriage. In S. Duck (Ed.). *Handbook of personal relationships: theory, research and interventions*. (pp. 431-450). Chichester: John Wiley & Sons, Ltd.
- Vilarinho, S., & Nobre, P. (manuscrito em preparação). *Golombok-Rust Inventory of Sexual Satisfaction (GRISS; Rust & Golombok, 1986): Psychometric properties of the Portuguese experimental version*.
- Weeks, J. (1998). *Sexualidade*. México: Paidós.
- Weigel, D., & Ballard-Reisch, D. (1999). How couples maintain marriages: a closer look at self and spouse influences upon the use of maintenance behaviors in marriages. *Family Relations*, 48(3), 263-269.
- White, G. (1991). Self, relationship, friend, and family: Some applications of systems theory to romantic jealousy. In P. Salovey (Eds.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 231-251). New York: Guilford Press.
- Wiederman, M., & Kendall, E. (1999). Evolution, Sex, and Jealousy: Investigation with a sample from Sweden. *Evolution and Human Behavior*, 20(2), 121-128.
- Wincze, J., & Carey, M. (2001). *Sexual Dysfunction. A guide for assessment and treatment*. New-York: The Guilford Press.
- Wolfe, L. (2003). *Jealousy and transformation in polyamorous relationships*. (Tese de mestrado não publicada). The Institute for Advanced study of Human Sexuality, San Francisco.
- Worley, T. (2009). *Jealousy in triadic relationships: a relational turbulence approach*. (Tese de mestrado não publicada). University of Georgia, Georgia.
- Yeh, H., Lorenz, F., Wickrama, K., Conger, R., & Elder, G. (2006). Relationship among sexual satisfaction, marital quality, and marital instability in midlife. *Journal of family psychology*, 20(2), 339-343.
- Zihlerl, S. (2010). Differences in predictors of sexual satisfaction and in sexual satisfaction between female and male university students in Slovenia. *Psychiatria Danubina*, 22(3), 425-429.



## Anexos

---



## Anexo 1

---



Tabela relativa aos valores de Skewness e Kurtosis dos itens da Escala  
Multidimensional de ciúme.

	<i>Skewness</i>	<i>Kurtosis</i>
Item1	2,069	4,226
Item2	1,834	3,204
Item3	1,113	0,704
Item4	2,567	6,844
Item5	0,594	-0,314
Item6	0,598	-0,301
Item7	2,997	9,286
Item8	1,543	2,150
Item9	1,832	3,119
Item10	1,538	1,776
Item11	0,702	-0,037
Item12	1,236	1,107
Item13	0,975	0,344
Item14	0,794	0,030
Item15	1,886	10,003
Item16	2,997	10,103
Item17	-0,043	-0,127
Item18	-0,544	0,112
Item19	-0,111	-0,232
Item20	-0,653	0,539
Item21	-1,839	4,191
Item22	-1,630	2,864
Item23	-1,130	0,570
Item24	0,036	-0,419



## Anexo 2

---





*UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR*

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
CIÚME E SATISFAÇÃO SEXUAL**

O presente questionário insere-se no âmbito da dissertação de mestrado, com vista à obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade da Beira Interior, sob a orientação do Professor Doutor Henrique Pereira.

Assim, este visa o estudo do ciúme enquanto fenómeno inerente ao ser humano, avaliando a possível relação entre este e a satisfação sexual, na população portuguesa.

Deste modo, o presente questionário avalia:

- Dinâmica relacional;
- Ciúme;
- Satisfação sexual.

Posto isso, gostaria de pedir a sua colaboração, através do preenchimento do questionário que se segue, solicitando a maior seriedade e honestidade na resposta às questões colocadas.

**Toda a informação recolhida é anónima e confidencial, sendo que em circunstância alguma será identificado(a). Os dados obtidos destinam-se apenas a fins de investigação. Em momento algum forneça o seu nome ou outro elemento identificativo.**

**ATENÇÃO:** ESTE QUESTIONÁRIO DESTINA-SE APENAS A PESSOAS COM IDADE SUPERIOR A 18 ANOS, QUE POSSUAM UMA VIDA SEXUAL ACTIVA, ENQUADRADA NUM RELACIONAMENTO HETEROSSEXUAL ESTÁVEL.

**Muito obrigado pela sua colaboração!**

E-mail: [ciume.investigacao@gmail.com](mailto:ciume.investigacao@gmail.com)  
Acompanhe esta investigação: [www.catarinalucas.pt.am/](http://www.catarinalucas.pt.am/)

Catarina Lucas

**QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO**

SEXO maculino\_\_feminino\_\_

IDADE \_\_\_\_\_anos

**MEIO DE RESIDÊNCIA**

1- Rural	
2- Urbano	

**HABILITAÇÕES LITERÁRIAS**

1- Não sabe ler nem escrever	
2- Sabe ler e escrever	
3- 4ª classe	
4- 5º ao 6º ano	
5- 7º ao 9º ano	
6- Ensino secundário	
7- Ensino superior	

**ESTADO CIVIL**

1- Solteiro(a)	
2- Casado(a)	
3- Viúvo(a)	
4- Divorciado(a)	
5- União de facto	

**ETNIA**

1- Caucasiana	
2- Negróide	
3- Asiática	
4- Latina	
5- Outra	

**QUESTÕES RELACIONAIS**

**1 - Parceiro(a) sexual actual:**

- 1- Nenhum \_\_
- 2- Namorado \_\_
- 3- Namorada \_\_
- 4- Mulher \_\_
- 5- Marido \_\_
- 6- Múltiplos parceiros (as) :

**2- Caso mantenha uma relação com um companheiro/a, há quanto tempo dura?** (por favor, especifique duração em anos ou meses) \_\_\_\_\_

**3- Idade do/a companheiro/a:** \_\_\_\_\_anos

**4- Número de filhos** \_\_\_\_\_

**5- Grau de Satisfação no relacionamento com o relacionamento**

Muito baixo    1    2    3    4    5    Muito alto

**6- Da seguinte lista, indique qual, ou quais os problemas presentes no seu relacionamento.**

- 1- Comunicação \_\_\_
- 2- Discussões frequentes \_\_\_
- 3- Filhos \_\_\_
- 4- Abuso de substâncias (ex: drogas, álcool, etc) \_\_\_
- 5- Agressões (físicas, verbais ou psicológicas) \_\_\_
- 6- Interferência de terceiros (ex: família) \_\_\_
- 7- Diferenças nos valores morais \_\_\_
- 8- Diferenças religiosas \_\_\_
- 9- Infidelidade \_\_\_
- 10- Nenhum
- 11- Outros Indique quais

### HISTÓRIA MÉDICA

**1- Possui alguma doença física?**

- 1- Não \_\_\_
- 2- Sim \_\_\_ se sim, indique qual \_\_\_\_\_

**2- Possui alguma doença mental?**

- 1- Não \_\_\_
- 2- Sim \_\_\_ se sim, indique qual \_\_\_\_\_

**2 – Toma alguma tipo de medicação?**

- 1- Não \_\_\_
- 2- Sim \_\_\_ se sim, indique qual \_\_\_\_\_

**3 – Fase do Climatério (indique com x o que mais se adequa) (apenas para mulheres)**

- 1- Pré-menopausa \_\_\_    2- Peri-menopausa \_\_\_    3- Pós-menopausa \_\_\_

### RELIGIÃO

**1- Professa alguma religião? sim \_\_\_ não \_\_\_ Se sim, indique qual \_\_\_\_\_**

**2- Grau de crença na sua religião? (marque o número mais adequado)**

Muito pouco    1    2    3    4    5 MUITÍSSIMO

**3- Qual é o grau em que considera ser praticante? (marque o número mais adequado)**

Muito pouco    1    2    3    4    5 MUITÍSSIMO

**COMPORTAMENTOS SEXUAIS**

**1- Alguma vez teve uma experiência sexual não desejada (ex: violação)?**

SIM \_\_\_ NÃO\_\_\_ Se sim, foi: esporádica\_\_ ou continuada no tempo\_\_?

**2- Como definiria a sua orientação sexual? (marque com um x)**

Exclusivamente homossexual 1 2 3 4 5 Exclusivamente  
heterossexual

**ESCALA MULTIDIMENSIONAL DO CIÚME**

(PFEIFFER & WONG, 1989)

<b>COM QUE FREQUÊNCIA TEM OS SEGUINTE PENSAMENTOS SOBRE O/A SEU/SUA PARCEIRO/A?</b>					
	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a se encontra secretamente com outra pessoa.	1	2	3	4	5
2. Estou preocupado/a que alguém ande a perseguir o/a meu/minha parceiro/a.	1	2	3	4	5
3. Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a se sinta atraído/a por outra pessoa.	1	2	3	4	5
4. Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a esteja envolvido/a fisicamente com alguém nas minhas costas.	1	2	3	4	5
5. Acho que algumas pessoas estão romanticamente interessadas no/a meu/minha parceiro/a.	1	2	3	4	5
6. Preocupa-me que alguém esteja a tentar seduzir o/a meu/minha parceiro/a.	1	2	3	4	5
7. Acho que o/a meu/minha parceiro/a esteja a ter uma relação íntima secreta com alguém.	1	2	3	4	5
8. Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a se sinta interessado/a por outras pessoas.	1	2	3	4	5
<b>COM QUE FREQUÊNCIA TEM OS SEGUINTE COMPORTAMENTOS?</b>					
	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas	Sempre
9. Mexo nas gavetas, nas pastas ou nos bolsos do/a meu/minha parceiro/a.	1	2	3	4	5
10. Telefono inesperadamente ao/à meu/minha parceiro/a apenas para saber onde está.	1	2	3	4	5
11. Questiono o/a meu/minha parceiro/a sobre relações românticas antigas e/ou recentes.	1	2	3	4	5
12. Costumo dizer algo negativo cerca de alguém sobre o/a qual o/a meu/minha parceiro/a mostra algum interesse.	1	2	3	4	5
13. Questiono o/a meu/minha parceiro/a sobre os seus telefonemas.	1	2	3	4	5
14. Questiono o/a meu/minha parceiro/a sobre os seus paradeiros.	1	2	3	4	5
15. Aproximo-me quando vejo o/a meu/minha parceiro/a a falar com alguém.	1	2	3	4	5
16. Faço visitas surpresa ao/à meu/minha parceiro/a apenas para ver com quem ele/ela está.	1	2	3	4	5
<b>COMO REAGIRIA EMOCIONALMENTE À SITUAÇÃO SEGUINTE?</b>					
	Muito bem	Mais ou menos	Nem bem nem mal	Mal	Muito mal
17. O/A seu/sua parceiro/a comenta consigo como alguém é atraente.	1	2	3	4	5
18. O/A seu/sua parceiro/a mostra um grande interesse ou entusiasmo em alguém.	1	2	3	4	5
19. O/A seu/sua parceiro/a sorri de uma forma muito amigável a outra pessoa.	1	2	3	4	5
20. Alguém está constantemente a tentar aproximar-se do/a seu/sua parceiro/a.	1	2	3	4	5
21. O/A seu/sua parceiro/a namorisca com alguém.	1	2	3	4	5
22. Alguém anda a encontrar-se com o/a seu/sua parceiro/a.	1	2	3	4	5
23. O/A seu/sua parceiro/a abraça e beija alguém.	1	2	3	4	5
24. O/A seu/sua parceiro/a trabalha ao lado de alguém (na escola ou no escritório).	1	2	3	4	5

**INVENTÁRIO DE SATISFAÇÃO SEXUAL GOLOMBOK RUST**

(Versão masculina)

(GRISS; Rust & Golombok, 1986)

(Tradução e adaptação de Sandra Vilarinho e Pedro Nobre, 2005)

**INSTRUÇÕES:**

Cada uma das questões abaixo listadas, é seguida por uma série de respostas possíveis:

**1 = nunca; 2 = quase nunca; 3 = ocasionalmente; 4 = habitualmente; 5 = sempre**

Leia cada questão cuidadosamente e decida qual das respostas melhor descreve o modo como as coisas têm acontecido consigo recentemente; seguidamente, assinale o número correspondente. Por favor, responda a todas as questões. Se não tiver a certeza em relação à resposta mais precisa, assinale a que considerar mais apropriada. Não demore muito tempo em cada questão. Por favor, responda a este questionário sem discutir qualquer das questões com o seu parceiro. Para que possamos obter informação válida, é importante que responda de modo tão honesto e preciso quanto possível a cada uma das questões.

**TODA A INFORMAÇÃO SERÁ TRATADA COM ESTRITA CONFIDENCIALIDADE.**

	Nunca	Quase nunca	Ocasionalmente	Habitualmente	Sempre
1. Tem relações sexuais mais do que duas vezes por semana?	1	2	3	4	5
2. É-lhe difícil dizer à sua parceira o que gosta e não gosta no vosso relacionamento sexual?	1	2	3	4	5
3. Excita-se sexualmente com facilidade?	1	2	3	4	5
4. É capaz de atrasar a ejaculação durante o acto sexual se pensar que está a ser muito rápido?	1	2	3	4	5
5. Está insatisfeito com a variedade da sua vida sexual com a sua parceira?	1	2	3	4	5
6. Desagrada-lhe tocar e acariciar os genitais da sua parceira?	1	2	3	4	5
7. Fica tenso e ansioso quando a sua parceira quer praticar sexo?	1	2	3	4	5
8. Tem prazer em ter relações sexuais com a sua parceira?	1	2	3	4	5
9. Pergunta à sua parceira o que é que ela gosta ou não gosta no vosso relacionamento sexual?	1	2	3	4	5
10. Não consegue ter uma erecção?	1	2	3	4	5
11. Sente que existe falta de amor e afecto no relacionamento sexual com a sua parceira?	1	2	3	4	5
12. Tem prazer em que o seu pénis seja tocado e acariciado pela sua parceira?	1	2	3	4	5
13. Consegue evitar uma ejaculação muito rápida durante o acto sexual?	1	2	3	4	5
14. Tenta evitar praticar sexo com a sua parceira?	1	2	3	4	5
15. Considera satisfatório o relacionamento sexual com a sua parceira?	1	2	3	4	5
16. Consegue ter uma erecção durante os preliminares com a sua parceira?	1	2	3	4	5
17. Há semanas em que não pratica qualquer actividade sexual?	1	2	3	4	5
18. Tem prazer na masturbação mútua com a sua parceira?	1	2	3	4	5
19. Se quiser praticar sexo com a sua parceira toma a iniciativa?	1	2	3	4	5
20. Desagrada-lhe ser abraçado e acariciado pela sua parceira?	1	2	3	4	5
21. Tem relações sexuais com a frequência que gostaria?	1	2	3	4	5
22. Recusa-se a praticar sexo com a sua parceira?	1	2	3	4	5
23. Perde a erecção durante o acto sexual?	1	2	3	4	5
24. Tem uma ejaculação sem querer quase imediatamente após a entrada do seu pénis na vagina da sua parceira?	1	2	3	4	5
25. Tem prazer em abraçar e acariciar o corpo da sua parceira?	1	2	3	4	5
26. Sente-se desinteressado em sexo?	1	2	3	4	5
27. Ejacula por acidente imediatamente antes da entrada do seu pénis na vagina da sua parceira?	1	2	3	4	5
28. Sente nojo em relação àquilo que faz quando está a fazer amor?	1	2	3	4	5

**MUITO OBRIGADO!**

**INVENTÁRIO DE SATISFAÇÃO SEXUAL GOLOMBOK RUST**  
(GRISS; Rust & Golombok, 1986)  
(versão feminina)  
(Tradução e adaptação de Sandra Vilarinho e Pedro Nobre, 2006)

**INSTRUÇÕES:**

Cada uma das questões abaixo listadas, é seguida por uma série de respostas possíveis:  
**1 = nunca; 2 = quase nunca; 3 = ocasionalmente; 4 = habitualmente; 5 = sempre**

Leia cada questão cuidadosamente e decida qual das respostas melhor descreve o modo como as coisas têm acontecido consigo recentemente; seguidamente, assinale o número correspondente. Por favor, responda a todas as questões. Se não tiver a certeza em relação à resposta mais precisa, assinale a que considerar mais apropriada. Não demore muito tempo em cada questão. Por favor, responda a este questionário sem discutir qualquer das questões com o seu parceiro. Para que se consiga obter informação válida, é importante que responda de modo tão honesto e preciso quanto possível a cada uma das questões.

**TODA A INFORMAÇÃO SERÁ TRATADA COM ESTRITA CONFIDENCIALIDADE.**

	Nunca	Quase nunca	Ocasionalmente	Habitualmente	Sempre
1. Sente-se desinteressada em sexo?	1	2	3	4	5
2. Pergunta ao seu parceiro o que é que ele gosta ou não gosta no vosso relacionamento sexual?	1	2	3	4	5
3. Há semanas em que não existe qualquer actividade sexual?	1	2	3	4	5
4. Excita-se sexualmente com facilidade?	1	2	3	4	5
5. Está satisfeita com o tempo que demora com o seu parceiro em preliminares?	1	2	3	4	5
6. Considera a sua vagina tão apertada que o pénis do seu parceiro não consegue entrar?	1	2	3	4	5
7. Tenta evitar praticar sexo com o seu parceiro?	1	2	3	4	5
8. Consegue atingir um orgasmo com o seu parceiro?	1	2	3	4	5
9. Tem prazer em abraçar e acariciar o corpo do seu parceiro?	1	2	3	4	5
10. Considera satisfatório o relacionamento sexual com o seu parceiro?	1	2	3	4	5
11. É-lhe possível inserir o seu dedo na sua vagina sem desconforto?	1	2	3	4	5
12. Desagrada-lhe tocar e acariciar o pénis do seu parceiro?	1	2	3	4	5
13. Fica tensa e ansiosa quando o seu parceiro quer praticar sexo?	1	2	3	4	5
14. Considera impossível atingir um orgasmo?	1	2	3	4	5
15. Tem relações sexuais mais do que duas vezes por semana?	1	2	3	4	5
16. É-lhe difícil dizer ao seu parceiro o que gosta e não gosta no vosso relacionamento sexual?	1	2	3	4	5
17. É possível o pénis do seu parceiro entrar na sua vagina sem desconforto?	1	2	3	4	5
18. Sente que existe falta de amor e afecto no relacionamento sexual com o seu parceiro?	1	2	3	4	5
19. Tem prazer em que os seus genitais sejam tocados e acariciados pelo seu parceiro?	1	2	3	4	5
20. Recusa-se a praticar sexo com o seu parceiro?	1	2	3	4	5
21. Consegue atingir o orgasmo quando o seu parceiro estimula o seu clítoris durante os preliminares?	1	2	3	4	5
22. Sente-se insatisfeita com o tempo que o seu parceiro demora no acto sexual em si mesmo?	1	2	3	4	5
23. Sente nojo em relação ao que faz enquanto faz amor?	1	2	3	4	5
24. Considera a sua vagina de tal modo apertada que o pénis do seu parceiro não consegue penetrar com profundidade?	1	2	3	4	5
25. Desagrada-lhe ser abraçada e acariciada pelo seu parceiro?	1	2	3	4	5
26. A sua vagina fica húmida enquanto faz amor?	1	2	3	4	5
27. Tem prazer em ter relações sexuais com o seu parceiro?	1	2	3	4	5
28. Não consegue atingir o orgasmo durante o acto sexual?	1	2	3	4	5



## Anexo 3

---





UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

**Formulário de consentimento informado**

Para os devidos efeitos, declaro que estou de acordo em participar na Dissertação de Mestrado “Ciúme e Satisfação Sexual na População Portuguesa”, tendo como investigadora Catarina Oliveira Lucas, sob a orientação do Professor Doutor Henrique Pereira da Universidade da Beira Interior (Covilhã).

Foi-me dada uma explicação integral da natureza e objectivos do estudo e concedida a possibilidade de indagar e esclarecer todos os aspectos que me pareceram pertinentes.

Sei que sou livre de não participar no estudo, se for esse o meu desejo.

A minha identidade jamais será revelada e os dados permanecerão confidenciais, concordando que estes sejam analisados pela investigadora.

Declaro ainda que a minha idade é superior a 18 anos.

Li com atenção e aceito de livre vontade participar no estudo:

Assinatura da Investigadora: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_